

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras



Numero 3

Manaus—Amazonas



Setembro—1955

PATRONOS E OCUPANTES DAS NOSSAS POLTRONAS

CADEIRAS	PATRONOS	OCUPANTES
nº 1	Gonzaga Duque	Pericles Moraes
nº 2	Euclides da Cunha	Dom Alberto Gaudêncio Ramos
nº 3	Raul Pompéia	Agnello Bittencourt
nº 4	Silvio Romero	(vaga) - - ALFREDO DA MATA
nº 5	Martins Junior	André Vidal de Araujo
nº 6	Eduardo Prado	José Jorge de Carvalhal
nº 7	Maranhão Sobrinho	Alvaro Maia
nº 8	Torquato Tapajós	Antônio Mavignier de Castro
nº 9	Machado de Assis	Felix Valois Coelho
nº 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro
nº 11	José Veríssimo	Djalma Batista
nº 12	Sousa Bandeira	Mithridates Alvaro de Lima Corrêa
nº 13	Tobias Barreto	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro
nº 14	Adolfo Caminha	Moacyr Rosas
nº 15	Tomás Lopes	João Mendonça de Sousa
nº 16	José do Patrocínio	(vaga) + JOÃO LEDA
nº 17	Francisco de Castro	Leôncio de Salignac e Sousa
nº 18	B. Lopes	Aristophano Antony
nº 19	Oswaldo Cruz	Genesino Braga
nº 20	Afonso Arinos	Padre Raimundo Nonato Pinheiro
nº 21	Tenreiro Aranha	Padre José Pereira Neto (eleito)
nº 22	Farias Brito	Manuel Anísio Jobim
nº 23	Cruz e Sousa	Nunes Pereira
nº 24	Joaquim Nabuco	Sadoc Pereira
nº 25	Aluísio Azevedo	Raul de Azevedo
nº 26	Raimundo Corrêa	Waldemar Pedrosa
nº 27	Lafayette Pereira	Washington Cesar Mello
nº 28	Anibal Teófilo	Hugo Bellard
nº 29	Capistrano de Abreu	José de Castro Monte
nº 30	Tito Lívio de Castro	Thiago de Mello

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada em 1.º de Janeiro de 1918

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

SÉDE PRÓPRIA : — Rua Ramos Ferreira — MANAUS

ANO XXXVII

N.º 3

1955



Manaus

— Amazonas

A ATUAL DIRETORIA QUE REGE OS DESTINOS

DA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Presidente — PERICLES MORAES

Vice-Presidente — ANDRÉ VIDAL DE ARAUJO

Secretário Geral — ARTHUR VIRGILIO C. RIBEIRO

1º Secretário — Padre RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

2º Secretário — MARIO YPIRANGA MONTEIRO

Bibliotecário — MITHRIDATES ALVARO DE LIMA
CORRÊA.

Tesoureiro — MOACYR ROSAS

PRESIDENTE DE HONRA
General NELSON DE MELO

* * * * *

OBSERVAÇÃO: O mandato da referida Diretoria, eleita no dia 3 de Maio de 1951, manter-se-á até o dia 3 de Maio de 1956, quando se realizarão novas eleições.

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

SUMÁRIO:

	<i>Pags.</i>
<i>Retrato do escritor Benjamim Lima</i>	
<i>Benjamim Lima e a Academia — Pericles Moraes . . .</i>	7
<i>Dois autógrafos de Camilo — Dom Alberto Gaudêncio Ramos</i>	21
<i>Estética Literária — Padre Nonato Pinheiro</i>	23
<i>Mestre e Paladino do Idioma — Leopoldo Péres . . .</i>	26
<i>Cultura Amazônica (II) Djalma Batista</i>	34
<i>Duas páginas amazônicas — Mavignier de Castro . .</i>	43
<i>Enchente Grande — Álvaro Maia</i>	48
<i>Uma impertinência de gramáticos — Felix Valois Coelho</i>	50
<i>Benjamin Lima, jornalista, escritor e teatrólogo — Raul de Azevedo</i>	59
<i>Eternidade da Poesia — André Araujo</i>	68
<i>Os Ventos — Thiago de Mello</i>	71
<i>Tobias Barreto — Arthur Virgílio</i>	73
<i>Nos arquivos de João Leda</i>	76
<i>A cadeira n.º 30 — Pericles Moraes</i>	85
<i>Discurso de recepção do Acadêmico Thiago de Mello</i>	90
<i>Notas Acadêmicas</i>	104
<i>Resenha bibliográfica</i>	111



BENJAMIN LIMA, Jornalista, Escritor e Teatrólogo

Benjamin Lima e a Academia

PERICLES MORAES

Se durante a sua grande existência de homem cerebral, atormentado pelo drama de cruciante enfermidade, que contrastava paradoxalmente com os triunfos de sua carreira de escritor, o plasmador de "O homem que marcha" tivesse pensado em fixar num livro de memórias os estádios de sua vida e as formas superiores do seu espírito, decerto relembriaria o papel preponderante que lhe coube na fundação da Academia Amazonense de Letras. O seu nome, com efeito, está de tanta maneira vinculado às tradições do sodalício amazónico que, esquecê-lo nesta hora, quando a Revista, em sua nova fase, recorda os seus vultos exponenciais, seria desmarcada injustiça e abominável ingratitude. Benjamin de Araujo Lima, por uma série de circunstâncias fortuitas, foi dos que mais contribuíram para a criação do maior dos nossos institutos de cultura. Aclamámo-lo para a sua primeira presidência porque, no momento, lhe sobravam, mais do que a qualquer um outro de sua geração, requisitos de capacidade e merecimento para concretizar-lhe as aspirações. Capacidade de iniciativa, antes de tudo, que se exteriorizava e tomava corpo através das palavras, dos atos e da autonomia de suas atitudes. Merecimento que o singularizava pelo magnífico esforço a prol das letras do vale equinoxial, prestigiando-as nas altas esferas intelectuais metropolitanas.

Talvez bem poucos saibam, no Amazonas, que a agremiação letrada de tamanho relêvo em sua vida cultural, foi a realização objetiva de apenas três idealistas de uma legião de sonhadores, que a morte já desbaratou em sua grande maioria. A essa tríade de visionários, indisputavelmente, deve-se a concepção da idéia, que depois tomou forma e, como árvore frondosa em campos de sementeira, criou raízes,

floresceu e frutificou. Os movimentos literários, aí por volta de 1917, revelavam-se de escassa envergadura, em decorrência do pessimismo e do desânimo que inoculavam as fibras dos mais enérgicos, já vencidos e ressabiados pela mornidão ambiente. Dentre todos, porém, o mais audaz era Benjamin Lima. No pressuposto de que, quando disciplinada, a pertinácia se transmuda em força irresistível, a sua impetuosa mocidade comprazia-se em gestos de renúncias e ousadias. Expunha as suas idéias com decisão e franqueza, estimulando os mais tímidos, excitando os mais céticos, encorajando os mais retraídos, convencido de que, fossem quais fossem os empecilhos, os tropeços e os perigos da tarefa, seria de nosso dever sobrepujá-los, destroçando tôdas as barreiras. Radicalmente infenso ao falso dogma de que as coteries esterilizam, julgava que a formação das mentalidades e dos valores culturais não se processava isoladamente. Dependia, em grande parte, dos grêmios intelectuais, transformados em elementos de vitalidade e instrumentos de acesso para as experiências cerebrais. Lembra-me que, de uma feita, em defesa do seu ponto-de-vista controverso, por entre a graça e a malícia de esfusiantes boutades, concitava-nos a fundar uma Academia de Emulação, que nos tornasse "imortais", embora ao jeito daquela fundada pelo abade Lalanne, no colégio Stanislas, em França, a que pertenceu Anatole France, aos quatorze anos de idade. . .

O outro, que se colocara ao nosso lado por forte imposição temperamental e levado pela mesma comunhão espiritual e afetiva, identificando-se por gestos de altruísmo e desprendimento, chamava-se José Chevalier. Era meu amigo diletíssimo. Nasceramos exatamente no mesmo ano, e eu o estremecia como a um irmão muito querido. Quando de sua morte, no Rio, em 1938, tentei bosquejar-lhe o retrato nas molduras de "Paisagens de uma vida", inserto em *CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS*, uma das páginas humanas e dilacerantes que procuraram traduzir as angústias da minha emoção. Ainda agora, tanto tempo depois, relendo-a comovidamente, sinto o amargor dos avatares que o acabrunharam, em desafio à beleza moral do homem e às doçuras embebecedoras do seu coração.

Completava a turma revolucionária — como eu compreendo agora a tortura dos pintores de auto-retratos! — o mais frágil dos três e, por isso mesmo, o mais afoito. Convencido de que a glória era uma cidadela que facilmente se arrebatava de assalto, esse arrogante e empavonado D'Artañan, transpirando filáucia por todos os póros, evadira-se das páginas de Dumas para provocar duelos, transformando a espada em cálamo acutilante, esgrimido em tôdas as direções. Ninguém escapava aos assomos de sua hipertrofia individual. Recordo-me bem da charge atribuída ao lapis de um J. Carlos regional, exibindo em traços caricaturais o modelo vivo do árdego mosqueteiro: um chantecler afeito às rinhas sangrentas, de crista e papo empinados, presumindo-se de bom esporão, a cacarejar doestos contra os bonzos e manipansos que então infestavam as capoeiras literárias.

Nesta hora de evocações, quando confronto as duas fisionomias: a de ontem, que reflete o desabusado iconoclasta, com a irreverência de suas posturas desabridas, e a de hoje, — serena, condescendente, tutelar, fazendo das experiências de uma vida inteiramente devotada às letras, o incentivo para a juventude que mal descerra os olhos para a vida sem pensar nos entreveros do destino; nesta hora crepuscular em que "a velhice, segundo advertia Leopoldo Péres, no "Jardim das Fontes Silenciosas", deve ter a suave majestade, o prestígio religioso das sombras"; nesta hora de ceticismo e desencanto, já no limiar da eternidade, em que só acredito numa grandeza eterna e imutável, a de Deus, — força incognoscível cujo potencial de energia e de ação excede às medidas da sabedoria humana —, quando contemplo os dois retratos, já desbotados pelas injúrias do tempo, quase que não os reconheço, tamanha a disparidade das linhas e dos contornos que lhes deformam a textura. O inflexível empresário de demolições, outrora temido supersticiosamente, aquele mesmo que na mocidade soprava labaredas para atizar incêndios, ao chegar no fim da estrada, pedregosa e marginada de urzes, se transformou no pacato "bombeiro" da sátira de Humberto de Campos, e se recolhe, como um franciscano, à solidão do cláustro, exorando aos céus a remissão dos seus pecados de homem e de escritor malogrado.

Éramos assim nos primórdios deste século: ingênuos, agressivos, desavisados. Os desatinos da inexperiência atentando contra as realidades e as contingências da vida, com a irrellexão do Cavaleiro da Triste Figura, que desafiava gigantes, arremetendo contra moinhos de vento.

Uma noite — há quantos anos de distância! — atraídos pela extrema sedução da palavra de Benjamin Lima, que era um maravilhoso instrumento de expressão a traduzir-lhe a eloquência e a lucidez das idéias, rumámos para o recanto paradisíaco que era a antiga residência do casal feliz, à rua Monsenhor Coutinho, um prédio de arquitetura obsoleta, com três janelas de frente e gradil de ferro, hoje pertencente ao ilustre causídico doutor Gualter Marques Batista, homem de preclaras virtudes, cujo nome impoluto está duplamente ligado aos destinos do Silcéu amazônico, uma vez que o seu primogênito é o porta-estandarte de suas gloriosas tradições. Nessa mansão senhorial, ao estrépito de bagues, que Courteline não desdenharia, e ao lampejo de paradoxos, que provocavam o sorriso bondoso de Dona Cacilda, peregrina inteligência de mulher e sua esposa e colaboradora muito amada, reuriram-se os três legionários da cruzada intelectual e plantaram a semente fecunda. Até alta madrugada, sem se aperceberem das horas que corriam, trocavam idéias e perpetravam trocadilhos, enquanto Benjamin Lima, para "oxigenar o ambiente", ouvindo acordes de Chopin revelados em surdina por Dona Cacilda, em seu Dornier harmonioso, declamava Verriaine, nas sonoras ondulações dos seus sanglots longs des violons de l'automne. . . Cogitava-se não apenas do nome com que deveria ser batizado o cenáculo em via de gestação, mas sobretudo, no entrechoque de opiniões e simpatias em sentidos divergentes, no que dizia respeito ao número e à madureza dos candidatos, tendo-se em conta, como precípua credencial, o talento, a cultura e a projeção mental dos aspirantes à "imortalidade". Após debates acalorados, tudo se resumiu em uma fórmula conciliatória. O cenáculo, por motivos óbvios, teria somente trinta componentes, e denominar-se-ia, em definitiva, Sociedade Amazônica de Homens de Letras. Três dias depois, a imprensa estampava uma nota de sensação, indicando os nomes dos afortunados, entre os quais avultavam os de Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Araujo Filho, Jorge de Moraes, Raul de

Azevedo, João Leda e Jonas da Silva, este último transfigurado em São João das trovas e baladas, com o sucesso atordoante dos "Uhlanos". Agitaram-se fragorosamente os arraiaia literários. Os que ficaram à margem na seleção, arguíram-na de puro arbítrio, por apaixonada e em detrimento de valores autênticos, que foram julgados e preteridos por juizes incapazes, sem nenhuma autoridade. Uma saraivada de impropérios desabou sobre nossas cabeças. Eu me sentia o mais visado e fingia não perceber as contumélias dos que foram proscritos. Chevalier, elevando a voz altissonante, não dissimulava a sua indignação, rebatendo os zicives em termos rípidos. Benjamin Lima, como um semi-deus pagão, tinha nos lábios um sorriso irônico, que valia por um dardo fulminante. Os pseudo-idealistas — era o aforismo do despeito e da vaidade — careciam de envergadura mental; e a assembléia do beletismo indígena, que germinava crivada de epigramas, destinava-se a estrondoso fracasso. Graças, porém, à teimosia dos mais recalcitran-tes, falharam os presságios sombrios. Semanas depois, a arrancada da inteligência congregava em sessão ordinária os trinta membros convocados, que a ela compareceram sem exceção de um só. Aclamaram presidente o jornalista Benjamin Lima, que com sua modéstia característica declinou da honraria, transferindo o cetro cobiçado às mãos de Adriano Jorge, cuja eloquência era uma torrente luminosa. Assinada pelos presentes a ata da fundação, alguns dias mais tarde, contrariando os máus augúrios da maledicência, inaugurava-se solenemente a S.A.H.L., no pavimento superior do edifício da Biblioteca Pública, no salão da Assembléia Legislativa do Estado. Governava o Amazonas, na época, o ilustre bahiano Alcântara Bacelar, que se não descurou da instituição embrionária e, como um proficiente ginecologista, se desvelou por sua viabilidade. Ocultando-se com o pseudônimo de Rogério Bruno, Álvaro Maia assinalava o acontecimento nas filigranas de uma crônica que se tornou histórica. A mim impuseram o encargo, sobremodo desvanecedor, de proferir a oração inaugural, que se reduziu a alguns conceitos mofinos e sem lustre, em demasia elogiados pelos jornais. Ocupei-me, por essa ocasião, da obra de Gonzaga Duque, patrono da cadeira nº 1, que me pertence até hoje, e fiz algumas considerações, sem

veleidades eruditas, sôbre a figura de Tolstoi, mestre-escritor de Iasnaia Poliana, estudando-lhe a configuração do pensamento.

O advento da Revista do Norte, em 1919, consolidou a nossa posição nos círculos intelectuais da cidade. Nada obstante a sua feitura gráfica desajeitada, canhestamente provinciana, ostentava brilhantíssima colaboração nos dois únicos números publicados, onde se destacavam uma viva e formosa página — “Balada de Agosto”, delicioso poema em prosa que poderia ter a assinatura de Baudelaire; e um ensaio de linhas concisas e vigorosas, ambos de Benjamin Lima, êste último em tórno da figura do “Dante, o supremo unificador”, refletindo as exuberantes possibilidades de dantólogo e condensando o lastro imenso de sua cultura humanística. Começamos então a ser olhados com certa indulgência pelos infatigáveis derrotistas, e a Revista legitimava as nossas ambições, alcançando o estágio de sua cristalização. O nosso grande Raul de Azevedo, homem de ação, de inteligência e de vontade, sugeriu que, a exemplo das associações congêneres do país, o nome da S. A. H. L. fosse transformado em ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Essa modificação, só por só, se nos aligutava um prenúncio alviçareiro. Caminhos veludosos demarcavam os nossos itinerários, quando, bruscamente, nos advém o primeiro contratempo: Benjamin Lima, tendo a saúde gravemente comprometida, viaja para o Rio, e lá se deixa ficar, abrindo profundo sulco em nossas trincheiras. Logo em seguida sofremos um revés maior: Heliodoro Balbi, o primus inter pares de nossa aristocracia mental, cuja oratória eletrizante dava a lembrar um bólido humano, falecia nos barrancos do Acre. Ficámos desarvorados. Todavia, os dois golpes estonteantes e sucessivos não lograram arrefecer o élan dos idealistas. Confiávamos nos desígnios providenciais e não desanimávamos. Foi quando, como por efeito de um milagre, nos surgiu um Mecenas inesperado: o capitão Nelson de Mello, que é hoje general dos mais valorosos e bravos do exército, em cujos bordados gloriosos resplendem os rasgos de sua intrepidez nas campanhas da Itália. Nobre, generoso, intuitivo, o Interventor Federal do Amazonas após a revolução de 30, desde o primeiro instante compreendeu a penosa conjuntura dos homens-de-lettras planiciários. Vivíamos como

ilotas amaldiçoados, lutando contra a impostura e a impermeabilidade do meio hostil, e o abandono dos governantes apedeutas, que só galardoavam os mediócras e os subservientes, sem uma casa onde realizássemos as nossas tertúlias, sem biblioteca, sem livros, sem arquivos, sem um jornal para a expansão de nossas idéias. Nelson de Mello, sob a ação catalítica de sua personalidade, deu-nos tudo: honrarias, sede própria, mobiliário moderno, tribuna, poltronas acadêmicas, em suma, todo o aparato sóbrio e imprescindível às organizações estritamente literárias. E não foi só. Determinou que a Revista da Academia fosse editada, gratuitamente, nas oficinas do "Diário Oficial". Depois, a supervisão de Leopoldo Neves, o incorruptível Governador constitucional, fez o resto, remodelando a arquitetura anacrônica do edifício da Academia, comparecendo pessoalmente às sessões solenes, atendendo solícito às exigências do organismo em formação, facilitando-lhe elementos econômicos e cumulando-o de favores e distinções.

Entrementes, do Rio, para o nosso insofrido envaidecimento, chegavam notícias propiciatórias de Benjamin Lima, recebido na metrópole como embaixador da cultura amazônica, constituindo-se ali, de repente, assim pelo aticismo do seu estilo, como pela modelagem das idéias escrupulosamente amanhadas, o ponto de convergência das elites do país. Dos amavios de sua palestra, à maneira fulgurante de Pompeyo Gener, provinha o sortilégio de que ninguém se poderia premunir. Alves de Souza, educado na escola jornalística de Antônio Lemos, em "A Província do Pará", e que substituiu a João Lage na direção de "O Paiz", saudava-o entusiasticamente como partícipe fulgurante de um núcleo lúcido de talentos que, nos rincões adustos da região setentrional, animava e prestigiava o esplendor da mentalidade brasileira. Coelho Netto acolheu-o de braços abertos na Escola Dramática, onde foi lida, sob aplausos da assistência seletíssima, a sua primeira peça teatral — "A Revolta do Ídolo", concebida e realizada "sob a umbrela de fogo do céu amazônico". O "Jornal do Brasil" inscrevia o seu nome na lista dos redatores que lhe abrilhantavam as edições. Convém acentuar, no entanto, que embora confinado ao âmbito da tarefa de recuperação intelectual do Amazonas, Benjamin Lima distendia o

espírito para outros horizontes mais dilatados. Os seus esforços voltaram-se para o teatro, que se tornara desde logo o ponto de convergência de suas novas inquietações estéticas. À luz das ribaltas, como animador e orientador de um teatro capaz de reabilitar a comédia de costumes, desviando-a dos processos rotineiros dos comediógrafos de antanho, que se limitavam a copiar da vida apenas as suas sedições futilidades, desvirtuando-lhes os intuitos moralizadores e corrompendo o gosto das platéias, Benjamin Lima, indiferente aos arreganhos supinamente ridículos da moral, jungida ao preconceito, assumiu desassombadamente posição combativa, cooperando para elevá-lo ao nível construtivo da cena contemporânea. Desdobrando toda a energia de suas faculdades imaginativas em torno dessa finalidade, não foi outro o seu propósito senão, fugindo às despiciendas abstrações ideológicas, criar um teatro de emoção e pensamento, que reproduzisse a vida nos seus dramas interiores, nas gradações psicológicas dos seus conflitos de consciência, através de atores que lhe soubessem viver no palco as convulsões de suas tragédias. Não foi outro o planejamento das principais comédias que concebeu e realizou: "A Babilônia", "Quem ri, afinal?", "A Revolta do Ídolo", "Carrasco", "O Homem que marcha", todas elas com evidente intuição psicanalística, refletindo as atrocidades do destino, transviando almas e corações. Houve até quem as considerasse na altura das do teatro de tese de François de Curel, e do teatro tempestuoso de Bernstein. Os êxitos contínuos e retumbantes de suas peças fizeram-lhe a reputação de teatrólogo, dando ensejo à crítica negativista de acusá-las, tais as complicações adulterinas dos seus enredos, como sendo de feição nitidamente licenciiosa. Tanto assim que, na Academia Brasileira de Letras, quando Benjamin Lima, com "O Homem que marcha", disputava o prêmio de 1925, o prestígio e a pudicícia de Carlos de Laet, cuja senectude beata se alarmara com algumas cenas, a seu parecer escancaradamente escabrosas, contribuíram para que lhe recusassem a láurea, não obstante os pontos-de-vista em contrário de Antônio Austregésilo, Cláudio de Sousa e Coelho Netto, da comissão julgadora, que o consideraram um dos maiores mestres do teatro brasileiro contemporâneo. Em vibrante plaidoyer, na "Vida Literária", Benjamin Lima rebateu com as armas da ironia e do ridículo

a pecha de escritor imoral que lhe atribuíam os seus detratores, no intuito deliberado de abastardar-lhe a dignidade de artista e de teatrólogo.

Logo após, em 1933, já esvanecido o estígma desmoralizante de comediógrafo só para homens, houve uma espécie de revira-volta nas suas iniciativas literárias. Foi por ocasião do aparecimento do "Êsse Jorge de Lima!", notável estudo no qual, em derredor da obra e da personalidade do vexilário entusiasta do movimento modernista que se alastrava no Brasil, incide a clarividência do seu exame introspectivo, definindo-o e esforçando-se por interpretá-lo dentro do espírito de sua época. Fui dos primeiros a receberem a preciosa brochura, que conservo nas minhas estantes como reliquia inestimável; e, sobre a sua estrutura e as novas directivas da inteligência do seu autor, em *LEGENDAS & AGUAS-FÓRTES*, procurei esboçar meticoloso ensaio crítico, que dêle mereceram palavras de comovida gratidão a mim endereçadas em mensagem telegráfica. Solidificando cada vez mais a sua personalidade de artista, e numa luta sem tréguas contra a morte, cuja presença invisível sentia a todos os momentos, as suas faculdades criadoras manifestavam-se em toda a sua plenitude, operando milagres. A ressonância polifônica dos seus triunfos num teatro que virtualmente se renovava e fremia de emoção aos influxos da própria vida, tornara-o responsável pelos destinos de uma geração. A arte de Benjamin Lima constituía-se o leit-motiv da crítica sensacionalista; e o seu nome, no cartaz, dava a lembrar um fóco incandescente que atraía e encandeava os insetos daninhos. Não houve quem, ao mesmo tempo, fôsse tão endeusado e injuriado. Sobredoiraram-lhe o nome de louvores coruscantes e macularam-lhe a obra com o frenesi inconsciente de vesânicos enfuriados. Eram as controvérsias da glória, os percalços das ascensões pinaculares, já que as grandes alturas não se galgam impunemente.

Mas o Amazonas era o sortilégio que lhe dominava os sentidos. O fascínio nostálgico da terra natal, o perfume embalsamado de suas florestas e a saudade dos amigos distantes, possuíam o condão mágico de conquistar-lhe as energias e a vontade. Um dia, em Agosto de 1938, chegou a Manaus imprevisivelmente. A notícia alviçareira espalhou-se pela cidade. Abraçámo-lo com alvoroço e efusão. Recebemo-lo como os

helenos, no ciclo de Pericles, acolhiam a Sófocles, glorificado pela grandeza de suas tragédias: coroados-lhe a frente de palmas consagradoras.

Excedendo o âmbito natural de cordialidade entre homens-de-letras, a homenagem da Academia a Benjamin Lima, que tanto elevou a nossa terra nos planos da inteligência nacional, transformou-se numa festa de puro deslumbramento. Em faiscante improviso, abrindo a sessão, Adriano Jorge explicou o sentido profundamente afetuoso do gesto das elites intelectuais amazônicas, estudando em todos os aspectos a personalidade eminente do comediógrafo. Concluída a oração fulgurantíssima do presidente, ergueu-se Leopoldo Péres; e, através de conceitos transverberantes, descreveu-lhe a trajetória do espírito. O discurso de arrebatadora eloquência que proferiu diante de uma assistência hipnotizada, interpretando-lhe a arte e o pensamento, em amplas perspectivas de beleza, mediante o descortino e o esplendor de suas idéias, foi uma ofuscante obra-prima. Trasladei-a in extenso no meu último livro, quando lhe celebrei a memória imperecível. As palavras repassadas de comoção de Leopoldo Péres, excitando-lhe a sensibilidade, arrazaram o hiper-emotivo. Obumbrando-se, sumindo-se a si mesmo, contra a expectativa do auditório, Benjamin Lima conservou-se mudo. Os fenômenos inibitórios do sistema nervoso transfiguraram-lhe a fisionomia e amordaçaram-lhe o pensamento, traumatizando-lhe a atividade mental. Estava lívido e imobilizado, sem poder reprimir as lágrimas, que lhe inundavam as faces em borbotões.

Alguns dias depois, regressou à metrópole, para nunca mais voltar ao Amazonas. Vi-o ainda, no Rio, pela derradeira vez, em 1947, quando para ali me transportei, alarmado com as alternativas da moléstia de minha esposa, que me sobressaltavam o espírito e torturavam o coração. No dia subsequente à chegada, já instalado no "Flórida Hotel", ainda mal refeito das atribulações de uma viagem longa, monótona e aflitiva, chamaram-me ao telefone. Era Benjamin Lima. Apesar da longa ausência que nos separara, não me esforcei para reconhecer-lhe a voz. Convidava-me a visitá-lo. Considerava-se um "enfermo profissional" e, por isso mesmo, lhe seria penoso cumprir esse dever de cortezia. Não hesitei em atender-lhe ao apêlo. No mesmo instante, acompanhado de Andromaca,

tomei um taxi e dirigi-me à rua Pompeu Loureiro, em Copacabana. Com fisionomia envolvente, Dona Cacilda recebeu-nos à porta de entrada, no extremo de um corredor ladrilhado, estreito e comprido, que conduzia à residência do escritor. No pavimento superior, mobilado sobriamente, encontrei-o de pé, junto ao divan, mal podendo equilibrar-se. Benjamin abriu-me os braços e estreitou-me ao peito enternecidamente. Foi um encontro comovente. Ao seu lado, fazendo as honras da casa, lá se encontrava também o dr. Carlos de Araujo Lima, jovem mestre criminalista do barreau carioca, e herdeiro legítimo da glória paterna. Relanceei os olhos pela sala e contemplei-o de soslaio, para que não desconfiasse da introspecção do meu exame. Era uma ruínia. Modelando-lhe o busto escanifrado, o pijama de flanela, debruado em seda, deixando transparecer as tíbias descarnadas que mal lhe sustentavam o corpo. Em contraste, no entanto, com aquela projeção humana desmoronada, os olhos acesos, que pareciam ressaltar das órbitas, esfuzilavam, despedindo chispas. Os abalos físicos e morais devastaram-lhe o organismo. O flagelo da enfermidade que o infeccionava e a fúria espantosa dos anos, golpeados de provações, adestraram-se para dobrar-lhe as forças, destroçando-lhe a vitalidade. Tudo concorria, inflexivelmente, malgrado as suas reações heróicas, para lhe debelar a existência privilegiada. Do Benjamin Lima da maturidade, da radiosa época em que com a galhardia de um capitão de cruzados desarticulava tritões e destazia procelas, restavam apenas duas chamas crepitantes: a inteligência e a memória. Inteligência assombrosa que impavidamente afrontava as lesões implacáveis que lhe corroíam o organismo, servida por extraordinárias faculdades mnemónicas, cujo poder de revivência e de intensidade evocativa assemelhava-se a um raio de permanente cintilação: aquecia-lhe o cérebro e perpetuava-se a retentiva. Reconstituía em traços vivos, a pinceladas largas, os retratos das figuras mais eminentes de sua geração. Referiu-se comovidamente à morte inopinada do irmão, o sociólogo Araujo Lima. Reverenciou o nome de Coelho Netto, invocando o meu ensaio biográfico sobre o imortal romancista, e a propósito de um artigo de sua autoria, — "Justiça Literária," publicado no "Jornal do Brasil", exalçando o meu culto à sua memória. Em outro país que não o nosso, ponderou

tristemente, os seus romances seriam florões da novelística universal. Sem atentar para o meu constrangimento, insistiu em lisonjear-me a seu modo: "Sabes? Li de um só hausto a tua plaquette sobre o Augusto Linhares. Trata-se, evidentemente, de um grande médico e de um notável humorista da estirpe de Mark Twain. Desta vez, não carregaste nas tintas... O retrato está perfeito. Há, contudo, quem julgue passível de censuras os arroubos de tua exaltação estética, no que se refere aos pendores de tua crítica. Nada mais injusto. Justifico-os plenamente. Não se pode, de chôfre, travar os impulsos generosos do escritor. Tudo depende da índole do seu temperamento. Olha: no caso do teu "retrato", se tivesse de opinar, eu subscreveria integralmente os conceitos que lá estão, apenas despojando-os das lentejoilas estilísticas..." Sorriu com bonomia. Eu também sorri, mas contrafeito, sem opor-lhe qualquer argumento à justeza do raciocínio. Rememorou depois a majestade das colunas mestras de nossa Academia, que desabaram quando o templo sagrado mal começara a erigir-se. Hoje, ela era uma sombria catacumba, onde os espetros vagavam como sombras perdidas. Relembrou, em seguida, a vida estúrdia de Raimundo Monteiro, em Paris. Aludiu galhofeiramente a Proust, a sua "bête noire". Podiam sacrá-lo à vontade os seus ardentes turiferários. Em consciência, considerava-o le prince des raseurs. Cacetíssimo. A um homem, como ele, que tinha "o privilégio monstruoso do sofrimento", a leitura dos seus livros era um sedativo de primeira ordem. Fazia-o adormecer bruscamente, aliviando-lhe as crises cruéis da doença que o martirizava, dizendo de si para consigo mesmo lhe não acreditar na suposta complexidade e transcendência. Notava-se-lhe o volutuoso contentamento no exteriorizar os primores da ilustração, embora sem nenhum cabotismo ou exibição mirabolante. A sua memória exercitava-se em ginásticas malabarísticas. Tive a impressão que Rivarol ressuscitara. Episódios e datas, homens e livros, tudo era indicado com precisão, nos mínimos detalhes, como se o escritor estivesse revolvendo um arquivo de raridades. Os fluxos e refluxos de sua palavra, como uma cachoeira de águas cristalinas, espriavam-se por entre escarpas e penedias. Nada, porém, de enfático, declamatório ou de cunho fescenino. Era uma palestra fina, irônica, discreta, entrosada de trocadilhos,

esmaltada de blagues saborosas, como se fossem recortadas nos moldes humorísticos de Armand Sylvestre. Só me lembro de haver encontrado nos meus caminhos um outro conversador da mesma linhagem fascinante: o publicista espanhol Alvaro de las Casas, professor da Universidade de Valladolid, que escreveu um livro de impressões sobre a Amazônia: "Na Labareda dos Trópicos". Eu escutava, enlevado. Num dado momento, ele que sempre se eximia de falar de si mesmo, crivou de epigramas o modernismo, espantado com o sucesso que estava obtendo nas livrarias a sua brochura "Esse Jorge de Lima!". Discorreu longamente focalizando a erudição e a cultura do poeta-polígrafo, que fôra empolgado e absorvido pelas extravagâncias propositadas de Mário de Andrade. O sumo-pontífice do modernismo brasileiro, a seu entender, não passava de um virtuose da mistificação. Durante alguns minutos, os méritos e os defeitos de Jorge de Lima encastoraram-lhe a prosa movimentada. Já por fim, fatigado daquelas digressões literárias, procurou sutilmente indagar do meu pensamento sobre as potestades do "Petit Trianon", tão atrozmente desacatadas por esse genial epigramista que era Agripino Grieco. Não procurou, a seu turno, dissimular uma frase de espírito, apelidando-as de "contraria de monges letrados da Idade-Média". A sátira, pelo sorriso que esboçou, lhe agradou ao paladar. Era transparente a sua alusão à senilidade dos imortais da Casa de Machado de Assis. Ah! as atozes decepções dos escritores que vivem demais! As gerações moças são irreconciliáveis com a senectude. Mas lamentavelmente nada fazem que perdure! exclamou. Não procuram estudar, descobrir as atmosferas de beleza, sentir o frêmito dos espíritos criadores. Detestam o contacto dos livros, desprezam a convivência das idéias. Sem cuidar da inteligência, limitam-se a desenvolver os músculos das panturrilhas nas canchas futebolísticas, quando não fazem pior. E ainda pretendem destruir os valores mentais que não foram suscetíveis de imitar. Não lhes perdôa os cabelos brancos. Por serem velhos, devem ser engavetados. A voz de Benjamin tornou-se incisiva e veemente. Lembrou a maneira de como se entrincheiraram ferozmente contra a glória de Coelho Netto, Ainda há pouco tempo, um desses modernistas desabusados teve o topete de profanar-lhe a memória sagrada, besuntan-

do-a com um epíteto soez. Não declino o nome do celerado, nem repito a espurcícia, por uma questão de decôro. Não quero infeccionar o ambiente. Nem a morte se respeita mais! esbravejou, encolerizado. Aposto que o energúmeno talvez nunca lhe tivesse lido uma página sequer. Estou convencido mesmo de que para esses desalmados nada vale a projeção mundial de um Gide ou de um Shaw. São macróbios, de idéias carunchosas, trôpegas como as suas idades. Francamente! Não que eu seja um misoneísta. Mas isso, afinal, é um sintoma alarmante de regressão, de indistarcável retrocesso espiritual. Calou-se, indignado. E depois, já naquele diapasão amável peculiar à sua palestra, aproveitou o pretexto, resvalando para as surpresas deliciosas do seu humour, que repon-tava estuante, colorindo a divagação. Relembrou então que, certa vez, num discurso acadêmico, Afranio Peixoto contou que Anatole havia descoberto uma ilha no Pacífico, cujos habitantes, que eram antropófagos, comiam os velhos. Bastava que os cabelos do desgraçado embranquecessem para que lhe fôsse lavrada a sentença de morte. E depois de uma pausa, com voz soturna, como em solilóquio:

— Já pensaste que, nesta altura da vida, se estivéssemos na ilha fatídica, estaríamos com os dias contados?

Estrugiu a sua última boutade. Sorriu com amargura. O humorista deixava entrever na comissura dos lábios o travo amer et moqueur da ironia, que como uma caricatura lúgubre de Forain, lhe espelhava o estado d'alma.

Anoitecia. Andromaca, que se entretivera a tarde inteira com os amuletos e horóscopos de Dona Cacilda, chamava-me insistentemente do pavimento térreo. Despedimo-nos. Abra-cei-o sem articular uma só palavra. A comoção embargava-me a voz e obnubilava-me o espírito. E já no automóvel, que corria velozmente, eu levava gravada na retina a visão obsidente do espetáculo daquela vida sobrenatural e inhumana. Extinguia-se como um sol que se apaga na imensidade do firmamento sanguíneo, irradiando-lhe clarões e esplendores.

Dois autógrafos de Camilo

Dom ALBERTO RAMOS

Tangido pelas circunstâncias da vida, não conseguiu meu pai dedicar-se aos estudos. Entretanto, nas horas de folga, gostava de ler e por isso conhecia muito bem a literatura portuguesa. Seja por patriotismo, seja por inclinação inata, consagra especial atenção a tudo quanto se relacionava com os vultos pinaculares das letras lusitanas. Numa das viagens à Europa, não trepidou em despender regular quantia para adquirir dois bilhetes originais de Camilo Castelo Branco, que agora conservo com especial carinho.

Dizer-lhes da autenticidade competiria a especialistas em grafologia e literatura. Quanto é lícito a um leigo no assunto aventurar-se a pronunciamento, posso dizer que os dois manuscritos oferecem todos os indícios de veracidade. Pelo menos, o espírito mordaz e o estilo característico do solitário de Seide repontam espontâneos nessas poucas linhas, escritas de afogadilho.

Semelham-se-me inéditas. Tal a razão porque julguei oportuno encrustá-las nas páginas de uma revista literária. É de presumir que se enderecem

a Silva Pinto, um dos poucos amigos que confortavam o genial romancista. Ei-las:

I — "Seide 2/1/80.

Meu presado amigo.

Como já vai na 8ª folha dê ordem para que o typographo me remetta as já impressas afim de q o meu prefácio, se V. Excia. o quizer, não faça esperar a publicação.

Por aqui mtº frio e mtº lama e mtº mosca, Vingança do Sergio e das 7 bestas do Nuno — um Apocalipse.

Saude. C. C. Bco."

II — "Meu Amº

Quando se tem talento e dinheiro não é máo ter tambem juiso. Estylo paternal. Deixe-se de genebra e chá. As duas porcarias junctas produzem o desconhecido veneno dos Borgias. Se tem de vir para Seide, concluidos os seus negocios, cá tem a **cascata** dos seus quartos. No inverno, faremos que lhes chova n'elles para justificar a denominação aquosa. Nuno está na Feira. Logo que chegue, agradecerá o tabaco. Jorge muito atarantado e rabugento. D. Anna admiravel pelo que soffre e lida. Eu tambem admiravel pelo que soffro e regougo. Um **cascata** perfeito.

Ao Snr. Lacerda os nossos affectuosos recados.

Do seu Am. e Cr. C. C. Brcº."

A data figura com outra grafia e outra tinta:

"Seide, 1/8/82."

Estética Literária

Padre NONATO PINHEIRO

E' confrangedora a decadência literária dos tempos atuais, com o desaparecimento progressivo dos estetas da pena. Enquanto a ciência progride ostensivamente, parece que a arte vai sendo vítima de tristes estorcedões. A decadência artística é geral. Um prurido de novidades extravagantes, sob capa de modernismo, devasta dolorosamente os domínios estéticos. Na arquitetura, são construções desataviadas, exóticas, plenas de deselegância e mau gosto, oferecendo as mais desagradáveis impressões, inclusive a de desabamento iminente... Na pintura, não é menos triste o aspecto da degradação: simulacros torcidos, borrões inexpressivos e decepcionantes, insinuando a idéia de uma deserção em massa dos veros artistas, que passaram as palhetas às mãos de crianças desocupadas... Na música (pobre linguagem angélica!), os sons estão longe de produzir aquelas maravilhosas combinações que levam a quietação e o enlêvo aos espíritos e aos corações. As notas das cordas e dos teclados parturejam monstruosidades musicais, produto natural de concepções extravagantes... E assim, sucessivamente.

Laboram ilusos os que só sentem a crise social. Tão profunda e aguda como a da economia, é a crise que golpeou de morte as belas artes. As boas letras não ficaram a cavaleiro da horrível devastação. A arte literária, lindo sonho que acalentou as aspirações dos príncipes do cálamo, despojou-se do mais elementar senso estético. A aristocracia nas letras foi implacavelmente destruída. A estética literária é positivamente um mito, vaga lembrança de um período vivido, ocupação teimosa dos que confundem pena com pincel ou com plectro, últimos abencerragens

de um esplendor extinto, para os quais morreram tôdas as esperanças do milagre fabuloso da poética fenix, a exurgir pulcra, fascinante e rediviva das próprias chamas letais que a vitimaram . . .

Nesse "artícidio" literário, nada escapou à imolação: gramática, estilo, imagens poéticas, construções peregrinas, fidalguia verbal, enfim, tôda a estética literária foi sacrificada no trágico holocausto !

Os homens de letras, ou melhor, os homens de belas letras, em cujas páginas se encontram côres e flôres, lumes e perfumes, reúnem-se quase secretamente nas Academias, como os cristãos nas catacumbas, para comunicarem entre si as cintilas luminosas das suas concepções estéticas . . .

Estas considerações surgiram-me, relendo, vai por alguns dias, excelentes páginas coloridas do incomparável Chateaubriand, exatamente quando se me deparava aquêlê como inimitável, em que o mágico poeta da prosa francesa nos descreve, com requintes de finura verbal e de inspiração criadora, o "nid de bouvreuil dans un rosier":

"Nous nous rappelons avoir trouvé une fois un de ces nids dans un rosier; il ressembloit à une conque de nacre, contenant quatre perles bleues: une rose pendait au-dessus, tout humide: le bouvreuil mâle se tenait immobile sur un arbuste voisin, comme une fleur de pourpre et d'azur. Ces objets étaient répétés dans l'eau d'un étang avec l'ombrage d'un noyer, qui servait de fond à la scène, et derrière lequel on voyait se lever l'aurore". ("Génie du Christianisme, part I, liv. V, c. VI).

E a memória imediatamente me renovava a observação feliz de Sainte-Beuve, quando seus olhos caíram embevecidos sobre essa joia pictural: "C'est arrangé à coup sur; c'est peint comme sur émail et sur porcelaine. Mais quelle perfection achevée ! Quelle coquetterie suprême !"

Os estetas das letras são os que pintam, como Chateaubriand, sobre esmalte e porcelana. E lamentamos precisamente a ausência, em nossos escritores contemporâneos, dessa "perfection achevée", dessa "coquetterie suprême" que o famoso crítico francês encontrou e enalteceu nas letras policrômicas de François-René! Escritores da estirpe de Ruy Barbosa, Francisco de Castro, Coelho Netto e tantos

outros, que levavam para a imprensa, ufanos e orgulhosos, os tesouros mentais de sua sensibilidade estética, como o oiro, o incenso e a mirra que os Magos ofertaram a Jesus, são figuras retrógradas e passadistas, vivendo fora do ambiente, como algum deus errante que se desgarrasse do seu mundo mitológico. . .

As extravagâncias do modernismo, em assuntos de arte, chamam-nas de evolução. De mim para mim, só acredito no progresso da ciência. Esta, sim, tem evoluído, continuará a progredir pelos séculos porvindouros. As artes, porém, e as letras, já atingiram o seu máximo esplendor, já alcançaram a cúpula mais alta a que podiam chegar, em matéria de perfeição e de beleza. Na Bíblia Sagrada e nas antologias helênicas e latinas trescalam, irrecusavelmente, as flôres mais lindas do pensamento humano. Tôdas as literaturas hão-de viver e reflorir, alimentando-se dessa grandeza passada, como nós hoje vivemos dêsse sol fecundo e radioso que iluminou tôdas as gerações que nos antecederam. E' a minha convicção indesmoranável! E nunca me ressoou tão oportuna a advertência de Salomão: "Nihil novum sub sole"!

A Escritura, fazendo o elogio de Abraão, ressaltou-lhe êste traço magnífico do seu temperamento visual: esperar contra toda esperança! "Contra spem in spem credidit ut fieret pater multarum gentium". Creu, contra toda esperança, que seria pai de multidões. Diz, ainda, a sabedoria popular que a esperança é a última que morre. Resta, pois, tênue possibilidade de um retôrno aos grandes lumes que esplenderam no passado, algo semelhante ao que se operou outrora, e que a História crismou com o nome de renascimento. E' possível que, no mundo das artes, os homens, entediados e saturados das extravagâncias do pseudo-modernismo, retomem os roteiros abandonados, e, quais argonautas sublimes, saiam a procurar o velo de ouro da Estética, que é o matiz da côr, a beleza do som, e a perfeição da forma!

Mestre e paladino do idioma

LEOPOLDO PÉRES

A página refulgente que reproduzimos a seguir, é uma coluna votiva erigida à glória de João Leda. Devemo-la, extraída dos arquivos do grande morto, à sensibilidade de Leopoldo Péres, ainda hoje mais vivo do que nunca na lembrança de quantos lhe conheceram a cultura onimada e admiravam o fascínio da inteligência.

De tôdas as correntes, ou tendências, que se apresentam nos domínios da arte brasileira como projeção desse espírito moderno, a um tempo desencantado e subversivo, que surgiu das altas chamas purificadoras em que se envolveu o Universo, inflamando-se de anseios novos, de novas e atormentadas inquietações, é mistér considerar de parte e relegar à categoria das méras e frustrâneas tentativas do arrivismo literário, a de uma certa casta de servís imitadores e apedeutas, que se propõem, à mingua de vocação real para as legítimas interpretações creadoras, a exclusiva e esteril tarefa de anarquizar a língua em que não falam por mais facilmente se exprimirem numa aravia revêssa de barbarismos e solecismos à compita...

Com efeito, para caminhar-mos à vanguarda do espírito moderno, para operarmos a renovação de nossa sensibilidade e crearmos uma arte de símbolos novos, ágil, mōça e enérgica como o homem do Continente, formosa e tentadora como a terra virgem da América, para erigirmos, em face da nossa realidade, um pensamento próprio, original e firme nas suas diretrizes guadoras, não precisamos de

estrambalhar desalmadamente o idioma copioso e sonôro que recebemos no berço da nacionalidade e que, erradicado do venerável sólo nativo, creou raízes e frondejou em novas florações de ritmos harmoniosos sob a luz forte do céu meridional.

É uma tarefa inconsciênte e sacrílega. Os idiomas, que obedecem como organismos em atividade a leis imprescritíveis de evolução e desenvolvimento, não se transformam assim, de um momento para outro, ao arbítrio da ignorância ou da filaucia de inovadores precipitados. Mudam, de fato e constantemente, acompanhando os fenômenos sociais, as vicissitudes históricas, o evoluer, enfim, dos povos a que servem como instrumentos de expressão. E mudam, sobretudo, quando, transplantados de ambiente, sofrem a ação de fatores mesológicos, rácicos e políticos de vária complexidade. São observações que a língua social de muito reduziu a princípios axiomáticos.

* * *

No que diz respeito, em particular, com a língua portuguesa, é evidente que de seu tronco primitivo terá de separar-se, afinal, com o dobar do tempo, o idioma que usamos nesta banda do Atlântico. É intuitivo que a nossa língua não poderia, nem poderá, conservar os prístinos moldes da fala que nos herdaram as gentes aventureiras da Península, na alvorada do Descobrimento. Sujeta, precisamente, à irresistível influência daquêles complexos fatores de dissociação e diferenciação, que nos afastam, cada vez mais, dos destinos de Portugal; crescendo em beleza, revigorando-se em seivas novas, ao calor da terra americana, para traduzir as ânsias construtivas de uma grande nacionalidade, com peculiares características étnicas, históricas e sociais, formada num mundo novo e com destinos próprios a realizar no apogeu da civilização continental, — óbvio é que a língua portuguesa do Brasil será, em futuro não remoto, um idioma inteiramente autônomo do velho e numeroso idioma peninsular.

Essa diferenciação de que se notam já, insofismavelmente, traços bem acentuados, morfológicos e semânticos, na dicção hodierna dos dois povos, não se fará, entretanto, aos saltos, por força de uma determinada corrente que de

ânimo deliberado se abalance a esta sandia entrepreza. E isso pela simples razão de que os fenômenos evolutivos nas esféras da linguagem, como, de resto, em todas as esféras, não se processam violentamente, mas, ao contrário, desdobram-se em harmonia com a ação de múltiplas e obscuras forças, por múltiplos e obscuros condutos ligados à sensibilidade e à psicologia de um povo, de uma nação, de uma raça. São, a um tempo, fenômenos fisiológicos, psicológicos e sociais, na mais estreita e profunda interpenetração.

À evidência, porém, não temos ainda, nem podemos aspirar tão cedo a possuir uma língua nacional, — expressão que, não correspondendo, neste momento, a uma realidade insofismável, vem servindo apenas de rótulo fantasioso para justificar o ingrazéu nefasto dos que não conhecem e, por isso mesmo, desadoram o idioma na intemerata cristalinidade de suas fórmulas lididamente vernáculos. É o "dialeto brasileiro", que Ruy Barbosa definiu, implacavelmente, na sua memorável **Réplica**.

E aquêles escritores de fama, que, como o sr. João Ribeiro, se fazem propugnadores e coritéus dessa esdrúxula campanha de nacionalização do idioma, melhor diríamos, ainda com o insigníssimo Ruy, de "coliquação do idioma", relegam a plana secundária as responsabilidades que lhes pesam sobre os ombros, nesta materia, e longe de servirem, desservem clamorosamente a cultura nacional. Porque, não será admitindo ao uso corrente de uma língua todos os modismos e corruptélas do povo, todos os solecismos e barbarismos alienígenas, que formaremos esse decantado "dialeto brasileiro", e o conceito exarado pelo sr. João Ribeiro de que, corrigindo-nos, por amor à vernaculidade, estamos ce fato a mutilar idéias e sentimentos", — encerra, a nosso ver, uma tése revolucionária e anárquica, assás comprometedora de sua conspícua, respeitabilíssima autoridade.

"Não pertencemos à escola dos que querem falar uma língua nova: o brasileiro, dizia, ainda há pouco, Batista Pereira, grande discípulo e continuador de Ruy, numa conferência magnífica sobre os novos rumos do Espírito Nacional. Não vemos a necessidade de renegormos a língua dos nossos maiores. Por que? Para que? Não a estamos enriquecendo diàriamente com vocábulos e construções novas?"

Continuemos nessa trilha. Falemos o português enriquecido pelo Brasil, mas falemos o português". E logo adiante, com singular bravura: "Nas mãos dos que lhe não descobriram o gênio, o equilíbrio, os recursos, a força, a energia, a vivacidade, a plástica, o calor e a fulguração, essa língua maravilhosa fica realmente tolhiça e canhestra. Para os que a sentem no seu esplendor e a conhecem na sua infinita opulência, ela reproduz todos os mistérios da euritmia grega e do número latino, que consistiam em integrar o pensamento na eternidade do ritmo".

* * *

Demais a mais, com a língua portuguesa falada no Brasil não ocorre o mesmo que se está passando, com os modernos idiomas da Europa, o francês, por exemplo, ameaçado de total subversão por efeito do cosmopolitismo cada vez mais intenso que decorre das próprias relações políticas e comerciais nos países do velho mundo. O cosmopolitismo é, com efeito, uma tendência invencível na literatura moderna desses países com atuação direta sobre a estrutura dos respectivos idiomas, cuja evolução se desdobra no sentido de um escambo dia a dia mais acentuado. O que levou Guillermo de Torre, o crítico vibrante e incisivo das **Literaturas europeas de vanguardia**, à assertiva corajosa de que, sob a irradiação incoercível desse sentimento cosmopolita, "**no quedara una sola lengua pura en el orbe**". Observando e estudando o inquietante fenômeno, num livro recente de combate e de erudição — **Le français langue morte ?** — clamava, porisso mesmo, não há muito, André Thérive pela urgência de se obviar à completa desagregação do idioma raciniano, anulando-se o contágio dissociador das múltiplas modalidades dialetais oriundas da Babel democrática e cosmopolita da Europa de hoje... E alvitrava, ponderosamente, que, em vez de se pretender adaptar a língua aristocrática e sútil de Voltaire e de Anatole ao horrendo linguajar desse **sabir internacional**, a cuja invasão fora inútil, por circunstâncias anímodas, travar barreiras, cumpria estimular nas elites pensantes a cultura clássica do idioma, refugiando-o, na forma escrita, do aviltante contacto com as bárbaras algaravias exsurgentes da utilitária mentalidade europeia **d'après-guerre**. Isto é,

criar ao lado da linguagem corrente, usual, falada, uma língua objetiva e secundária, fixada na grafia dos bons modelos e superior às contingências da hora vertiginosa e delirante; criar uma língua morta para evitar a decomposição e o rápido desaparecimento dessa mesma língua, — "une langue qui dans ses bons écrivains ne change pas notablement en trois, quatre ou cinq siècles".

Ora, no Brasil não se verifica tão de perto, senão muito espaçadamente, por notórias circunstâncias de ordem geográfica e social, essa corrosiva infiltração cosmopolita, de modo que não temos ainda necessidade de apelar como os francêses para essa estratificação, essa mumificação do idioma, mas unicamente de o defendermos, a todo o trãnze, contra os arremêssos da bárbarie, destruindo-lhe, a peso de cutiladas vingadoras, a desluzida e vandálica corte...

* * *

Fórma, felizmente, na fileira dêstes estrênuos e esforçados paladinos, que se postam, quais fulgurantes templários à custódia dos inconspurcáveis recintos onde se guardam os tesouros patrimoniais do idioma, o autor consagrado e ilustre de **Nossa língua e seus soberanos**. Vernaculista exímio, sabedor como poucos, hoje em dia, das coisas do bom falar e do asseiado escrever, João Leda tem, de fato, por todos os títulos, posição de comando na primeira plana dos pugnacíssimos legionários que opõem resistência de peito aberto, legítima e indefessamente, à invasão do caudal maculador.

Nos ensaios que se enfeixam neste primoroso volume, agora vindo à luz, ressurtem, porventura com maior intensidade e fulgôr, os altos brazões de mestre, que soubera conquistar com o **Vocabulário de Ruy Barbosa** e os **Aureos Filões de Camillo**.

E com mais relêvo ainda do que nestes preciosos trabalhos, que lhe valeram a sua já hoje indiscutível reputação em todo o país, ressaltam neste livro, de por com as agudas faculdades investigadoras do exegeta, costumado a resolver as mais intrincadas controvérsias no terreno das questões de linguagem, a valentia do prosador donoso, elegante e díserto, e, em páginas de larga erudição, a veia borbu-

lhante do panfletário, aurida no ambiente das meditações e no contacto do estilo incomparável daquêlê formidável sarcasta de quem disse, uma feita, Eça de Queiroz que fora "**o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular**". — Camilo.

O filólogo notável, que já lograra com êxito sensacional sôbre as impertinências e erronias lexicológicas ao sr. Cândido de Figueiredo, a tarefa benemerita de recolher ao patrimônio de nossa língua as maravilhosas gêmas vocabulares respigadas, com aturado, inédito e beneditino esforço, na obra gigantea de Ruy e de Camilo Castelo Branco, surge-nos, agora, sob a projeção de um forte e generoso intuito de reação saneadora em prôl do idioma, o ensaista, cujas idéias claras e vigorosas se ajustam nas malhas elásticas de uma prosa admirável de vigôr, de propriedade e opulência. E assim em todos os estudos alí, compendiados — desde a **Psicologia do Padre Vieira** ao **Senso crítico dos mestres da língua**, página, esta, por sua vez, denunciadora de um atilado sentido de observação e percepção analítica.

Se o escritor não sobreléva o filólogo, porque as qualidades de um encastram exáta correspondência nas virtudes magistraes do outro, não consegue a aridez dos têmes por êste focados desluzir a gentileza estilística daquêlê, donde a amenidade e o encanto com que se lêem as páginas de João Leda, ainda mesmo quando resolve a questão dos regimes prepositivos ou do porque interrogativo.

Afigura-se-me que, como a Remy de Gourmont, o que lhe orienta as pesquisas infatigáveis, as demoradas e profficuas elocubrações na seára da linguagem é o princípio estético, compreendido nesta expressão o conjunto das condições pelas quais a língua deve evolver no sentido da sua beleza, isto é, da sua pureza original. E como instituição executora dêsse princípio fundamental de evolução, lembrára, talvez, ainda como o mestre insigne da **Esthétique de la langue française**, a criação de uma academia de beleza verbal, "*chimérique assemblée*", a qual tocaria, no seio de qualquer sociedade policiada, zelar pelas tradições do idioma, só lhe admitindo as variações ou deformações espontâneas resultantes das forças intrínsecas e inevitáveis

que o trabalham incessantemente. Seria, na singular concepção do ironista das "Lettres d'un satyre", um excelente processo de reação contra o pedantismo, o snobismo literário, contra "les écorcheurs du journalisme et de la basse littérature" e, do mesmo passo, um meio de conservar a estabilidade da consciência linguística da nacionalidade e da raça.

Filólogo — categoria mais graduada na égregia e temerária família dos gramáticos, os quais, dêsde o patriárca Appollonio de Rhodes — segundo Renan — nunca souberam escrever; versando uma arte arriscada e subtilíssima "qui n'a jamais eu le don de rendre aimable", João Leda é, todavia, o mais terso e harmonioso dos prosadores e o seu estilo, formado no trato íntimo dos "mais primos escritores de antanho" e de hoje, rebrilha, na louçania da modernidade, de todo em todo "abluido do sito e do ranço dos quinhentistas".

Habitado, de longa data e com mão assidua, aos serões proveitosos na convivio das antigos e abstersos padrões de nossa língua, porque convencido, como Ruy Barbosa, de que "o idioma pátrio não rejuvenesce unicamente com as locuções criadas agora de novo pela inventiva dos modernos, senão também com o revivescer das antigas; do mesmo modo como o arvoredado não frondesce de primavera unicamente com o novédio das vergonteadas lustrosas e tenras, agomadas ao sôpro da sazão criadora, mas ainda com o reabrotar das galhas antigas e rugosas, que a inteligência do cultor providente se absteve de esfrangar, à espera de vê-las garrir e revicejar em galas e frutos entre as recém-vindas à festa anual da natureza", — não se lhe pôde censurar, a João Leda, de exagerado rigôr ou afetação no purismo nem, tampouco, de intransigência com as tão decantadas leis do evolucionismo na existência dos idiomas. Muito ao contrário disso, são transparentes, nêsse terreno, os seus pendores de atualidade, como faz prova, entre muitas outras, a galhardia com que reivindica para Camilo os seus luzentes forais de grande entre os mais grados escritores do idioma, defendendo-o contra a despicienda increpação de francesia mas louvando, sem restrições, a

"independência com que o Mestre se libertava do cinto de aço de uma linguagem imobilizada na tradição clássica".

De fato, consoando, à justa com o estilo, suas opiniões, conceitos e pontos de vista, em matéria de linguagem, nos aparecem desfeitados daquela "intransigência caturral" que "não se explicará bem neste século, em que mil noções e mil idéias novas e renovadas precisam de ser exprimidas com um contingente de vozes estranhas, sob pena de ficarmos tartamudos, impotentes para combiarmos entre nós os pensamentos".

Com esse espírito de tolerância, que lhe põe de manifesto o avançado das idéias no que se refere às modernas aquisições culturais no domínio da linguística, conhecendo a lei de perpétua mobilidade que preside à vida da linguagem e o fator inelutável do intercâmbio vocabular entre os idiomas modernos — meio de intercomunicação espiritual que vincula e, a mais e mais, aproxima os povos de uma civilização — o autor de "Nossa língua e seus soberanos" não cede um passo, entretanto, no terreno da reação eficaz e inexorável, que se faz de mistér intensificada, às insólitas incursões dos que incientemente pretendem enxovalhar a língua em que falamos, transmutando-a num calão barbarizante, indigno da cultura e da mentalidade de um povo. É bem um autêntico mestre e um impertérito paladino do idioma.

Cultura Amazônica

(Ensaio de interpretação)

DJALMA BATISTA

— II —

A geração intelectual e artística que viveu o princípio do século, na Amazônia, manteve por muito tempo o elan, e resistiu heroicamente. Até os nossos dias ainda chegaram os seus representantes, coroados de louros e curtidos de lutas e desilusões.

A nova geração, nascida espiritualmente com a primeira guerra, começou porém a fraquejar. Assistiu, por exemplo, esboroar-se quase completamente a Universidade de Manaus, por falta de meios financeiros e sobretudo por falta de meio, de ambiente, por falta de condições sociais e mentais em que viver e desenvolver-se.

A tragédia econômica, conseqüente à trasladação da seringueira para o Oriente, trouxe consigo também a desvalorização da inteligência.

Testemunhas dêsse passado que não é tão distante, e que já parece mais que passado, ainda estão o "Jornal do Comércio", de Manaus, e a "Folha do Norte", de Belém, que têm sido trincheiras invencíveis de uma cultura ameaçada ou quase extinta.

Em quase todas as redações de Manaus ouvem-se reclamações à dificuldade de obter artigos em primeira mão dos letrados da terra. E' bem verdade que êsses artigos constituem sempre colaboração gratuita: são escritos por puro amor à arte de lidar com idéias e fixá-las em tipos de imprensa! E há aqui verdadeiros intelectuais que nunca dos nuncas

subscreveram um trabalho jornalístico, nem escreveram um livro, nem mesmo compareceram a qualquer reunião da Academia... Esse grupo porém é restrito, e já está avançando em anos, verificando-se, lastimavelmente, um total eclipse, em grande número de moços, do gosto pelo estudo das letras e sobretudo no apreço pelas artes. Já se perderam de memória as festas artísticas em que apresentávamos virtuosos do piano, do violino e do canto. Em Manaus não existe sequer uma única orquestra. O próprio teatro de amadores tem vivido de curtas experiências, em que as vocações não têm tempo de aparecer.

Dizemos que mal atinge a grande maioria, exatamente para salientar o contraste que com ela fazem alguns grupos merecedores de toda admiração, graças aos quais vivem e florescem numerosas sociedades literárias estudantis, havendo até — *sursum corda!* — um Centro de Estudos Gerais, que cogita de assuntos sociológicos e técnicos. Positivamente que essa minoria dá ao nosso espírito o conforto de uma esperança. Senão de uma certeza, de que nem tudo feneceu!

Continuamos a fazer justiça ao Pará, dizendo que baixa-mar artística, lá, não foi tão grande, graças ao Conservatório de Música, que vem sendo dirigido há alguns anos por uma artista do mérito de Maria Helena Coêlho, com dedicação e inteligência.

Na planície não se desenvolveu, para compensar esse *down* artístico, a imprópriamente chamada arte popular. Não temos compositores de música regional, nem foi reunido, ainda, nem encontrou intérprete, o cancionero amazônico, que existe e anda diluído nos bailes e nas "festas do Divino", que se celebram pelo interior a fóra. Que saibamos, o folclore amazônico só inspirou até agora o paraense Waldemar Henrique, cujas composições tiveram em sua irmã Mara a intérprete festejada.

Olga Prager Coêlho, exímia nas canções folclóricas nacionais, não teve temas de sua terra para sonorizar.

Um ponto vale a pena ressaltar: na Amazônia têm predominado os eruditos sobre os espíritos criadores.

A criação artística, efetivamente, só tem lugar onde os fatores ambientais incentivam: não que aceitemos aquela

clamorosa claudicação do espírito lucilante de Afranio Peixoto, quando julgou a "literatura, o sorriso da sociedade". Muito ao contrário, os exemplos são sempre em sentido oposto: a angústia eslava deu Tolstoi e Dostoiewski; a decadência gaullesa gerou Anatole France; Maugham é a expressão do sofrimento inglês; entre nós, o drama do Jeca Tatú fez Lobato.

Na Amazônia, onde há drama nas almas, sofrimento nas pessoas físicas, angústia nos corações e uma verdadeira decadência das relações culturais, ainda não se escreveu um grande romance. Esboçou-o, de uma maneira promissora, Ramayana de Chevalier, com o "No Circo sem Teto": parou entretanto no esboço. Abguar Bastos, seguindo uma escola literária transitória, intentou e conseguiu belas páginas, porém incompletas, distantes do sentido universal que a obra de ficção deve ter, mesmo fixando aspectos rigorosamente regionais. No Pará, surgiu Dalcídio Jurandir, que é realmente um grande romancista, e em quem repousam nossas maiores esperanças. Em Manaus existe um moço com legítima vocação de romancista social: Aristófanes Castro. Gostaríamos de vê-lo realizado um dia. Por enquanto, seus contos e romances publicados deixam entrever, apenas, o material que há em sua cabeça, à procura da seleção e da fórmula.

Insistimos nos romancistas, lembrando o que asseverou José Américo, inquirido por que escrevera a "Bagaceira": foi a maneira prática de agitar temas sociais, de maneira artística e penetrante, dificilmente acessíveis ao grande público, se vasados em monografias ou ensaios.

Quanto aos poetas, que são outros espíritos criadores, felizmente, não temos sido pobres. De Raimundo Monteiro e Jonas da Silva, a Paulo Monteiro de Lima (e recentemente à turma impressionante do "Clube da Madrugada"), passando por Th: Vaz, Maranhão Sobrinho, e tantos outros (para citar os mortos).

Na verdade, sem pessimismo dissolvente nem intenção de menosprezo pelo que é nosso, na verdade temos de convir que chegámos a um nível muito baixo de cultura, como resumo da mentalidade geral.

Parece que Gilberto Osório acertou: "Dir-se-ia que essa Amazônia prodigiosa, atordoante, nunca inspirou amor: só

cupidez". "Afigura-se que a paisagem não enleva, apenas enfurece. Mas será isso uma constante psicológica no domínio das interações antropogeográficas da Amazônia? Ou apenas os sinais exteriores do processo inicial de adaptação, necessariamente ruidosa, logicamente violenta?"

* * *

Tentemos uma análise das cousas que nos conduziram à situação atual. Podem ser divididas em gerais e especiais.

Das gerais, salientam-se o empobrecimento crescente do meio, a carência de luz com que estudar e até pensar, nas nossas belas noites tropicais, a exigirem o deleite das boas companhias (e os livros o são, à maravilha!); o êxodo dos moços promissores, a distância em que nos encontramos e a instabilidade de nossa população.

Sobretudo essa instabilidade nos estiola: a maioria dos habitantes do Amazonas pensa em debandar mais cedo ou mais tarde. Temos aqui uma verdadeira mentalidade de acampamento, em virtude da qual grandes fortunas (de dinheiro e de valores mentais) são carregados para outros centros, todos os anos, pelos que conseguem amealhar recursos, mesmo à custa de ingentes sacrifícios: verifica-se o absurdo de que quase todo o mundo se sente roubado por viver nestas paragens!

Já procurámos saber o número de moços que saem para cursos no Sul e que não voltam mais? Ou nos que emigram em busca de uma oportunidade para vencer? E todos representam verdadeira sangria no nosso contingente humano tão rarefeito e tão dizimado, deixando em grande maioria a população feminina.

Há os que se hipertrofiaram realmente e que precisam de maiores clareiras para o espírito. Nos últimos tempos podemos balancear numerosas perdas até agora insubstituídas.

Não queremos chegar às razões climáticas, mas não podemos deixar de ter presente razões biológicas, entretendo, neste passo, também, a cultura: doenças e sub-alimentação, que grassam intensamente, mesmo em Belém e Manaus, situam-se em posição vantajosa na debilitação do corpo e consequentemente no aviltamento da inteligência.

Detenhamo-nos de relance nas causas rotuladas de especiais, principiando pela falta de estímulo: um estudante, ou um estudioso, não tem quase aproximação intelectual com o outro. Cada qual cuida silenciosamente de sua vida, sem querer que alguém descubra suas veleidades literárias ou artísticas. . .

Também comparece em primeira linha o espetáculo geral a impôr uma pergunta desalentadora: para que estudar? Na nossa subversão de valores, a cultura não é condição *sine qua* para ocupar boas posições! Como escritor, propriamente, ninguém vive nestas bandas: até os jornalistas militantes, em sua maior parte, têm encostos no funcionalismo, exercendo com o periodismo quase um *hobby*. Portanto, *primo vivere*. . .

São exatamente duas fortes razões, as apontadas: falta de estímulo (apontam-se nos dedos os escritores residentes na planície que publicaram livros no Sul: basta lembrar isto!) e necessidade imperiosa de ganhar a vida, — ambas neutralizando os esforços e a própria sorte com que se vencem as primeiras dificuldades da formação, e se sobrepondo inelutavelmente aos melhores impulsos da vocação.

A burocracia, especialmente a federal, e o Banco do Brasil, são dois verdadeiros sorvedouros de inteligências planiciárias. Temos sempre em mente o que sucedeu a Vieira de Alencar e mais tarde a Lázaro Baumann, todos dois dos nossos espíritos mais vivos e brilhantes. E perde o Amazonas, sempre, assim. . .

Ainda é preciso falar no isolamento em que vivemos. Os livros nos chegam atrasados; as notícias que não interessam à publicidade escandalosa das agências telegráficas (e são por assim dizer as principais para os homens de cultura!), vêm sempre envelhecidas. Isto é: não participamos em realidade do que se faz e do que se pensa no mundo! Viajamos apressados, olhando à distância os grandes nomes das metrópoles sulinas, sob o complexo de inferioridade do provincianismo acanhado e estreito. . . E quando a viagem é mais longa, renovando os conhecimentos pelos cursos de aperfeiçoamento, notadamente no estrangeiro, há dois perigos graves: ou o sujeito de volta não se adapta novamente ao meio, ou o meio passa a olhá-lo com reservas e prevenção.

Salientemos as culpas da educação.

De todo país, escreveu de uma feita Anísio Teixeira: "O mal do brasileiro é a falta de escolas, mas é também a escola existente".

Pior ainda na Amazônia. . .

Nas nossas escolas primárias, núcleo básico do desenvolvimento mental, há grandes lacunas. Umas, ligadas aos métodos de ensino, que visam quase sempre à apresentação de conhecimentos, sem cuidarem do aprimoramento moral e da formação de hábitos higiênicos dos discentes; outras, à precariedade das instalações; mais outras, decorrentes do professorado; e outras, afinal, à conta dos estudantes e de suas famílias.

O professorado é aliás a grande vítima. Abandonado, desprezado, injustiçado, mal pago, sem estímulo, sem o mínimo de elementos materiais com que exercer o seu verdadeiro sacerdócio, êle decái naturalmente em eficiência e em nível mental. Só permanecem no magistério os mestres verdadeiros, aquêles que nasceram com o destino incoercível de educadores; uma pequena parte, também, dos que não podem tentar outras profissões, como fazem muitos elementos (e que excelentes elementos!), que abandonam pelo comércio e pela burocracia aquilo que era um verdadeiro sonho de suas juventudes. Falamos dos titulados. Porque, quanto aos leigos, a história é muito outra: há professores do interior, efetivados pelos 10 anos de contínua regência de escolas, que mal escrevem, e que não possuem o mínimo de ilustração indispensável a um ser dito alfabetizado; e há outrossim escolas que o são nos atestados presentes à Fazenda e nos boletins imaginosos. . .

Difícilmente os normalistas se abalançam a ensinar nas cadeiras do interior: se fôrem, vão ganhando uma ninharia, menos que um ordenado de fome, sem passagens fornecidas pelo Estado, sem ajuda de custo e sem terem onde se alojar, por cima de tudo. Sabemos de professoras perdidas em barrancas, que têm chegado ao extremo de não ter o que comer!

E as instalações escolares? Se na capital há um que outro grupo apresentável (quase todos são anti-pedagógicos), que

pensar do interior, onde a casa da escola é de ordinário uma improvisação ? !

Quanto a Manaus, já o declarou em conferência pública o então Diretor da Educação, João Martins da Silva: há unidades escolares onde alunos escrevem nos parapeitos das janelas ou levam de casa sua mesa e sua cadeira... Verdadeiramente, exige-se dos meninos e adultos analfabetos, na Amazônia (porque o problema não é só do nosso Estado, embora menos grave nos Territórios Federais), exige-se dêles uma *pinta* de heroísmo e uma *sede* diabética de aprender...

Não sabemos se é melhor a situação do ensino secundário, em que já se verifica uma lastimável seleção econômica, tantas vezes às avessas. O menino pobre mal consegue ir ao 5.º ano primário (em 1951, em Manaus, para 15.000 escolares matriculados, houve 600 e poucos finalistas); cêdo demais — e crimosamente — a contribuição financeira do seu trabalho é exigida, e adeus livros...

Cresceram muito, em verdade, os frequentadores dos chamados cursos colegiais. Não cresceram porém na mesma proporção os respectivos estabelecimentos (no Colégio Estadual Amazonense, v.g., o gabinete de física já foi transformado em sala de aulas ordinária, o que também sucedeu até com um vestiário). Eram mais ou menos 200 ginásianos do velho Ginásio de há 20 anos, e hoje êste número se multiplicou por 6 ou 7. Por outro lado os velhos professores foram cedendo ao tempo e à Parca (quanta saudade de Vicente Telles, que era um mestre completo, ou de Plácido Serrano, uma figura serena e sábia!); e muitos professores foram sendo improvisados. Improvisações que algumas vezes deram certo, mas sempre perigosa maneira de criar condutores da mocidade! Também remunerados miseravelmente, houve que exigir-lhes voto de pobreza irrevogável e voto de sacrifício extremo: há professores secundários que dão 10 aulas por dia! Não é possível exigir maior esforço de uma criatura! E como estudar para ensinar, se as horas não encompridam? como ter pecúnia para adquirir livros que custam os olhos da cara? como manter o espírito alegre e comunicativo, tal se faz mistér, para edificação dos moços, se as forças físicas se consomem até as últimas possibilidades?

Não esqueçamos ainda a quota de culpas que cabe aos estudantes e às famílias: estas cada vez mais relaxam a assistência e a fiscalização dos menores, entregues cedo às lições do mundo das ruas. Atentemos nas paredes do Ginásio, cheias de cartazes de propaganda dos partidos internos, para termos o melhor retrato da situação da adolescência, desvirtuada integralmente de sua idade. E' uma verdadeira degradação, completada pelas deletérias histórias de quadrinhos, para cujo perigo faz pouco nos chamava a atenção uma esclarecida educadora: além de glorificarem malfeitores e figuras imaginárias de poderosos, dando imagem visual sucinta da narrativa, tiram ao espírito o trabalho da elaboração mental que a leitura obriga.

Por tudo isso as humanidades se afundam em nosso meio. A memória, o raciocínio, a imaginação, o espírito crítico, dependem de exercício, treinamento e estímulo: só eles poderão conduzir à ciência, à arte, à criação literária, à filosofia, ao domínio das idéias e dos fatos, isto é, à cultura, como patrimônio espiritual de um povo.

E sabem os que a perseguem que ela não é de geração espontânea: para alcançá-la há que queimar pestanas, fazer ginástica com a massa cinzenta, ouvir e discutir, em diálogos ou monólogos.

Já fizemos referência ao desmoronamento da Universidade de Manaus, que foi a primeira tentada no Brasil, por Joaquim Eulálio e Astrolábio Passos. Ainda se lembram todos do fim inglório das Escolas de Farmácia e Odontologia. A Escola de Agronomia, que tanto vicejou e produziu, teve de se rebaixar à condição de Escola Agro-Técnica. Só sobreviveu a Faculdade de Direito, e assim mesmo através de quantos percalços! Houve tempo em que praticamente não se davam aulas: dizia um professor, de grande mérito, a aluno de então, pessoa fidedigna, que não lhe era possível ensinar a cinco mil réis a hora, e assim mesmo sujeito a não receber... Felizmente o Interventor Rogério Coimbra, inspirado por Waldemar Pedrosa, chamou a Escola à responsabilidade do Estado, dando aos seus docentes uma situação mais digna, embora ainda bastante precária, do ponto de vista monetário; e podemos inscrever entre os maiores benefícios do governo Dutra ao Amazonas, a federalização do nosso maior instituto

de ensino superior, graças a uma lei também redigida por Waldemar Pedrosa.

Vale a pena ressaltar alguns fatos animadores no setor do ensino: em primeiro lugar a fundação e o funcionamento de uma Escola de Enfermagem de alto padrão, que trouxe às moças da região não só a possibilidade de nova carreira, mas outra perspectiva, criando um espírito modernizado, com lastro na ciência e na moral. Depois, o desenvolvimento do Seminário "S. José", onde numeroso grupo de rapazes se exercita mentalmente, abeberado das velhas e prodigiosas têtas do humanismo cristão. Há no Estado a versão popular de que amazonense não dá muito para padre... No Seminário, porém, os amazonenses haverão de lucrar intelectualmente, e queiram os céus cheguem muitos às Ordens, contanto que sejam bons padres — humanos, inteligentes, cultos, compreensivos e sobretudo honestos.

Merece, outrossim, ser assinalada uma esperança ou duas no horizonte: a construção da Escola de Agronomia e das Escolas de Odontologia e Farmácia, apesar de iniciadas e transferidas às calendas... Gostaria que se tornasse realidade o projeto do ex-Governador Leopoldo Neves, concentrando nos Bilhares as Faculdades manauenses: teríamos assim a base territorial de uma Universidade futura, quando o Amazonas a exigir e comportar. Não a Universidade criada pela atual Constituição, e da qual nunca ninguém ouviu falar. Nem muito menos aquela funambulesca Universidade Rural de Santarem, cuja criação tivemos oportunidade de vêr anunciada em entrevista do antigo Coordenador da Mobilização Econômica (quanta miséria se atribuiu durante a Guerra ao Ministro João Alberto, que foi na verdade um homem inteligente e progressista!), para que nela os seringueiros egressos das selvas, nos seis meses de entre-safra, podessem dilatar a visão através do olho-mágico da ciência...

A mais séria e decisiva iniciativa, porém, nos últimos tempos, para o nosso desenvolvimento cultural, foi a criação do Instituto de Pesquisas da Amazônia, instalado nesta capital, e em fase de organização, sob a direção do Prof. Olímpio da Fonseca, que é um cientista de renome, prometendo atraír grande número de pesquisadores e técnicos.

Tentaremos, para concluir êste ensaio, fixar um programa de reação.

Duas Páginas Amazônicas

DE MAVIGNIER DE CASTRO

PSICOLOGIA DAS RIBANCEIRAS

Qualquer trecho de paisagem, para ser bem descrito ou bem reproduzido, e, portanto, bem compreendido, deve ser visto de frente, de perfil, de escôrço, quer seja entre os livores do dia, na luz deslumbradora do sol poente, nas imponderáveis meias-tintas crepusculares. Dentro do imenso panorama da Amazônia, tôda ribanceira formando um espaço descompado que irrompe da selva para as margens dos rios tem uma conformação diferente, semelhando, às vezes, um montão de terra pincelado a zarcão, outras a um outeiro de barro amarelo intercalado no seguimento verde-escuro da floresta marginal. Não importa que a barranqueira seja deserta ou povoada, que tenha encostas suaves ou um talho abrupto; de qualquer modo, ela se nos apresenta como um hífen topográfico alegre e colorido, distanciando a longos intervalos a cerrada monotonia das uniformes perspectivas ribeirinhas.

Guardam, porém, aspecto lúgubre e pitoresco, os barrancos em que se perpetuam os campos-santos nos longínquos seringais hinterlandinos. Invariavelmente delimitados por uma tortuosa cêrca de arame farpado, à ilharga do terreno onde se enfêuda numa arrogância de castelo medievo o barracão patronal do seringalista, êsses cemitérios, com as suas cruces toscas, ladeadas por viçosas roseiras e crótons melancólicos, enquadram, quase sempre, sepulturas rasas e jazigos inestéticos rodeados por gradis de madeira que oscilam, em desalinho, sobre a relva continuamente aparada. Contudo, êles nos despertam irreprimível piedade, como se a sua perene desolação de recintos

mortuárias pudesse transmitir aos despojos jacentes o misticismo das sombras silenciosas dos crótons espalmados e a dolência das rosas que se despetalam frescalantes, para, ao sabor da nossa fantasia, esplender o ritual da tristeza e reavivar, indefinidamente, o culto da saudade.

* * *

Entretanto, servindo de fundo panorâmico às rústicas necrópoles, a selva imponente, trágica e misteriosa quando anoitece, se vai tingindo gloriosamente numa luz amalgamada com ouro e púrpura, que se dilui vagarosa no espaço de onde partem, retílineas e ofuscantes, flechas auríferas, dardejando os negros contornos das palmeiras e parecendo atiradas, inexaurivelmente, pelos carcazes de invisíveis legiões celestes.

Calma e imutável, nessas paragens, a noite estende o crepe gelado do seu véu de Clotho sobre as humildes covas niveladas pela verdura do relvado. Dir-se-ia, nesses instantes, que no ar sossegado e na mansuetude dos aspectos naturais paira maior crença no abstrato, grandiosidade e fé no indefinível.

Terminadas as atividades diárias, cerram-se as portas do barracão e dos tapiris adjacentes; aumenta o silêncio até que nenhum movimento, nenhuma atitude viva denunciem a existência humana nas calmosas habitações. Tudo, ali, torna-se quieto, impreciso, as casas e os túmulos, parecendo imersos na mesma compunção e numa igual solitude os temporários abrigos dos vivos e as eternas moradias dos mortos.

Na época hibernal, apesar de ser mais tétrica a solidão noturna, as tumbas esparsas nas ribanceiras jamais inspiram a inquietante neurose dos cemitérios citadinos. O bucolismo das lombadas marginais, a rusticidade das cruzes, a névoa mesma, formam adequada decoração funerária, ajustando-se, sem transição, à exuberante natureza viva que circunda as águas barrosas do rio fronteiro.

* * *

Assim como o sentido da vida se perde em si mesmo, a morte adquire, através do homem amazônida, nessas flo-

restas insondáveis, um sentido que não é o metafísico. A visão contínua dos perigos materializou a idéia que êle faz do fim da existência. Indiferente, tropeça a todo instante com a morte como se topasse num torrão da própria sepultura.

Quando as constantes ciladas da brenha traíçoeira lhe não transformam o corpo em um farrapo exangue, ei-lo regressando do "centro", trôpego de béri-béri, pálido e febril, combalido de espanto e de miséria. Por fim, sucumbe. Levam-no a enterrar na própria rêde em que expirou. Serviu-lhe de sudário, servir-lhe-á de esquiife. Depois, fincada uma cruz singela à cabeceira da cova que se fechou, as infalíveis touceiras de crôtons, rosas e cravos amarelos ladearão o montículo argiloso, para medrarem humildes e melancólicas, simbolizando a humana tristeza, como se por uma inconcebível metempsicose suas raízes pudessem abraçar-se ao morto e as protuberâncias nodosas dos seus troncos fôsem outros tantos olhos hirtos fixando, indefinidamente, a apoteose da paisagem prolongada nas perspectivas da barranqueira que se esfuma e se dissipa na linha do horizonte inatingível.

O ORFÊU DAS SELVAS AMAZÔNICAS

A influência dos sons harmoniosos modulados pelo pássaro cientificamente denominado *Leucolipia arada* modulatrix, conhecido por uirapurú criou, desde tempos imemoriais, no espírito supersticioso do aborigene, lendas, mitos e tabús, que se vêm perpetuando, profundamente arraigadas às credices atávicas dos civilizados de descendência indígena que, atualmente, povôam a Amazônia.

Ter-se em casa, mesmo embalsomado, o corpo plumoso do prodigioso cantor, é, segundo a crença, possuir-se um poderoso amuleto cntra os mais insidiosos malefícios, um talismã infalível realizador de todos os desejos de maravilhosa felicidade.

Poetas e escritores que pervagaram os densos recessos florestais da Amazônia imensurável e ouviram a melodia enlanguescente do passarinho encantador têm porfiado,

através de páginas lapidares, enaltecer a sonoridade com que o alado musicista fascina os homens e impõe silêncio às vozes misteriosas da natureza selvática. Humberto de Campos, Maranhão Sobrinho e Juvenal Antunes, immortalizaram nos labores de rimas faiscentes, a impressão que lhes causou o canto inimitável do uirapurú. Naturalistas famosos, destacando-se Humboldt, Agassis e, recentemente, Gastão Cruls na "Hiléia amazônica" escreveram sobre o excelso representante da avifauna referências que devem ter pasmado os estudiosos da arnitologia.

* * *

"*Leucolipia arada modulatrix*"... Talvez, na classificação dos milhares de pássaros existentes nas selvas, nos campos e nos montes de todos os continentes, nenhuma especificativa se ajuste melhor que a do uirapurú amazônico. Até a própria terminologia tupi interpreta a vulgaridade que o torna conhecido: — "uirú", (boca) e "purú", (ruidosa, cantora).

É na quietude balsâmica das manhãs luminosas, antes do sol atingir o zênite que, invariavelmente, na copa de uma árvore altíssima da terra firme, um gorjeio harmonioso se faz ouvir numa escala crescente de acordes enleantes, de sonidos puríssimos, tal um conjunto inefável de notas metálicas e cristalinas vibradas ao mesmo tempo, num misto aproximado de harpêjo eólio e avena pastoril, cuja gama de sublimada consonância nenhum instrumento musical, por mais sonozoso, pode imitar.

Então, como que atraídos pela suave melodia, ora evanescente, ora altissonante, centenas de pássaros revôam transpondo os recessos florestais. Suas asas não tatalam e nenhum pipilo lhes sai das gargantas. Crer-se-ia que temendo profanar a serenidade ponteística do momento, eles se aproximam silenciosamente do minúsculo orféu plumiforme, e, pousados a seu redor, vão matizando os ramos com as suas plumagens azuis, citrinas, purpúreas, brancas e negras.

Terminada a fantasia de côres esvoaçantes com a quietude embevecida dos aligeros ouvintes, o gorjeador faz pausa, voêja poro empoleirar-se no ramagem de outra

árvore, seguido triunfalmente pela confusão de penas deslumbrantes que lembram a policromia de um fogo de artifício caindo no penumbra do matagal silente.

Na sucessão dêsses rápidos intervalos, é possível, de relance, vislumbrar-se a tonalidade barrosa que reveste o corpo do pequeno virtuose ornitológico. Quem jamais ouviu as modulações do mago passarinho, dificilmente acreditará no estranho poder de fascínio que a sua harmonia exerce sobre os seres alados e, também, na extraordinária influência que ela desperta em nosso espírito.

* * *

Excluída a prodigiosa propriedade do seu canto inimitável, pouco se sabe dos hábitos do "Leucolipia arada modulatrix". Jamais um exemplar de qualquer idade resistiu ao cativeiro. Pacientes observações, entretanto, revelaram que êle é insetívoro, nunca se alimentando com gramíneas ou frutos silvestres. A plumagem do casal é uniforme, — cor de argila escura, idêntica à do vulgaríssimo "joão-de-barro". Não possuem, ambos, os soberbos reflexos metálicos vistos nas asas dos rouxinóis do Rio Negro; não lhes ornarn as cabeças penachos carmezins como os dos "galos-de-campina", e suas gorjeiras não ostentam as cintas douradas que refulgem no peito dos "japiins". Em compensação, quando êles nidificam, no período nupcial, suas capacidades vocais se desenvolvem de modo tão imprevisto que a melodia patética do gorjeio adquire, dentro do místico recolhimento da natureza, surpreendente motivo de elevação hierática, somente comparável aos temas poéticos que nos trazem os paroxismos da emotividade, — como quando ouvimos, enlevados, a execução suave, espiritualística, das extasiantes músicas sacras!

Enchente Grande

ALVARO MAIA

CHUVA E SOL

Aviões de névoa e fumo, os nevoeiros brancos
cobrem o espaço em cinza . . . O temporal soluça
e brame . . . Brame o rio em raivosos arrancos . . .
E, dobrado no leite, à borda dos barrancos,
com as folhas riscando a água, a selva se debruça . . .

Mas escorre da altura, entre nuvens lilazes,
negras, pardas, azuis — rendas a retremer,
o arco-iris, no esplendor de rebrilhos vivazes,
— sol na prisão de um véu de arminhos e de gazes,
ou turbante de luz a esvoaçar de prazer.

Enquanto jorra a chuva, o sol, caindo louro,
achega ao ombro em braza o refulgente manto . . .
A chuva a tremular, no horror do sorvedouro,
lembra um tear de platina entrelaçado de ouro,
tecendo o véu nupcial da natureza em pranto . . .

O RIO

Em troncos mortos há marrecas e gaviotas,
boiando na torrente, em direção do mar...
Soltam nos ares sons de flauta, agudas notas,
e fogem, — lá se vão destas zonas remotas
para além, rio abaixo, a revoar e a cantar...

Guardam uma fauna ignota a calma dos remansos.
Nos rebojos se agacha a sombra da perfídia.
As ondas que, até então, eram rebanhos mansos,
correm aos ventos, onça uivante, e, entre balanços,
têm no leito o redil, correndo à luz meridiana...

Dentro, surdos ao mal que freme e tempesteia,
dormem serpes sensuais e monstros de olhos maus...
Noite alta, quando escorre o luar a lua cheia,
e envenena o silêncio a silva da sereia,
a cobra-grande sai do fundo dos peráus...

Sói e ruge, através de desgarrões e furnas,
que as boiunas não vêm e os apuís não cingem...
Seguem-na cabriolando, a essas horas noturnas,
curupiras, anões e bruxas taciturnas,
os gênios do pavor que estão na mata virgem...

Todo o ímpeto do mal, todo o castigo corso
resume-se no som, resume-se na voz...
O rio é um monstro informe a ribombar de esforço,
que leva, na agressão de seu barrento dorso,
a fúria destruidora, o assassinio feroz...
Delira o céu, delira em êxtases supremos,
óra em margens de fogo, óra em longínquos arcos:
florestas e alvas céus chocam-se nos extremos,
onde, entreabrindo um leque ao impulso dos remos,
há esfumados vitrais de canoas e braços...

Uma Impertinência de Gramáticos

FELIX VALOIS COELHO

São os gramáticos homens constantemente preocupados com a defesa do idioma. Lupa sempre assestada, eles vivem à cata de impurezas capazes de comprometer a saúde da língua, ou simplesmente diminuir-lhe o vigor, marear-lhe o lustre, ou empanar-lhe a beleza. Empenho sadio e louvável. Nenhum trabalho mais meritório do que esse de procurar salvaguardar as tradições de uma língua, pois a fala de um povo é o espelho em que se lhe reflete a alma, é o relicário de sua vida, a garantia de sua continuidade histórica.

No entanto, se há dignidade nesse pelidar indefesso, ele assume feição condenável, quando a caturrice empolga o preliador, fazendo-o descambar para o exagêro dos dogmas formulados sem apôio na realidade dos fatos, isto é, sem paciente exame das lídimas fontes de casticismo.

No rol das nódoas que soem conspurcar a linguagem luso-brasileira, e contra a qual os doutores não se cansam de alertar a atenção dos estudiosos, figuram, em primeira plana, os estrangeirismos; e, entre estes, ressaltam os **galicismos**, pela frequência antipática e detestável. Por isso, raramente aparece um livro de estudo do vernáculo, onde se não depare um capítulo especial contra semelhante mazela, que afeio o nosso donoso idioma. Realmente, nada mais contristador do que ouvir-se ou ler-se um ingranzêu deste molde: "Na **sairée** das **debutantes** o **grand-monde** esteve maravilhoso. As damas e **demoiselles** exibiam ricas **toilettes** e os cavalheiros ostentavam **costumes** elegantes. O serviço de **bufet**, dirigido pelo **garçon X.**, apresentou **menu** variado. A iluminação **féerica** possibilitava observar bem o perfil das individualidades **marcontes** em suas **poses raffinées**".

Vai, porém, grande distância do combater os verdadeiros exotismos à xenofobia desequilibrada, que conduz a vislumbrar galicismo em qualquer vocábulo ou morfema parecido a um similar francês. Não

convém esquecer o que eminentes ensinadores já têm dito reiteradamente: as línguas francesa e portuguesa provêm do mesmo tronco, donde apresentarem, amiúde, formas coincidentes, ou assás aproximadas, quanto ao aspecto exterior.

Na lista de pseudo-francesismos, apontados como joio da pior espécie por extremados puristas, inscreve-se a terminação ERIA, encontrada em vários nomes, como **baterio**, **grosseria**, **loteria**, etc. Rijos ataques tem sofrido tal sufixo, da parte de insignes teóricos. E' que, registrando o idioma gaulês a forma **erie** (**artillerie**, **batterie**, **infanterie**, etc.), concluem os excelsos preleccionadores que a nossa forma **eria** constitui mero decalque da equivalente francesa.

Paladinos da guerra acirrada ao elemento **eria** são, além de outros: João de Castro Lopes (Palestras com o Povo, vol. I, cap. VIII), J. J. Nunes (**Digr. Lexicológicas**, pg. 240, nota 1), Ribeiro de Vasconcelos (**Gr. Port.**, pg. 90, nota), Leite de Vasconcelos (**Fil. Port.**, 1.^a ed., pg. 378/9) e Cândido de Figueiredo. Relewa notar, antes de tudo, a incoerência de alguns dêsses doutrinadores. Assim, Leite de Vasconcelos, no lugar acima indicado, pontifica: "O sufixo é **aria**, e não **eria**, porque os nomes dêsse tipo não provêm de temas em **eiro**, como falsamente se supõe. . . Deve-se pois dizer alfaiataria, artilharia. . ." Entretanto, a página 208 da mesma obra, reconhece e proclama que **lavanderia** já está averbado no **Dicionário** de Cardoso (sec. XVI) e chancelado pela autoridade de fr. Luís de Sousa (sec. XVII), no **Hist. de S. Domingos**, e inscrito, ao lado de **lavandaria**, no **Ortografia** de Monte Carmelo (sec. XVIII). Não menos desafinado se mostra o autoritário Cândido de Figueiredo: em diversas ocasiões, abriu o fogo cerrado de suas **baterias** (êle diz que isso é "forma antiga de **baterio** e mais portuguesa do que esta") contra o sufixo **eria**; nada obstante, registra, no seu **Dicionário** (4.^a ed.) somente a forma **GALERIA**, cuja origem afirma ser o "B. lat. **galeria**".

A Cândido de Figueiredo respondeu, vigorosamente, Heráclito Graça, mostrando, com farta cópia de exemplos, que em português "sempre houve simultaneamente vocábulos com o sufixo **aria** e **eria** e vocábulos simplesmente terminados em **aria** e **eria**" (V. **Fatos da Linguagem**, pgs. 31 a 67). Era de esperar que, após a fulminante resposta do filólogo brasileiro ao vulgarizador lusitano, ficasse liquidado o assunto, e ninguém mais perdesse tempo em fazer impugnações a palavras portuguesas terminadas em **eria**. Tal, porém, não aconteceu. Ainda recentemente o prof. Sebastião Valença, notável cultor da língua, respondendo a um consulente da coluna "Nos Domínios do Idioma", de **Vida**

Doméstica (dezembro, 1954), desencadeia tremenda objurgatória contra os que dizem ou escrevem **leiteria**, **bilheteria**, etc. Prega o emérito professor: **O sufixo vernáculo é "ária", que se aglutina à palavra primitiva depois de retirada a letra final, que se chama letra "infixa".**

Em nosso desvalia de obscuro mestre-escola provinciano, ousamos formar com os que opinam pela improcedência das catilinárias proferidas contra o sufixo **eria**. Dicionaristas venerandos, gramáticos respeitáveis e escritores os mais escorreitos apadrinham as duas formas: **aria** e **eria**.

Folheemos os dicionários.

MORAIS (2.^a ed.): — **bufoneria**, **correria**, **grosseria**, **loteria**, **maneria**, são as únicas formas registradas. Em outros casos, averbando a forma em **aria**, remete simplesmente o leitor para a variante em **eria**. Exemplos: "bataria, s. f. V. bateria"; "carnigaria V. carniceria"; "galaria V. galeria"; "galantaria V. galanteria"; "vozeria V. vozaria"; "montaria V. monteria". Em **parceria**, embora tão somente mande ver **parçaria**, acrescenta: "parceria parece melhor derivado de parceiro". E, se é verdade que de algumas palavras só acolhe a modalidade em **aria** (v. g. Albergaria, almocrevaria, almotaçaria, artilharia, especiaria, marchetaria, mosquetaria)), de outros não se corre de apresentar as duas feições, qual se vê em **armaria** e **armeria**, **altenaria** e **alteneria**, **cavalaria** e **cavaleria**, **infantaria** e **infanteria**, **marcenaria** e **marceneria**, **volataria** e **volateria**.

AULETE/VALENTE. No **Dicionário Contemporâneo** não se topa senão — **alteneria**, **artilheria**, **bateria**, **bufoneria**, **correria**, **galanteria**, **galeria**, **infanteria**, **loteria**, **marchanteria**, **parceria**, **pedanteria**, **quinquilha**. Entre **grossaria** e **grosseria** estabelece diferença: "**Grossaria** . . . s. f. tecido grosso de linho ou de algodão"; **grosseria** . . . s. f. qualidade do que é grosseiro. (Fig.) Rusticidade, falta de urbanidade. . ." Outras dições se exibem apenas com a terminação **aria**; mas há um terceiro grupo das que se ostentam sob os dois aspectos, tais como — **montaria** e **monteria**, **volataria** e **volateria**, **vozeria** e **vozeria**, etc.

Fr. **DOMINGOS VIEIRA**. Conquanto, em nosso excuro do momento, somente as palavras **bufoneria** e **correria** se nos tenham apresentado com a exclusiva forma em **eria**, encontramos, a par de muitas com o tipo único em **aria**, várias biformes: **Almocrevaria** e **almocreveria**, **almotaçaria** e **almotaceria**, **Altenaria** e **alteneria** (também **altanaria** e **altaneria**), **artilharia** e **artilheria** (ainda **artelharia**), **armaria** e **armeria**, **bataria** e **bateria**, **bargantaria** e **barganteria**, **cavalaria** e **cavaleria**, **galantaria** e **galanteria**, **galaria** e **galeria**, **infantaria** e **infanteria**, **lotaria** e **loteria**, **marcenaria** ou **marceneria**, **mosquetaria** ou **mosqueteria**, **montaria** e

monteria (nota de ser **monteria** "termo talvez mais correto, por derivar de **monte**"), **parçaria** ou **parceria**, **patifaria** ou **patiferia**, **pedantaria** e **pedanteria**, **volataria** e **volateria**, **vozeria** e **vozeria**. Marca, entre **grossaria** e **grosseria**, a mesma diferença que vimos assinalada no **Dicionário Contemporâneo**; e, em muitos dos apontados casos de duplicidade flexional, o autor, semelhantemente ao que fez **Morais**, apenas consigna a forma em **eria** a fim de remeter o leitor para a outra, em **eria**.

LACERDA — Só nos apresenta o ofício ou arte do bufão como **bufoneria**. E nos seguintes verbetes inculca preferência para com **eria**: **Bataria** V. **Bateria**; **Artelharia** V. **Artilheria**; **Galaria** V. **Galeria**; **Galanteria** V. **Galanteria**; **Lotaria** V. **Loteria**. Em outros, pratica o inverso, remetendo de **eria** para **aria**; mas o simples registro das duas modalidades indica o reconhecimento de serem ambas as formas correntes na língua.

ROQUETE (Dict. Port.-Français). Formas sem concorrentes: **bufoneria**, **barganteria**, **grosseria**, **loteria**. Preferência pela flexão **eria**: "Alternaria, s. f. V. Alternaria"; "Artelharia, s. f. V. Artilheria"; "Artilharia ou Artilheria"; "Bataria, s. f. V. Bateria"; "Galaria, s. f. V. Galeria"; "Montaria, s. f. V. Monteria"; "Montearia, s. f. V. Monteria"; "Vozeria, s. f. V. Vozeria".

FIGUEIREDO. Já vimos como êste lexicógrafo português, contrariando sua própria doutrina, exclui do seu dicionário a forma **galaria** (poderia alguém, pelo menos no Brasil, conceber coisa mais repugnante do que **galaria**, **grossaria**, **loteria**, **parçaria** e quejandos **orianismos** linguísticos?) e requinta a sua incongruência filiando **galeria** a idêntica forma do baixo latim, sem atinar que, a ser verdadeira essa origem, teria desabado fragorosamente a doutrina segunda a qual o sufixo **eria**, em português, é modérrnice de francelhos ignorantes do idioma pátrio. Não parou aí, contudo, o evangelizador lusitano. De certo, como qualquer indivíduo de gosto medianamente apurado, achou supinamente estapafúrdia uma **correria** e, por isso, só deu abrigo a **correria**; e, precedido de asterisco, indicador da ausência em outros léxicos, inscreve **escorreria**, com a indicação de desusado, abonando, todavia, a antiquilha com um exemplo de **Viriato Trágico** (marciais **escorrerias**), poema épico do século XVII.

No **ELUCIDÁRIO**, de Viterbo, que só pudemos consultar de relance, por não o possuímos, surpreendemos **bufoneries**, **maneria** e **alcheria**, **alquaria**, ou **alqueria**. Note-se que fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (português da gema) é do século XVIII; e sua obra se intitula "Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal ANTIGAMENTE se usaram" (o tipo versal é nosso).

Compulsemos, agora, as gramáticas de autores não desviados pela obsessão de um preconceito que, semelhante à obstinada idéia do célebre emplasto da Brás Cubas de Machado de Assis, pendurou-se no trapézio cerebral de alguns teóricos, oferecendo a incógnita de sua origem como desafio à sagacidade desses defensores de regras não apoiadas nos fatos da língua viva.

SILVEIRA BUENO, na *Gramática Normativa* (pg. 90) inscreve "aria-eria" entre os sufixos nominais coletivos, exemplificando "casaria, confeitaria, leiteria, joalheria". Na página 100 o preclaro mestre paulista, aludindo aos adversários de *eria*, assim se expressa: "Tais gramáticas não têm razão neste ponto. A forma em *eria* foi a preferida pelos clássicos e arcaicos das letras portuguesas. . . ." Após a exemplificação, entra a explicar foneticamente a formação *eria*, aduzindo opiniões de Gonçalves Viana e Adolfo Coelho.

SOUSA LIMA, na *Gramática Expositiva*, abriga separadamente *aria* e *eria* entre os "sufixos que formam substantivos de outras substantivos" (pgs. 284 e 285).

ED. CARLOS PEREIRA, na *Gram. Expos.* (46.^o ed., pg. 155) arrafa "aria, eria" na classe dos "sufixos designativos de coleção", dando, igualmente exemplos: pedraria. . . vozeria, lateria, grosseria. E, em obs. de rodapé, diz: "Em muitas palavras, em vez da forma — *aria*, prefere-se a forma — *eria*" (seguem-se exemplos). Continuando, recorda a opinião de Figueiredo e Ribeiro de Vasconcelos (*eria*, corruptela francesa), da qual expressamente discorda, porque, afirma, "o uso clássico, desde os primeiros tempos de nossa literatura, repele tal hipótese". Evoca, a seguir, a explicação fonética de Gonçalves Viana e Adolfo Coelho. Na *Gram. Histórica* (2.^o ed., pgs. 199 a 201) o pranteado gramático desenvolve sobremaneira os seus ensinamentos acima lembrados; refere, em remate, a "larga cópia de exemplos e citações, desde o século XV até hoje", apresentada por Heráclito Graça.

SÁ NUNES também abre lugares distintos para as duas formas — *aria* e *eria* — de "sufixos que formam substantivos de substantivos"; e exemplifica suficientemente cada uma delas (Ling. Vern., 3.^o Série, 3.^o ed., pgs. 171 e 172).

CÂNDIDO JUCÁ (filho), do mesmo forma, agasalha *aria* e *eria*, que considera "formas ampliadas" de *ia* (Gr. Hist., pg. 140, n. 419). E, na página 163, escreve: "Quanto à formação *aria* (ou *eria*), devemos considerá-la já um sufixo normal".

ERNESTO CARNEIRO, posto não apresente **eria** em verbete distinto, exemplifica **aria** com "enfermaria, GROSSERIA, porcaria, tafularia, PEDANTERIA" (*Serões*, 3.^a ed., 1919, pg. 126). E, quando trata dos vícios de linguagem, aponta entre os equivalente do peregrino **carnagem** a vernáculo **CARNICERIA** (ob. cit., pg. 751). Na esteira do mestre baiano caminha **JÚLIO RIBEIRO**, que insere **VOZERIA** no concêrto das dições exemplificativas de **aria** (*Gramática*, 6.^a ed., 1900, pg. 173).

OTONIEL MOTA (*O Meu Idioma*, 7.^a ed., pg. 66, n. 310): "No português, a forma **eria** aparece ao lado de **aria** desde os mais remotos documentos da língua. . . ." Prossegue aventando uma explicação própria para a existência da combatida forma sufixal.

Observemos o palpitar da língua, nos repositórios mais preciosos e no trato dos melhores manejadores.

O Código Civil português e o brasileiro são dois monumentos de vernaculidade. Aquêlê contou entre os seus artífices o sempre terso Alexandre Herculano; êste sofreu, em sua elaboração, rigoroso expurgo filológico e literário, comandado por dois dos mais conspícuos higienistas do idioma — Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro. Pois bem: o primeiro traz, na Parte II, Livro II, Título II, Capítulo II: Secção VI — "Da parceria rural", Sub-Secção I — "Da parceria agrícola", Sub-Secção II — "Da parceria pecuária"; e grafa o termo **parceria** no corpo dos artigos 1.298, 1.299, 1.301, 1.304, 1.313 e 1.316. O segundo ostenta, no Título V do Livro III da Parte Especial, o Capítulo XII, intitulado "Da parceria rural", com a Secção I, epigrafada "Da parceria agrícola", e a Secção II, nomeada "Da parceria pecuária"; e estadeia a palavra **parceria** no bojo dos artigos 1.410, 1.413, 1.415, 1.416.

Em Ruy Barbosa lemos: "**Deboche**, em cujo lugar temos **crápula**, **devassidão**, **libidinagem**, **desvergonha**, **BARGANTERIA** (o tipo versal nos pertence), continua a reputar-se o mais torpe e dissoluto dos galicismos"; "...além um **massacre**, o que o **morticínio**, **cornificino**, **matança**, **trucidção**, **CARNICERIA** (é nosso o versal) tão bem nos forravam". Note-se que os dois textos pertencem à **RÉPLICA** (ns. 467 e 469), e exatamente ao trecho em que o disertor escritor, retrucando à **Lição de Português**, de José Veríssimo, discorre sôbre **galicismos**.

Alexandre Herculano oferece os seguintes passos :1º) — em **LENDAS NARRATIVAS** (23.^a ed., dirigida por David Lopes): "No mesmo dia em que nos fronteiros do império os cristãos faziam alguma correria... êle anunciava publicamente o successo" (tomo I, pgs. 12/3); "A vozeria e o estrépito que fazia aquela multidão desordenada assustou el

rei" (t. I, pg. 68); "...para interromper-me com uma de vossas bufone-
rias, não valia a pena de me aleijardes este ombro" (t. I, pg. 142);
"Depois... começou a encaminhar-se para o solar... ajuntando caça
de volateria" (t. II, pg. 24); "...um labirinto de colunas, que dava saída
para uma galeria exterior" (t. II, pgs. 66/7); "Foi um progresso de
civilização, que se completou, pelo lado moral, com o aumento das lote-
rias" (t. II pg. 142); "Este som, semelhante ao disparar de artilheria por
sotavento, aproximava-se gradualmente" (t. II, pg. 330). 2º) — em
O BÔBO (8.ª ed.): "...fraco e pequeno castelo, a que os monges se
acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros" (pg. 19);
"...êle viera, não da sala d'armas, porém da galeria contígua" (pg.
154); "Naquele tempo os peões ou infantaria, chusma indômita... era
tida em nenhuma conta" (pg. 219).

Machado de Assis — **BRÁS CUBAS** (ed. Garnier, sem número e sem
data): "Vi-te ali mesmo correr atrás da mulher do vizir, ao longo da
galeria" (pg. 63); "...meu cérebro foi um tablado em que se deram
peças de todo gênero, o drama sacro, o austero... os autos, as bufone-
rias, um pandemônio" (pg. 108); "Recordei aquêlê companheiro de colé-
gio, as correrias nos morros..." (pg. 164); "Não era só convidar o
escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota" pg. 286).

Castilho — **FAUSTO** (3.ª ed): "... nunca achei graça / ao que
cheira e tresanda a grosseria" (Quadro III, cena II); "Este cercopiteco
endoidecia, / se pudesse ganhar na loteria" (Q. VII, c. I); "Não sejas
popo-assorda, e presto presto/ já nova joalheria" (Q. X. c. I).

Camilo — **BR. DE PRAZINS** (ed. Lello & Irmão, 1943 — **Coleção
Lusitânia**): "... a soirée do monarca de Calvos compunha-se do visconde
Nunes, seu secretário privado e brigadeiro de infantaria" (VII, pg. 68);
"— Gaspar Ferreira, reformado em coronel de infantaria..." (VII, pg.
70); "O sargento-mor de Rio Caldo contava passagens de caça no Gerez,
com enfáticos arremedos, movimentados, da altaneria" (VII, pg. 71).

Mesmo que a terminação *eria* fôsse de introdução moderna, nem
por isso mereceria anatemizada. E' fato sobejamente conhecido a
contínua modificação das línguas, através do tempo e do espaço. Não
fôra assim, e ainda hoje usáramos, entre outras belezas clássicas, —
**antiado, estâmago, devação, corenta, contia, diecese, moesteiro, crelligo,
mentideiro, falsura, menhã.**

Mas absolutamente não é modernice. Vimos os sábios Heráclito
Graça, Silveira Bueno, Eduardo Carlos Pereira e Otoniel Moto certificando
a vetustez da concomitância das formas *aria* e *eria*. Os documentos
ratificam as afirmativas dos mestres.

Abramos a Bíblia do Idioma, **OS LUSÍADAS**: "Eis nos batéis o fogo se levanta/ Na furiosa e dura artilheria" (I, 89 Cf. **Artelheria**, VII, 12); "Entre a gente que a vê-lo concorria, / Se chega um Moometa, que nascido/Fôra na região da Berberia" (VII, 24 Cf. **Barbaria**, VIII, 38).

"— Não merecia eu, snr. Leonardo... que tomásseis meus defeitos por matéria de vossa galanteria" (F. Rodrigues Lobo, sec. XVII); "...autores... que mostraram a sua boa linguagem... a agudeza e galanteria das tenções" (idem); "...falta-lhes peonagem para reparar as ruínas da nossa bateria" (Jacinto Freire, sec. XVII); "Vêdes aqui como se gastam... as comendas da cavalaria..." (Antônio Ferreira, sec. XVI). João Ribeiro, em cuja **Seleção Clássica** (3.^a ed., 1914, pgs. 145, 146, 205 e 156) restolhamos os passos que aí ficam, de antigos prosadores, não faz, em suas fartas anotações, qualquer comentário restritivo a essas formas em **eria**. Nem poderia fazê-lo, visto como o próprio provector autor da **Seleção**, escoliando um trecho do Pe. Antônio Vieira, escreve (pg. 199): "**Mercância** foi também substituída por **mérce**, **mercadoria**, **fazenda** etc., correspondentes aos menos usados **marceria**, **mercearia**, **mercimônia**".

"... ca pera esto bem saber fazer, compre conhescer como e en que lugar he melhor pera lhe poerem a bozeria" (**Livro do montaria**, de D. João I, sec. XV, ap. Leite de Vasconcelos, **Textos Acaicos**, 3.^a ed., 1923, pg. 73). Nenhuma reserva do compilador, enfileirado, segundo vimos, entre os que inculcam ser modernice reprovável a flexão **eria**.

Mergulhemos nas **ORDENAÇÕES FILIPINAS**. Aí pescaremos palavras:

A) — exclusivamente com a terminação **eria**, tais, entre outras: chancelaria, vestiaria, alcaidaria, tapeçaria, albergaria, pedraria, gafaria, estrebaria, portaria, grangearia, pescaria, cantaria, alvenaria, etc.

B) — ora terminadas em **eria**, ora em **eria**. **Almotaçaria** (Livro I: Tit. XVIII, 1, 6, 8, 11, 15, 39, 65; Tit. LVII, princ.; Tit. LXV, 23) **ALMOTACERIA** (Liv. I: Tit. LXVI, 5; Tit. LXVIII, 12 (duas vezes), 13, 15 (duas vezes), 17, 42; Tit. LXIX, princ.; Tit. LXXI, 7; Tit. LXXII, epígr. e princ.; Tit. XCVII, 3. Livro II: Tit. I, 20; Tit. XLVI, corpo; Tit. LXII, 2. Livro III: Tit. V, 9, 10). **Cavalaria** (L. V, Tit. CXII, 7). **CAVALERIA** (L. II: T. LX, epígr. e princ. e I. L. III, T. XXXIX, 2. L. IV, T. XCVII, 7, 9 (duas vezes). L. V: T. VI, 13; T. CXXXIII, 3). **Speciaria** (L. V. T. CVII, 9). **SPECIERIA** (L. IV: T. VIII, 5; T. XXI, 1). **Feitiçaria** (L. V, T. III, princ. e n. 2). **FEITICERIA** (L. IV: T. LXXXVIII, 7. L. V: T. CXXXIII, 3; T. CXXXVIII, 2).

C) — unicamente com a desinência **eria**: MERCERIA (L. I, T. LXII, 61 — duas vezes). CARNICERIA (L. I, T. LXVI, 8). PARCERIA (L. II: T. XXXIII, 26, 32. L. III, T. LIX, 13 — tres vezes. L. IV, T. CLV, princ. e 2, 3, 4. L. V, T. LXXI, 6 — duas vezes). CARPENTERIA (L. IV, T. XIII, 8).

De todo o exposto conclui-se: igualmente legítimas são as terminações **ARIA E ERIA**. A preferência por uma ou por outra há de escudar-se no uso mais generalizado, conforme a época e a região onde vivemos. Assim, atualmente, pelo menos no Brasil, cremos ninguém diz senão — sapataria, livraria, ferraria, gritaria, patifaria, pedraria, hospedaria, etc. Ao contrário, todos pronunciam somente — bateria, correria, grosseria, loteria, parceria, vazeria. Finalmente, conforme o lugar, verifica-se preponderância desta ou daquela forma: Leitaria ou leiteria, marmoraria ou marmoreria, doçaria ou doceria, sorveteria ou sorveteria, ourivesaria ou ouriveseria, marchantaria ou marchanteria, lavandaria ou lavanderia, infantaria ou infanteria, cavalaria ou cavaleria, e assim por diante.



BENJAMIN LIMA, Jornalista, Escritor e Teatrólogo

RAUL DE AZEVEDO

Disse Pascal, numa das suas páginas mais célebres, — “La Verité n'est jamais vencue! La victoier lui appartient, et elle triomphe enfin de ses ennemis... parce que elle est éternelle et puissante comme Dieu-même”.

Escrevemos para dizer a Verdade, sem ambages, sem preocupações mesmo de agradar, dentro da tranquilidade da nossa consciência. O nosso roteiro será essa estrada, que devia ser larga mas é estreita, da franqueza, da veracidade, da justiça a mais ampla.

A primeira pergunta que nos assalta ao espírito é essa — pode um amigo leal dizer bem de outro, mesmo morto, sem ser acoimado de suspeição e parcialidade?

Pensamos que sim, desde que o roteiro seja duma justiça integral e absoluta, que o homem não se deixe arrastar por sentimentos subalternos, ou que tenha somente a preocupação de louvar, — o que faria descrever e desdenhar a obra.

Como naqueles folhetins antigos, que a modernização do jornal matou, podemos dizer que foi no ano de... Com franqueza não nos lembramos da data. O certo é que jovem ainda — por mais absurdo que pareça já fomos moços... — dirigíamos na capital do Amazonas, outrora mais conhecido do que hoje, o seu melhor jornal, o “Comércio do Amazonas”. Pois foi numa das claras manhãs de Manaus — não diremos uma bela manhã de sol, porque lá todos os dias são lavados de sol! — que entrou pela sala de redação um moço desempenado, elegante e imberbe, e logo vimos que era estudante, e foi nos dizendo:

— Trago-lhe o meu primeiro artigo literário. E' uma estréia. Chamo-me Benjamin Lima, estudante.

Sentou-se. Olhei-o nos olhos vivos, e respondi com a naturalidade dum confrade:

— Muito agradecido. Vou ler depois o artigo.

— Não. Pedia-lhe que o lêsse agora.

Fizemos a vontade ao jovem estudante. Sempre, aliás, na nossa longa vida de imprensa, de escritor, de burocrata, ajudamos milhares de moços, que sempre, aliás, nos foram ou são agradecidos.

Após a leitura do artigo, dissemos-lhe:

— Sairá amanhã.

Amanhã era um domingo, dia de feição mais literária do jornal.

Na segunda-feira o jovem foi agradecer a publicação do artigo, e outros vieram, — e com êles uma amizade que durou sempre, décadas e décadas, sem um só estremecimento, um só aborrecimento, e que continua viva mesmo depois da sua morte.

* * *

Benjamin Lima, jornalista, foi mais tarde redator de "A Imprensa", de Manaus, e colaborou em muitos outros jornais. Às vezes eu estava dum lado, êle do outro, — mas continuávamos com as nossas relações, a nossa amizade.

Depois, o Rio de Janeiro, — para onde afinal quase todos viemos. Aqui escreveu em muitos jornais, principiando pelo fidalgo e inesquecível "O País", que marcou uma época. Outras folhas vieram. Ao morrer, era um dos redatores do "Jornal do Brasil", e além dos seus artigos literários que dariam volumes, escrevia saborosos "sueños" que todos nós, os seus amigos e companheiros, sabíamos logo a autoria.

Êle era às vezes um ético, às vezes irônico, mas sem a preocupação de ser feroz ou cruel. Acima de tudo um humorista.

Êle amava Oscar Wilde.

Benjamin Lima escreveu muito, toda a sua vida. A sua enfermidade bárbara, que durou dezenas de anos, talvez tornasse um pouco pessimista toda a sua obra. Êle foi heroico no sofrimento, na dor contínua e persistente, — mas trabalhava sempre, escrevia sempre. E muita vez pontilhava de espírito e graça os seus escritos.

Era um jornalista, comentando rápido e sagaz o fato do dia, e tinha a paixão pelo paradoxo. Era como seu Mestre Oscar Wilde, um paradoxal. E muita vez nos fazia sorrir.

Já ultimamente não saía de casa, não podia circular. E ele amava a rua, pelo prazer de encontrar os amigos, de com eles pastrar, de fazer ironia. Mas escrevia diariamente.

Nasceu em Óbidos, Estado do Pará, a 27 de novembro de 1885. Eram seus pais o senhor João Francisco de Araújo Lima e a Senhora Maria Amélia Mendonça de Araújo Lima. Menino ainda, seguiu com a família para Manaus, onde fez os seus primeiros estudos. Depois, em Salvador, iniciou seu curso de Direito, transferindo-se para o Rio de Janeiro, em cuja Faculdade recebeu o diploma.

Era estudante ainda, e destacado, quando representou essa Faculdade no I Congresso Internacional de Estudantes Americanos, sediado, em 1908, em Montevidéu. Na Bahia, lembraram os jornais, foi um dos diretores da revista "Ad lucem", e escreveu ao tempo de Almáchio Diniz, no "Diário da Bahia".

Bacharel em Direito, rumou para Manaus, e escrevia no "Diário do Amazonas", e em diversas revistas.

Estávamos em 1919 no Rio de Janeiro. Aí, nessa época, iniciou um trabalho intenso no jornalismo. Além d'"O País", escreveu em diversas épocas, no "Diário Carioca", "Diário de Notícias", "Diário da Noite". Manteve-se anos como redator do "Jornal do Brasil", até a sua morte. Colaborou também no "Correio Paulistano" e "Gazeta", de São Paulo. No "Jornal do Comércio", "Gazeta de Notícias", "O Dia", "A Rua", "Jornal do Povo", do Rio de Janeiro. Em Santos, no "O Diário"; em Belém, na "Folha do Norte" e "Imparcial".

A sua obra jornalística, mesmo selecionada, daria volumes. E como isso não se faz no Brasil, todos êsses inumeráveis artigos e crônicas perdem-se na poeira dos jornais.

* * *

Foi Benjamin Franklin de Araújo Lima professor de História e exerceu diversos cargos públicos. Foi ali Promotor de Justiça, Juiz Municipal e Juiz de Direito da Comarca de Manaus. E mais, Oficial de Gabinete dum dos Governadores Amazonenses; Diretor da Biblioteca Pública de Manaus; Dire-

tor da Penitenciária da referida cidade; Procurador Fiscal no Amazonas. Foi mais, Secretário da Prefeitura de Manaus, Escrivão Federal do Amazonas e, ainda, professor de História e Economia Política da Escola de Comércio de Manaus, Delegado Geral do Recenseamento de 1920 naquele Estado. Foi Oficial da Diretoria Geral de Estatística.

Depois, no Rio de Janeiro, foi membro da Comissão do Teatro Nacional do Ministério da Educação, quando da sua fundação. Em seguida, foi designado para Diretor do Curso de Teatro, cargo em que se assinalou e foi aposentado.

* * *

Como escritor, deu-nos um livro interessante, "Êsse Jorge de Lima...", muito discutido quando do aparecimento da obra (1932). Traçou o perfil literário e humano desse escritor, que também já se foi. Ele era membro da sempre jovem e brilhante Academia Amazonense de Letras e um dos representantes desta junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, meu companheiro.

Recapitulou aqui e ali notas de jornais, recolho de amigos íntimos fatos e apontamentos, sobre a vida desse escritor, — vida que foi um sofrimento torturante anos e anos. Mas êle tinha sempre um sorriso, um comentário esfusiante, um trocadilho ou um paradoxo, na sua palestra realmente tentadora.

Eu publicara em fins de 1947 um romance — mais um! — e quiz pessoalmente levá-lo a Benjamim Lima, na sua residência tranquila em Copacabana. Era uma visita, e sabedor da sua doença, pretendia demorar uns cinco minutos. Pouco antes da sua morte. Recebeu-me como um velho amigo. Pois aquêle homem, eterno sofredor, continuava com a palavra alegre, viva, cintilante, fazendo espírito, acutilando deliciosamente êste ou aquêle! Demorei hora e meia a conversar. E saí animado, convencido de que êle viveria muitos anos!

Falámos num seu livro de 1919, "A revolta do ídolo", um intenso episódio dramático. Êle sorriu... "Mocidade", disse.

Mais aí já se revelava o teatrólogo forte, o psicólogo atilado, que êle foi. Algumas das suas peças, representadas, tiveram ruidoso êxito, merecendo boa crítica. "O Carrasco",

em 1922; "O homem que marcha", 1925; "Boa Noite", 1931; "Quem ri, afinal?", 1932; "Babilônia", 1933; "O amor e a morte", 1933; "Venenos", 1938.

Deixou inédito uma alta comédia, que precisa ser representada, — "Dom Juan, ou 6 autores perseguindo um personagem".

Um título e um assunto à Pirandello.

Ele era um conferencista de grande sabor, cheio de conceitos, e elegantizando a prosa. Raramente frequentava a tribuna. Mas uma das suas palestras não esqueci nunca, — a que realizou no Rio de Janeiro por ocasião do centenário do Mestre Machado de Assis, nas comemorações efetuadas pela Federação das Academias de Letras do Brasil.

Só o título já era bem sugestivo, — "O heroísmo da ironia em Machado de Assis".

Respigamos frases dessa equilibrada conferência:

— "Os grandes, os maiores, os máximos escritores não são para ser analisados e criticados. Não são, sequer, para ser comentados. São, única e exclusivamente, para ser lidos".

Fazendo a psicologia da obra machadeana, curto e incisivo:

— "O pior é que Machado caçoa dos seus leitores principalmente em algumas ocasiões em que os parece estar tomando a sério".

Adeante:

— "Revigora-se a minha desconfiança de ser Machado de Assis um desses poucos autores, autenticamente geniais, positivamente aberrantes dos tipos e proporções comuns, que só aceitam uma qualidade de glorificação, a da leitura, e até proibem, como sacrilégio, qualquer empenho de interpretação e julgamento fora dos êxtases interiores".

Benjamin Lima tem sobre o maior autor do Brasil uma frase lapidar:

— "Homem subterrâneo, vivendo no sub-solo da psicologia, como o seu irmão e êmulo da Rússia, para empregar a terminologia que êste inventou, o maior dos nossos escritores e somente para ser pressentido".

Sobre a cidade, escrevia o teatrólogo:

— “Ver, ouvir, apalpar, degustar, cheirar, tudo, em metrópoles como esta onde vivemos, é veículo de conhecimento, fator de aprendizagem, elemento de cultura”.

E na sua conferência diz ainda:

— “Houvesse nele saúde e equilíbrio perfeitamente hígido, normal, comum, e não se haveria produzido maravilha tão estranhamente bela, tão lindamente fecunda”.

Eu vos pergunto, — o gênio terá que ser assim ?

Benjamin Lima, numa outra página que não se esquece, faz um confronto sugestivo entre o humorismo e a ironia.

— “O humorismo, no fundo, é sempre ingênuo, e a ironia, sempre maliciosa. O humorismo é um divertimento, e a ironia, uma aplicação (tanto para quem a perpetra como para quem a registra). O humorismo revela-se, em todos os casos, inofensivo, e não há hipótese em que a ironia se não patenteie maligna. O humorismo pode ser cândido, ao passo que a ironia nunca deixa de mostrar-se perversa. E tudo isso porque o humorismo é antes uma criação do sentimento, e a ironia, uma criação exclusiva do pensamento. Ironia é a busca do que existe de ridículo nas coisas sublimes. E daí o que ela tem de tipicamente sádico, vandálico, iconoclastico, profanador”.

Essa é, de certo, uma das melhores páginas do escritor morto, que viverá na sua obra.

* * *

Benjamin Lima era irmão dêsse notável escritor, já falecido, o dr. José Francisco de Araújo Lima, professor, escritor, ex-deputado federal pelo Amazonas. Foi ali um excelente Prefeito Municipal. E entre os seus livros deixou um que ficará nas bibliotecas apuradas: “A Amazônia”. Prefácio de Tristão de Ataíde, prêmio da Academia Brasileira de Letras.

Morreu Benjamin Lima ainda moço, — e eu chamo de moços a todos os que têm idade menor que a minha. . . nasceu em Óbidos, Estado do Pará, a 27 de novembro de 1885, seguindo logo depois para Manaus. E era, e sempre foi um amazônico.

Dele, na Academia Brasileira de Letras, disse e bem Peregrino Júnior que — “viveu para a alegria de ler e escrever.”

A dor física, e como consequência a moral, morava consigo há longos e inesgotáveis anos. Pois bem, — êsse homem excepcional não se entregava ao sofrimento, — vivia lendo, escrevendo, fazendo *blagues*, raro conversador que era.

Mas, volto ao homem de teatro. Êle era um autor, e um ator que nunca representava para o público. Mas conhecia todo o “*metier*”, nos seus mínimos detalhes. Era um ensaiador.

Lembrava, outro dia, a escritora teatral sra. Maria Jacinta que se fizesse representar agora uma das peças do teatrólogo notável. Eu sugeria que fôsse a que êle deixou inédita, — “Dom Juan, ou 6 autores perseguindo um personagem”. Ela foi escrita recentemente, na segunda idade — se é certo que a vida começa aos quarenta... — entre o sofrimento atroz e a *blague* eterna, o espírito esfusante que sempre acompanhou o profundo psicólogo.

Há muitos e muitos anos êsse homem heróico era enfermo, a sofrer sempre, de quando em quando a cirurgia trabalhando no seu organismo. Oswaldo Paixão lembrou uma sua frase, — “Para mim as noites são mais compridas porque sem sono”. Mal podia dormir.

Pois era êsse doente que animava, sobre teatro, os bons e sadios! Êle queria uma escola de verdade, com um programa bem traçado, a fim de aproveitar os talentos e vocações que andam por aí, por êste Rio de Janeiro atabalhoado e apressado, e pela mansidão e serenidade das províncias, que geralmente não estimulam a arte.

Paschoal Carlos Magno, que é um estimulador, tem elementos para não deixar no olvido o teatrólogo, seu companheiro, Benjamin Lima.

A Academia Amazonense de Letras, com sede própria, é uma colmeia de homens de letras. Agora, vai aparecer mais um número da sua Revista. Está completa, 40 cadeiras — como na Francesa e na Brasileira, — e ressurgiu devido ao esforço, ao trabalho, à dedicação e à cultura de Pericles Moraes, que é um nome nacional. Benjamin Lima foi um dos seus fundadores.

Quase neste momento mesmo a Academia recebeu gloriosamente em Manaus o notável escritor Garcia Vignola, representante da cultura espanhola junto à Embaixada da Espanha. A sessão foi presidida por Pericles Moraes, que falou elegantemente, sendo orador oficial o ilustre dr. André Araújo, escritor. E Garcia Vignola, que é um dos nossos mais brilhantes companheiros no Rio de Janeiro, pronunciou sensacional conferência, dissertando sobre aspectos impressionantes da arte pictural espanhola. Os acadêmicos amazonenses cercaram o escritor Garcia Vignola de tôdas as homenagens.

* * *

E' claro e intuitivo que, no espaço tão curto que disponho, não posso fazer a crítica, principalmente a teatral, da obra de Benjamin Lima. Mencionei as suas obras, e muitos dos que me lêem tiveram o prazer e a volúpia intelectual de ver e ouvir essas representações. Mas não escondo as minhas maiores simpatias pela alta comédia "O homem que marcha". Não se trata do homem que anda, mas — na gíria brasileira — do homem que paga.

Quando começou a sua moléstia trágica, algo shakespeareana, há dezenas de anos, consultou os médicos principais que estavam no Amazonas, alguns célebres. Aconselhavam-no a que fôsse a Paris, onde havia um especialista de renome. Naquela época longínqua, as viagens Manaus-Europa eram facilímas, quatro linhas semanais de ótimos vapores. Ninguém vinha ao Rio de Janeiro, e todos nós íamos à Europa. Fomos deixar Benjamin Lima a bordo dum navio da Booth Line. Ele era tôda uma esperança!

Em Paris, procurou logo o eminente especialista. Disse ao que ia:

— Explique-me minuciosamente a sua moléstia.

Benjamin Lima, que falava um francês puríssimo, descreveu a sua doença minuciosamente, com os vocábulos técnicos. Detalhado. Minuciosíssimo. O especialista francês franziu a testa, e ouviu calado o enfêrmo. Este falou por meia hora e disse tudo, tudo o que sofria, e a marcha ascencional da moléstia.

Depois, o médico francês olhou-o firme e atentamente, e disse-lhe: — Como sabe o prezado colega, a enfermidade é desgraçadamente incurável. Vou medicá-lo. Mas será um paliativo, meu amigo. Pode, porém, viver dezenas de anos.

O outro levantou-se, e a alma em turbilhão, respondeu:

— Agradeço-lhe. Mas não sou médico, e sim bacharel em Direito.

Imaginem só o que êste homem, êste teatrólogo, que escrevia tragédias, sofreu a vida inteira!



A ETERNIDADE DA POESIA

ANDRE' ARAUJO

*Saudação do Acadêmico André Araujo
ao Prof. Rod Horton, da Universidade de
Nova York, em sessão solene no dia 6 de
Julho de 1955.*

Sr. Rod Horton:

Em nome da Academia Amazonense de Letras, aqui estou para vos saudar e transmitir, pela nossa cultura, o nosso abraço cordial e fraterno ao cidadão americano, portador da mensagem de inteligência daquele nobre povo amigo.

Estranha essa coincidência com que fostes assimilado, logo ao primeiro contato com os homens de letras desta terra brasileira, nesta hora tão difícil, para congregar literatos e cultores de artes e ciência, que se abrigam nesta casa de inteligência.

E' que os homens aqui ainda não perderam a esperança no poder das letras e da eternidade da mente humana. Somos daqueles que vivem afrontando tudo por amor aos livros e à pena.

Em vossa pátria, um dia, o grande Roosevelt, eleito seu Presidente, em 1933, deparando-se com a trágica situação que a assolava, com 12.000.000 de pais de família desempregados, com o descalabro da delinquência juvenil e a falência de poderosas emprêsas, — Roosevelt, no meio da grande luta, elevando a renda nacional, por cabeça, de 30 para 40 dólares, transcendendo a cultura do povo para a arte e para a literatura, voltando-se para o eterno mundo dos espíritos, ampliando Museus como o de "Arte Moderna" de Nova York, o de "Mel-

Ion Institute", com obras primas universais, e o "*Rockefeller Center*" de New York, encarando o problema da arte e da diversão sadia do povo irmão.

A crença do estadista também estava nas letras e nas artes, e aquele grande sucessor do imortal Lincoln fez que o povo prestigiasse a literatura. E o povo substituiu o cinema vulgar pelo "*E o vento Levou*" de Margaret Mitchell, com a venda de 2.000.000 de exemplares e muitos outros romances sérios, requintados de beleza como o "*OF MICE AND MEN*" de Steinbeck, bem como as obras de *Faulkner*, *Wolfe*, *Van Wick Brooks* e *Thornton Wilder*.

Roosevelt compreendia o poder das letras e da inteligência, como nós o sabemos e como o sabe esse imortal homem que tem resistido a tantos embates pelas letras no Brasil, esse grande Pericles Moraes, nosso Presidente emérito, a quem coube reunir a esta hora, este grupo de intelectuais, para dentro desse mundo materializado, ouvir alguma coisa da vida e da obra desse notável poeta de 80 anos de idade que é ROBERT FROST, que ainda não pode envelhecer para a inteligência e que, talvez, em outro lugar, fôsse apedrejado pelo simples motivo de ter envelhecido pensando, escrevendo, lendo e amando as letras e as artes e vivendo o mundo moderno da poesia moderna de Whitman.

Temos assim a honra de vos saudar, SR. ROD HORTON. Conhecemos vossa personalidade como professor de literatura da "New York University", de onde soubestes projetar a grandeza do vosso nome, a ponto de terdes recebido a honra de um convite para realizar um curso de literatura Norte Americana na Universidade do Brasil.

Vossa passagem por aqui não poderia ser silenciosa. Esta tribuna deveria ser honrada com a vossa personalidade de escritor, de professor e de poeta.

Compreendemos porque escolhestes um tema tão interessante, indo buscar um dos maiores nomes da poesia norte americana, um homem que incarna o velho espírito da Nova Inglaterra, aquele poeta que viveu o espírito de mestre e guia da nova geração. E entre nós, aqui, poetas desse mesmo tipo, angustiados pela poesia modernista, anseiam escutar essa poesia-mensagem de alma eterna.

Conhecemos bem "The Masque of Reason", com os seus poemas épicos e grandiloquentes, irmãos dos de nosso Castro Alves.

Podereis dizer a todos nós da alma da época que animou o sonho profético de Whitman, bem como o gênio esquisito de Emily Dickinson, de Arlington Robinson.

A idade eterna, essa idade nova da poesia, entre nós é anunciada pelos nossos grandes poetas, que trouxeram a nova mensagem, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Jorge de Lima.

Sabemos os rumos de vosso espírito encantador ao analisar os destinos da poesia americana, com os seus impulsos, seus instintos humanos saídos da escola da Nova Inglaterra. Frost apanhou toda a dureza desta vida tremenda de sofrimento dos homens do campo e da angustiosa simplicidade da natureza, com seus rigores, com seus camponios, com seu bucolismo, seus aspectos humanos e humorísticos.

De certo, ides apresentar-nos a mensagem mística de Robert Frost, na sua grande vida obscura. Eu, que o vi, quando passou há pouco tempo pelo Rio de Janeiro, pude admirar-lhe a gloriosa velhice e a sua eternidade poética no encantamento daquela "*Fire and Ice*".

Vossa sabedoria, Professor ROD HORTON, irá mostrar-nos a beleza de um dos maiores poetas da Norte América.

A Academia vos agradece e vos sauda, nesse mundo de fraternidade e eternidade, que é o mundo dos Gongora, dos Jorge de Lima, dos Rimbaud, dos Apollinaire, Mallarmé, dos Baudelaire.

Recebei, portanto, as nossas saudações acadêmicas.
Eu vos saúdo!...

Os Ventos

THIAGO DE MELLO

Os ventos não nasceram. Já sopravam:
respiros em repouso, no recôncavo
do espírito pairante. Desde sempre.
Chegaram concedidos, em derrame
das narinas de Deus recém-movido,
inaugurando as calmas e as refregas,
semeando o mêdo à fome das coragens.

Ergueram-se as narinas. Tripartiram-se.
Sopram — ternas e eternas — ventanias,
em círculos irmãos, perante pânicos.
Os ventos são gerais: de amor se fazem.
Embora tragam iras e navalhas,
malgrado desçam dôres — são amor.
Porisso tripartidas, são narinas
de uma só cara: a Cara; espada e paz.

Os ventos sempre vêm, porquanto vêm.
Os ventos sempre vêm, ai, ninguém sabe
de onde é que os ventos vêm, porquanto vêm
da testa das esquinas; ninguém vê
quando é que os ventos chegam, ai, pois chegam
pelas frestas do tempo; ninguém sabe
para onde os ventos vão, porquanto vão
para o seu próprio cerne, que é o das almas:
no bôjo dos tufões a paz palpita.

Os ventos trazem choros e esperanças.
Trazem recados; não, pecados, não,
os ventos nunca os trazem, mas os levam:
parecem prantos, puros, quando os levam.
Os ventos sempre trazem, e trarão.
Trarão trombetas, uivos e sentenças.
Sobretudo trarão as grandes coisas,
as grandes coisas que todos verão.

Não tarda muito o estremecer das pétalas
da rosa. Rosa que comanda o mundo,
rosa de ventos, rosa mãe das águas.
Ai das barcaças caídas de branco,
das velas quebrantadas que se enganam
buscando paz de pódres calmarias.
No fim (escrito jazz) quatro serão
os ventos varredores de cadáveres.

Barco das nuvens, pasto das bandeiras,
relva dos sinos, asas das palavras
— os ventos sempre soprarão.
Nosso comêço funda-se no sopro
edificado em barro, e, findo o fim,
ficarão os narizes respirando
eternidade. (O fim dura mil anos).
E os ventos nunca nunca cessarão.

TOBIAS BARRETO

ARTHUR VIRGILIO

Tobias nasceu sob o signo do mérito, da bem-aventurança. Veiu ao mundo com a coroa luminosa que circunda a cabeça dos santos nas suas imagens. "Corria-lhe nas veias o sangue dos deuses".

Depois de proveitoso curso primário em seu torrão natal, depois de aprender latim e música, disciplinas de sua predileção, e de ser mestre-escola de boa fama, professor por concurso do idioma falado pelos antigos romanos, tendo, com 18 anos, dirigido aos seus discípulos, uma elegia, em latim — o jovem e talentoso sergipano partiu para Salvador, Bahia, com a idéia de tomar ordens sácras. Entrou no Seminário de Santa Tereza. Abandonando o desígnio, seguiu para a cidade de Recife, onde fez os últimos preparatórios, matriculando-se na vetusta e centenária Faculdade de Direito.

Acadêmico, concorreu à cadeira de latim, no "Colégio das Artes" e à de filosofia, no "Ginásio Pernambucano", obtendo o primeiro lugar. Colaborou nos jornais "O Acadêmico", "A Luta", "A Regeneração", "O Vesúvio". Formou-se aos 30 anos, em Ciências Jurídicas e Sociais. Fundou e dirigiu um estabelecimento particular de ensino secundário. Mudou-se para Escada, terra de sua esposa, dedicando-se à nobre carreira de advogado. Criou uma tipografia. Imprimiu diversos periódicos, inclusivè um, em alemão, "a língua dos sábios".

Dez anos depois, Tobias regressou à Capital do "Leão do Norte", com uma formidável reserva de cultura. Submeteu-se a ruidoso e memorável concurso para lente substituto da mencionada Escola Superior. Maravilhou a seleta assistência. Nomeado. Regeu as cadeiras de "Filosofia do Direito", "Direito Público", "Direito Criminal", "Economia Política", "Direito Eclesiástico", "Prática do Processo", sendo dessa última, lente catedrático. Do "Direito de Roma" possuía vastos

conhecimentos. Transformou a vida espiritual da cidade. Era o ídolo da mocidade acadêmica. Escreveu para "Correio Pernambucano", "Diário de Pernambuco" e "Jornal do Recife".

Já com a fronte ornada pelo barrete doutoral que, naquela época, valia tanto como a corôa — o insigne brasileiro foi nomeado professor *honoris causa* do "Instituto Livre", de Francfort, da "Universidade de Heideburg", e membro correspondente do "Clube dos Kosmopkilos", em Leipzig. Recebia cartas de muitos cientistas alemães e ponderava que "nunca eusou tomar a iniciativa dessa correspondência", acrescentando que "ela partia de lá". Jules Simon, conhecido filósofo francês, convidou Tobias para tomar parte nos trabalhos do Congresso Internacional de "La Societè des Gens de Lettres", observando Gianeto Costa, que a nem um outro americano fôra dirigido convite igual! Polyglota autodidata, filósofo, poeta, crítico científico, literário e artístico, jurisconsulto, orador, jornalista, advogado, professor, polemista, parlamentar, musicólogo, etc., Tobias, pelo seu talento de rara opulência, fulgurante, "foi tudo o que quis ser"; tornando-se uma brilhante e invejável exceção no ambiente intelectual em que vivia. Alimentava duas aspirações: ser senador do então Império do Brasil ou deputado geral por Sergipe, e ir à Alemanha, a fim de realizar conferências, em Berlim.

Cruel e pertinaz moléstia minava a existência benfazeja do ardoroso pontífice das letras; e, no começo da noite de 26 de Junho de 1889, apenas com meio século de vida, Tobias, entrava em dolorosa agonia, na casa de um discípulo; e iluminado do clarão de uma nova luz, mergulhou no sono profundo e eterno da morte; sendo o seu corpo inanimado entregue às expensas de um amigo, ao Cemitério de Santo Amaro, em Recife, por entre lágrimas e soluços, preces e rogações de sua desolada família.

Tobias, pobre de bens materiais, do berço ao sepulcro. Sofreu e sofreu muito, até na dôr alheia. Nunca auferiu vantagens do govêrno, nem favores da política. Fez-se por si mesmo. Pouco antes de morrer, comunicou ao seu amigo Silvio Romero, que "estava reduzido às proporções de pensionista da caridade pública". O gênio via-se preso à má sorte, triste, inerte, abandonado. Isto, no juízo de um seu discípulo, foi uma contingência natural do valor específico do Mestre. Mesmo assim, o sábio sentia a sua natural superioridade.

Shopenhauer escreveu: "O gênio é demasiado raro para mostrar com facilidade seus iguais, e muito diverso dos outros, para ser seu companheiro. Daí o isolamento, com o isolamento, a tristeza, com a tristeza, a inação, com a inação, a miséria. A luz do gênio é sempre incômoda aos olhos dos que de perto e face a face, a contemplam".

Tobias era humano pelo sofrimento físico, pela desventura; mas a posteridade se incumbiria de preparar-lhe a distinção imortal.

Latino Coelho, ao apreciar os infortúnios de Camões, disse: "Parece que, aos lauréis de que se tecem as corôas imortais, já vêm desde o princípio entressachados os espinhos, para que as fronteiras, que se afiguram divinas pela glória, mostrem que são humanas pela dor".

Nada disto, porém, neste vale de lágrimas, tem a força de surpreender e impressionar. Sabe-se que "muitos seguiram a Jesus até a distribuição do pão, mas poucos beberam com Ele o cálice amargo da paixão".

Em Aracajú, de Tobias ergue-se a estátua de bronze, em cujo pedestal, transportado de Recife, está a urna preciosa, que guarda as cinzas sagradas do famoso sergipano, honra e glória de sua terra, honra e glória do Brasil.

Sergipe mandou as obras completas de Tobias, para que (assevera um crítico), "a fama do eminente escritor possa atravessar as gerações e os séculos e se reconheça que o arrojado inovador, nelas realizou a mais alta expressão do gênio brasileiro". Antes, aquêlê Estado adquiriu a modesta casa em que nasceu o seu luminoso filho.

Em Recife, Aracajú, Niterói e Capital Federal, há ruas que no batismo cívico, receberam o nome festejado do egrégio e saudoso pensador, venerável relíquia de sua Pátria.

A "Academia Brasileira de Letras" tem uma cadeira em cujo espaldar, cintila e esplende o nome aureolado de Tobias; e aqui, na "Academia Amazonense de Letras", na Casa de Pericles Moraes e João Leda, fundou-se ultimamente mais uma cadeira da qual é patrono o glorioso sábio sergipano.

Tobias, o condor do século XIX, banhado de esplendor, caiu no regaço da imortalidade, e vive numa eternização refulgente, porque o seu espírito "vestido de sol, nunca desceu para a sombra, sempre subiu para a luz"!

Nos arquivos de João Leda

O discurso acadêmico que se vai ler, ainda inédito, é uma das páginas aurilavradas do saudoso vernaculista, que foi uma das glórias maiores das letras amazônicas. A sua figura colenda de humorista e panfletário, que tanto aprimorou e fez reluzir em todos os seus trabalhos, a língua portuguesa, aí transparece luminosamente nas modalidades singulares que lhe realçavam a supremacia, na atualidade brasileira, entre os mais eminentes mestres do idioma.

Sr. Felix Valois Coelho

Na sessão em que nossa Academia, por eloquente unanimidade de votos, vos deu ingresso em seu seio, num lindo gesto de reconhecimento dos vossos assinalados méritos, houve uma atitude de rebeldia que lealmente confesso, no tocante, ao confrade que devia receber-vos, conforme a ordenação do protocolo. Foi minha essa atitude rebelde, visto que fôra indicado meu nome para tão honrosa incumbência. Bem sabia eu que me privava de um imenso prazer espiritual, com a minha insistente recusa. Mas, não ignorais que aqui neste grêmio democrático, onde nos aproxima afetuosa cordialidade, onde um laço fraternal nos aliança, existe, a despeito de tudo isso, um poder discricionário, um poder que dita do alto os seus arestos, e êsses arestos são inapeláveis: é o poder presidencial. No caso a que estou aludindo, êsse poder foi exercido com império pela presidência eventual de Péricles Moraes, que me intimou à obediência da maneira mais formal, neutralizando-me dessarte a recusa e, com ela, as razões em que a fundava. Obedeci.

Era a primeira dessas razões minha ojeriza visceral aos tratos da tribuna, que, se já me seduzira noutros tempos, para saudar, em nome da companhia, lidadores das letras que por aqui transitavam, hoje, me inspira um sentimento diametralmente oposto. Explicará talvez o contraste o surdo rodopiar dos anos, que vae esmagando na sua entrosa as ilusões do pretérito, evolando-as como perfumes sutís. Era a segunda o entender eu que os tempos atuais clamam pela evidência dos moços nas primeiras filas, em tudo quanto respeita a coisas do espírito. Dentro dêsse critério pelidei por que um acadêmico jovem, sr. Valois Coelho, vos conduzisse à nossa casa. Contra êsse argumento sobretudo é que soberanizou a autoridade de Péricles, desaceitando-o, opugnando-o.

Na sua eterna primavera espiritual, não quis nem quer êle admitir que ambos pertencemos ao passado e sobre êsse passado já entoaram os jovens o piedoso "descansa em paz", cancelando, vetando assim os que tivemos a desgraça de não descobrir o segredo de rejuvenescer. Quantos vêm de longe, fatigados da extensão da jornada, ilusos ainda pela magia das velhas letras e da velha arte, sob cuja luz radiosa se construíram civilizações que orgulhecem a humanidade; quantos vêm de longe, esquecendo de bom semblante as agrestias do caminho para vibrar só com as reminiscências do gozo estético que fruíram; quantos se pasceram na contemplação quase mística das obras-primas do passado — estão a escutar agora, nas fronteiras do novo mundo espiritual que se descerra, o trágico pregão do auto-de-fé do patrimônio recebido da herança prodigiosa que nos legaram os séculos, mercê do labor e do gênio de gerações incomputáveis.

Surdem em todos os continentes os profetas irados e sombrios, anunciando a derrocada fatal. Em cada um, brame um verbo enfuriado, a intimar-nos a nós outros, os que já vamos descendo a encosta da montanha em busca da outra margem da vida, a formal abdicação dos ideais do passado, visto que não mais teremos um ponto respiravel na nova ambiência universal. Escutai, por exemplo, o titã americano que, na solidão dos pampas, conclama a juventude à construção do orbe do futuro — José Ingenieros.

"O século, diz êles, está cansado de inválidos e de sombras, de enfermos e de velhos. Não quer continuar nas crenças

das virtudes de um passado, que abismou o mundo na maldade. Quando uma geração se fecha no presente, não é juventude: sofre de senilidade precoce. Quando se volta para o passado, está agonizando. Confortam-se os néscios confiando na Providência; é mais seguro e mais digno confiar nas próprias forças”.

Assim, os que não mais se podem ensartar nos bandos cusados da juventude, para erigir a visionada arquitetura com desdenhosa repulsa às idéias, as fórmulas, aos cânones e às teorias vetustas, são positivamente demais no mundo. Estão sobrando, no expressivo dizer popular. Todavia, enquanto o teto do imponente edifício se compraz na benevolência de manter-se ao alto, para não abater-nos fulminantemente, eximemos dos destroços do passado, espanejando-a, desmaculando-a do pó, observando-a por dentro, a obra pin-darizada de Machado de Assis.

Apesar de humildes servos da tradição, permitimo-nos enunciar um pensamento, que de certo envolve paradoxo. Pensamos que uma obra literária, como a individualidade que a criou, não deveriam reviver jamais, senão em nossa íntima admiração votiva, e no culto, mais ou menos sincero, da nossa saudade. Um produto literário é o que é, o que ficou valendo no juízo definitivo dos contemporâneos. Não haverá loas nem ditirambos póstumos que lhe aumentem o mérito ou lhe acresçam o prestígio, se em verdade o têm, como não haverá hipérboles, nem jogos florais de verbalismo que o resuscitem para as admirações, se é essencialmente medíocre. Além de que, há uma como violação sacrílega de sepulcro em trazer a inquerito um escritor extinto e, com êle as suas lucubrações, descendo com escafandros a um e outras para minuciosa análise. A tradição acadêmica, porém, impõe essa revista aparatosa. A nosso ver, qualquer que seja sua índole, filtrará sempre uns traços de elegia, e isso de alguma sorte estende sombras nas recepções acadêmicas, que deveriam ser puramente alelúias, gratulações festivas aos companheiros que chegam, para acalentar-se nos mesmos sonhos e perseguir as mesmas quimeras.

Não há, porém, refugir à tradição. Reverenciemos os seus ditames.

Senhor Valois Coelho:

Majestosa na sua grandeza, refulgente na sua auréola, repassa na vossa admiração, que acredito sincera, a grande figura literária de Machado de Assis, que continúa a sustentar, sem rivais conhecidos, o cetro de príncipe da literatura brasileira. Contam-se por centenas as monografias, as conferências, os artigos esparsos de intelectuais de renome sobre o enorme vulto e a farta produção mental de Machado de Assis. É um filme de comprida metragem, onde se agitam figuras, ora estranhas, ora vulgares, falando, quase todas, em bom vernáculo; onde quadros impressionistas, às vezes rápidos e fugazes, se emolduram em linguagem de sabor clássico; onde, de longe a longe, riscam a prosa, como relâmpago, belos conceitos sobre arte e literatura. Machado de Assis é positivamente um mestre, é indiscutivelmente um artista; mas um artista que se clausurou dentro de si mesmo, vivendo como numa ambiência interior, indiferente e desdenhoso para tudo quanto não fosse o edificar da própria glória. Indefesso trabalhador das letras, compôs uma infinidade de livros, todos iguais a si mesmos, pela monotonia do estilo, pela aguada singeleza da forma, e semelhantes também, assim pela ausência desse forte colorido tropical que se reflete na facúndia do brasileiro, como pela carência do sentimento da terra nativa, que não raro incendeia as imaginações e empresta ao verbo uma eloquência desbordante, feita de luz, de cores e de sons. Será Machado de Assis, e sem sombra de dúvida o é, um excelso mestre do vernaculismo, mas não um esteta da linguagem, como o entendia Remy de Gourmont, isto é, com um profundo senso musical da língua. Se o negam os que lhe têm versado a obra, é que, precisamente por ser vasta, a maioria opinante se esquiva a percorrê-la toda, preferindo deslumbrar-se pelo contágio de algum devoto mais fanático, que a exalta e alcandora, como sem par nas nossas letras. Explorando o romance, o conto, o folhetim, a crônica ligeira, a poesia, Machado de Assis é sempre uniforme, sem altos relevos de estilo, sem grandes páginas que forcem ao êstaxe, subjugando as estesias refinadas. Não lhe vincam a prosa as imagens atrevidas, as metáforas imprevistas que cantam, que silvam, que estridulam como fretenir de cigarras na apoteose do sol e permitam descobrir no torneio verbal

em que se engastam, pela poderosa fôrça emotiva, uma possante e fogosa imaginação. Falta-lhe sangue forte na prosa, nervosidade, variedade pictural. Lendo-se Machado, tem-se a impressão de que êle punha na cabeça um capacete de gêlo para evitar que a imaginação se lhe vulcanizasse. Desprazia-lhe assim a movimentação febril dos períodos, êsse cachoar fraseológico que maravilha e hipnotiza, por exemplo em Ruy Barbosa, em cuja linguagem os vocábulos têm posição, como em pauta musical, para empolgantes efeitos sinfônicos.

A maneira de ser literária de Machado de Assis deriva da talvez, da sua misantropia, do seu carater reservado e solitário, das suas taras mórbidas, herança patológica que nêle exterminava todo germe da bondade, obstinando-o na concepção de tipos mais ou menos anormais: astuciosos, velhacos, hipócritas, todos rolando dentro de um humorismo aparentemente caricioso, mas revelando no fundo uma incapacidade visceral para a simpatia humana. Batista Pereira, num excelente estudo da personalidade moral de Machado de Assis, acentua a sua indiferença para com os nossos grandes movimentos políticos e sociais, para os quais nunca espiou sequer das janelas da sua torre de marfim. Também assinala Batista Pereira a sua insensibilidade diante da paisagem brasileira, que jamais lhe acordou a emoção embevecida, como se às nossas maravilhas naturais faltasse beleza autêntica para lhe seduzir o estro.

Destarte, só remanescerá de Machado de Assis o seu justo nome de prosador vernáculo. Mas êsse renome não precisa de ser sublimado com o estema de escritor perfeito, inimigo das dissonâncias, como o conceitua Carlos de Laet, nem sagrado com a hiperbole de mestre de incomparável harmonia, como pretendeu Alfredo Pujol. Harmonia na linguagem significa variedade na combinação dos sons para gratos efeitos auditivos, e Machado, é a tautofonia que enerva. Se Carlos de Laet nunca lhe topou dissonâncias, é que êle de certo não considerava como tais os cacófatos, os parequemas, a reiteração dos indefinidos um e uma, averbada como vício de grunhir, de suinizar a linguagem. E tudo isso está semeado nos melhores livros de Machado de Assis, ao lado de outros pecados maiores, como o uso anti-clássico do verbo "ter" com a impessoalidade de "haver", as deslocções violentas da par-

tícula "que", pronominal ou conjuncional, as construções sintáticas de feitio francês. Importa quase em calúnia o asseverar a senhora Lucia Miguel Pereira, que Machado de Assis sancionou a pretensa língua brasileira, proclamando assim o direito de a falarmos. Nada menos exato. Machado, quando se permitia transgredir a sintaxe vernácula ou deturpar a prosódia vocabular, debitava o delito aos negros boçais, à gente rude e ignara, e isso o atestam a "Casa Velha" e o "Dom Casmurro". Considerava-se êle próprio um aristocrata do nosso idioma, anotador infatigável de giros clássicos nas bibliotecas do Rio, e tão fanático da neologia dos prosadores lusos, que até parava na rua, como confessa em "A Semana", para registrar um verbo que lhe parecesse novo e de bom quilate. Aconteceu-lhe isso com a fórmula verbal "opacar" que o encantou e que aliás já corria desde muito nos escritos do incomparável Castilho.

Evidentemente, nada disso diminuirá a glória do notável escritor patricio, talvez o mais popular ainda hoje, pela simplicidade do seu estilo e pela sua resistência em filiar-se a escolas literárias. Se Machado não mereceu ainda a consagração da estátua em grande vulto, é porque, nesse particular de estátuas, a gratidão nacional aos homens de letras liquida suas dívidas para com êles, mediante um bustozinho melancólico em qualquer canto de jardim.

Como quer que seja, Machado de Assis é do passado, e o passado morreu. Trucidou-o a gente nova, a juventude que está a criar outro orbe, onde, em colossais fogueiras, serão queimadas tôdas as fórmulas antigas, ruirão todas as escolas, desabarão todos os monumentos artísticos.

Já ouvistes, senhor Felix Valois, o brado iconoclasta, o grito de subversão que ecoou sob os céus da America Latina, na voz formidável de Ingenieros. Escutai agora o profeta de outro continente, núncio também do pavoroso cataclismo: Ortega y Gasset. Deixou êle sua cátedra universitária de filósifo para pôr a arte do futuro fóra da humanidade, nos seguintes termos preempatórios:

"A arte do passado já não é, foi. Agora, é simplesmente passatempo, isento de patetismo e de solenidade. Temos de resolver os nossos problemas sem a colaboração do passado, sejam êles de arte, de ciência ou de política. O europeu está

só, sem mortos-vivos. O caminho real da arte é estilizar, é deformar a realidade, é não realizar; estilizar é desumanar”.

Ora, um homem do passado, como eu, que trago das lições aprendidas a convicção de que, em todos os séculos, o mais elevado objeto da arte é o homem, tenho que confessar embotada a minha precepção mental por não compreender a arte emancipada do elemento humano, como prega Ortega y Gasset. Da filosofia igualmente castelhana de Giner de los Rios, desce-me o postulado de que arte e ciência constituem os dois fins essenciais em que se resume a natureza humana, abraçando a vida inteira. E admitida a minha obtusidade radical diante do paradoxo — a arte consiste em não ser arte — recorro com aflição aos máximos exegetas dessa fórmula, um dos quais foi Benjamin Lima, cuja cadeira ocupais com muito brilho. E aqui está o que Benjamin me explica com bonomia, a propósito de Jorge de Lima, expoente dessa arte não arte: consiste em bulir infantilmente com bonecos e idéias; consiste em ser um menino impossível a quem se dêsse um pincel para pintar, um escopro para esculturar, uma pena para escrever prosa ou verso. E Jorge de Lima, ilustrando essa hermenêutica, apresenta-me a introdução do seu “Anjo”, onde, leio isto:

“Ilha Grande. Sala de jantar de casa colonial no norte. Um candieiro imponente. O menino rabiscava, rabiscava; 8, 9, 10 horas da noite”.

Procuro por minha vez ser hermeneuta e traduzo assim o monumental trecho de Jorge: Pedro Alvares Cabral ancora em Porto-Seguro, e Pero Vaz de Caminha, sentado no baú de Cabral, escreve ao rei lusitano, participando a boa nova.

E não penseis que faço humorismo, senhor Valois Coelho, porque eu vos apresentarei uma insigne autoridade em coisas de arte, como é Camilo Mauclair, e êle vos fará esta preleção magistral:

“Processo estético de um poeta ultra-modernista: contempla uma macieira e fala da árvore como se fôsse uma roseira, uma chaminé, ou um peixe”.

Se humorismo há em tudo isto, é o doloroso humorismo de Benjamin Lima, homem do passado, comungante fiel nas aras da arte e das letras do passado, esteta que extraiu das fôrmas antigas motivos de peregrina beleza, abjurar tudo isso por afeição pessoal a um escritor modernista, e afirmar sere-

namente que Jorge de Lima "crescerá tanto mais, quanto mais indiferente se fiser às tolas prescrições do estilo e aos pedantes preceitos da fôrma".

Com êsses materiais de indiscutível solidez é que os moços, jurando o extermínio de quanto floriu outrora, intentam amañhar sua maravilhosa arquitetura para abrigo do pensamento novo e da nova estética. Servem-se, porém, para isso de uma argamassa passadista, mal disfarçando a fraude na mudança dos nomes. É com efeito o freudismo o supedâneo da arte nova. Envolto nessa bandeira de combate, os jovens intelectuais conspurcam e sevandijam a poética, o romance, o teatro, as artes plásticas. O obsceno é o esmalte que dá a tudo viveza de colorido. A amnesia feriu de tal modo os artistas modernos, que lhes varreu da lembrança análogos processos, postos em voga pelo realismo e pelo naturalismo: ontem, fisiologia, anatomia, patologia, toda a ciência a cuja luz se pudesse descrever ou pintar morbidezas, monstruosidades físicas, aberrações sexuais; hoje, freudismo, ensejando painéis repugnantes, retraçando vícios repulsivos, com o realismo brutal de vocábulos torpes e salazes. Mas o naturalismo recebeu o anátema dos espíritos de eleição e o realismo foi fulminado por seus próprios criadores. Do primeiro, disse Anatole France que havia morrido de *saleté*; *contra o último*, lavrou Gustavo Flaubert uma sentença tão rude, tão deprimente e tão cruel, que de certo não pode ser escutada aqui.

Pensamos, pois, que Gasset desvaira e Ingenieros delira, quando conclamam a juventude a destruir as fôrmas artísticas do passado, a esquecer as velhas civilizações, a repudiar a herança dos seus monumentos de portentosa beleza. Os moços que escutam encantados a parlenda sábia dos demolidores e para ela encontram na atualidade anárquica um propício clima, sofrem apenas de inquietação nervosa que os leva a aspirar a um ideal, que êles próprios não saberiam definir. Anelam desesperadamente o novo, desconhecendo talvez que a humanidade, tendo vivido sempre de poucas idéias absolutamente originais, desdobradas através de infinitas combinações e de infinitas fôrmas, é impotente para descobrir o original em arte, como em tudo. Êsses anseios que os fazem vibrar agora são de todos os tempos, de todas as épocas, e um éco dêsse estado de angústia para atingir o

inatingível, no-lo transmitiu o torturado Fradique Mendes pela boca do nosso amado Eça de Queiroz: "produzir frases definitivas por meio de formas absolutamente belas". Já antes do Eça, buscando com frenesim o mesmo ideal de perfeição artística, Remy de Gourmont sonhava com "frases como nunca se escreveram, a um tempo claras, harmônicas, exatas, vivas, expugnadas de todo o parasitismo oratório, frases que se movessem como seres, que parecessem viver de uma vida deliciosamente fictícia, como criações de magia".

É o desespero humano para chegar à perfeição. Mas a perfeição é atributo divino e Deus não abdica dos seus privilégios. Convençam-se disso os moços, como os velhos já se capacitaram, e contentem-se com o que lhes pode dar a limitação do seu espírito, desistindo de transpor as barreiras do impossível, do sobrenatural.

Não pretendeis decerto, sr. Valois Coelho, arriscar-vos a essas escaladas de Prometeu para roubardes ao céu a centelha da inspiração. Menos ousado que os jovens do modernismo, vossos anseios de escritor e de poeta derivarão da própria ambiência humana em que viveis, abstando-se de disputar com a divindade, as suas excelsas prerrogativas. Vosso temperamento calmo e vossa reconhecida modestia são aliás penhor seguro dessa atitude intelectual. Esgrimista por vocação do perigoso estádio da Filologia, nem mesmo aí, onde os bravos torneios pela honra dos advérbios, dos pronomes e das conjunções não raro deixam vestígios de cicatrizes; nem mesmo aí tereis a volúpia felina de lanhar, dilacerar o antagonista. Asseguram isso os revides do vosso livro **ARRANHÕES**, em cujo saboroso contexto as garras se ocultam na maciez do veludo, tão incruentas como no criticismo literário, onde haveis provado com excelência as vossas aptidões. Quanto à vossa musa, acabais de demonstrar, vitoriosamente, a que vertiginosas alturas sois capaz de guindar o estero.

Senhor Felix Valois:

Le Dantec chamou à Sorbona seminário da Ciência. Permitti que eu chame à nossa Academia seminário das Letras, onde acabais de receber vossa ordenação e onde tive a alegria de acolitar-vos, nesta solenidade imposta pelas praxes acadêmicas. Em nome da companhia, pois, eu, cordialmente, vos saúdo.

A CADEIRA N.º 30

Palavras proferidas pelo escritor Pericles Moraes, presidente da Academia, na sessão solene de posse do poeta e jornalista Thiago de Mello.

O mais cintilante brasão espiritual que a Academia Amazonense de Letras poderia conferir a um poeta da linhagem de Thiago de Mello, era fazê-lo sentar na cadeira n.º 30, cujo patrono é Tito Lívio de Castro. Só esta legenda fulgurante valeria, desde logo, por uma consagração.

O filósofo-escritor de "A mulher e a Sociogenia", que Sílvio Romero chamou de jovem sábio de 26 anos, foi um dos representantes máximos das raças cruzadas no século XIX. Os outros eram André Rebouças, José do Patrocínio e Tobias Barreto. Mas o primeiro, esclarecia o rígido crítico de "Provocações e Debates", tinha fundo e não tinha forma. O segundo, ao contrário, tinha forma e não tinha fundo. Os dois últimos, entretanto, possuíam uma e outra coisa. Em Tobias, a imaginação poética e a intuição filosófica; e em Tito Lívio, a capacidade científica e o espírito construtivo.

Bastar-lhe-ia, a êsse jovem enamorado de Mnemósina, que tão galhardamente ingressa no limiar do sodalício planiciário, a dignidade dessa poltrona insigníssima para que se evidenciasse o alto aprêço dos nossos homens de pensamento pela magnitude de sua obra e pelo resplendor de sua inteligência.

Além de tão excelsos predicados, a cadeira conquistada por Thiago de Mello tem ainda sobre as demais uma significação de valor impressivo e eloquente. Assistiram-na, ou melhor ainda, imprimiram maior fulgor à sua tradição, três

figuras de lustre excepcional na história das letras amazônicas: Ribeiro da Cunha, Vivaldo Lima e Heliodoro Balbi. Não será fácil, num transunto vertiginoso, fixar a paisagem cultural dessa tríade luminosa. O primeiro, que eu conheci muito de perto dentro da obscuridade de sua vida silenciosa, na sua amável e sedutora intimidade, era um apóstolo. A paixão dos livros e o devotamento à causa do próximo, foram os atributos nobilitantes do caráter e da formação moral desse notável médico, generoso e humanitário, cuja existência é um paradigma de ilustração e munificência. Sim, porque Ribeiro da Cunha, acima de tudo, foi um cientista de relevante envergadura cerebral. Talvez bem pouca gente ainda se lembre do seu nome e das excelsitudes de sua bondade. Podia a sua vida ser considerada um modelo de nobreza e altruísmo. Apesar de velho, nunca se esquivou de enfrentar os percalços do seu apostolado. Não sei, no seu tempo, quem fosse tão moço como esse homem de passos tardos, cabeça branca e rosto enrugado, que conservava o *entrain* da juventude, resignado e consolando-se de viver entre tantas personagens que desaprenderam a arte de ser felizes.

O outro, Vivaldo Lima, era também uma figura simbólica do seu tempo. Médico e preceptor como Ribeiro da Cunha, a sua vida no magistério se transformou em sacerdócio. Ensinava por amor, por vocação, pelo império de um designio inelutável. Persuadido de que poderia legar às novas gerações os conceitos clássicos de sua sabedoria especializou-se em não poucas disciplinas universitárias, e os diplomas que conquistou testificavam-lhe o tamanho do merecimento. Foi médico, bacharel, farmacêutico, agrônomo, odontólogo. Era prodigiosa a inquietação da curiosidade desse homem raro, que escreveu alguns livros, embora em nenhum deles gravasse o sainete de sua imensa cultura. As contingências inhumanas da política, cujas paixões ele não soube refrear, desvirtuaram-lhe as trajetórias do espírito.

O terceiro, Heliodoro Balbi, que foi o fundador da cadeira nº 30, dir-se-ia o maior de todos, por ser uma expressão eterna da mentalidade amazônica. Postos em confronto, os seus sucessores parecem simples caudatários de um rio caudaloso, cujos vagalhões o transformaram em mar bravio. Porque Heliodoro Balbi, em todos os gestos e atitudes que lhe definiam

a personalidade, revelava-se sempre o homem integral, o homem perfeito, o homem de caráter imaculado, superior à época em que viveu. Evocando-lhe o nome neste momento, lembro-me que o apelidaram de Cid campeador amazônico, sem pertencer, é claro, à raça do truculento canibal das terras ardentes de Espanha, aquele Cid sombrio, amargo e vingativo que Jorge Leconte desmoralizou, caricaturando-lhe o arcabouço amaldiçoado. Mas Balbi era da estirpe do outro, o Cid cavalleiresco, encarnação do estoicismo, da lealdade e da bravura, que serviu de legenda à tragédia corneliana, o Cid que desafiava perigos e zombava das tempestades, conhecendo profundamente a arte de beirar os abismos sem neles se precipitar. Era assim a configuração moral do maior amazense de todos os tempos.

O seu perfil mental não se nos afigura menos envaidecedor. Heliodoro Balbi valia por uma enciclopédia viva. Escritor e artista de primeira água, pensador e sociólogo, as suas idéias estavam sempre em contacto com as correntes do pensamento antigo e contemporâneo, tendo a capacidade de renovar-se sem romper as tradições dos seus princípios humanísticos. Quando se amainavam os vendavais da política, era justamente no humanismo, capaz de dar à nossa vida um conteúdo de eternidade, que Balbi ia encontrar, fora da estreiteza dos instintos inferiores, dos interesses e das paixões, a fonte de sabedoria inexgotável que lhe dilatava os conhecimentos. Pensando sempre em voz alta, a sua palavra iluminada de orador, dos mais autorizados e eloquentes de sua época, servia de instrumento de propagação de suas realizações culturais e de todas as faculdades que elevavam e engrandeciam o homem, dignificando-lhe o pensamento.

Eis, em síntese, a corporatura mental dos vultos que enobreceram a poltrona n.º 30.

Não obstante a sua radiosa mocidade, Thiago de Mello traz consigo as credenciais de inteligência e de cultura que não o diminuem perante os seus predecessores. Além de ser um rigoroso e clarividente definidor de almas, um evocador de belos símbolos e, sobretudo, um criador de atmosferas, em todos os domínios da arte e da vida revela-se um puro artista. O seu nome se enfileira entre os mais destacados da nova geração de poetas. Mas neste período incrível de transição

literária em que os autênticos valores são destruídos a bombas de dinamite, Thiago de Mello é um renovador que não se deixa arrastar pelo redemoinho da demolição. Admira Bilac. Reverencia Alberto de Oliveira. Não menospreza Raimundo Corrêa. Vinculado às correntes modernistas que pretendem solapar os templos sagrados do academismo, o poeta de "Narciso Cégo" lança-se de peito aberto no redondel para profligar os que tiveram a petulância de pretender ofuscar a glória do aédo admirável de "O Caçador de Esmeraldas", riscando-lhe o nome da galeria dos dez maiores poetas do Brasil. A sua presença no cenário cultural metropolitano foi das mais vivas e espetaculares. Manoel Bandeira, Drumond de Andrade e Cassiano Ricardo tiveram palavras de efusivo louvor para os seus poemas — um colar de pérolas a lhes deslumbrar os olhos maravilhosos. Gilberto Freire afirmou que "Thiago de Mello é um jovem e admirável mestre que dá aos novos poetas um bom exemplo, que é o de não ser complacente consigo mesmo, o de só aparecer com versos que excedem o facil lirismo de que é capaz quase todo moço, quase todo adolescente, quase todo brasileiro em estado de efervescência sentimental".

Foi por tudo isso que nós o chamamos para o nosso convívio, apesar de conhecermos bem as limitações entre as antigas e as novas gerações. "Vangloriando-se de suas experiências, assevera Fernando de Azevedo, não aprendem nunca as pessoas de idade a se absterem sabiamente de dar conselhos que não são nem poderão ser seguidos; não se dão também conta do tédio profundo que causa ao jovem e impaciente auditório a narração interminável e vã de suas lembranças. Os jovens, por seu lado, são tentados a ter os antigos por extravagantes, quando muito, bem intencionados, e a não lhes dar importância alguma, mas não têm eles o dom profético que lhes faria distinguir a senilidade pura e simples da experiência da vida."

As gerações de ontem, as gerações de hoje! Que profundos conflitos de idéias e de sentimentos! Todos eles, entretanto, gravitando em torno da imortalidade acadêmica...

Nesta oportunidade, a preceito, aquela deliciosa *blague* de Guilherme de Almeida, recortada ao sabor de fino *humour* anatoliano: "A Academia, vencendo uma parábola santa e uma

fábula profana. A Academia, vencendo semelhante à vinha do Senhor, a qual muitos são os chamados e poucos os escolhidos; e, por mourejar na qual, pressurosos ou retardatários, todos, em vindo a noite, recebem igual dinheiro, o mesmo quinhão da imortalidade. Mas também a Academia vem sendo semelhante à vinha da fábula: astutas e lambareiras raposas não faltam que lhe lambam ou devorem os cachos fáceis ao rasteiro alcance da sua gula; mas que, ao farejarem debaixo os inacessíveis, opimos frutos que o sol no alto adoça e redoiira, despeitadas os depreciem e se afastem, aguadas, regougando desdens. . .”

Thiago de Mello, pelos surtos de sua inteligência, está definitivamente integrado aos destinos da nossa Academia, que o escolheu, que acolhe a todos indistintamente: os que se dizem e são julgados antigos; e os que são julgados ou se dizem modernos. Sejam quais forem os preconceitos de escolas, de religiões ou de credos políticos a que pertençam, contanto que sejam legítimos escritores, autênticos poetas, poetas de verdade, e que tenham, acima de tudo, cultura, inteligência, emoção e sensibilidade. Mas todos esses privilegiados a Academia reconheceu na poesia e no talento de Thiago de Mello. E foi por isso mesmo que escolheu para saudá-lo um dos seus mais resplendentes florões: o acadêmico Djalma Batista, humanista de prol, médico e escritor, grande médico, fascinante escritor, que é considerado, por todos os títulos que lhe exornam a eminente personalidade, o Georges Duhamel do Silogeu amazônico.

Será Djalma Batista — à tout seigneur, tout honneur — quem irá fazer, em breves instantes, o elogio da obra do altíssimo poeta de “Silêncio e Palavras” e dêsse milagre de perfeição que é “Narciso Cego”.

Discurso de recepção do Acadêmico Thiago de Mello

SENHOR PRESIDENTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

SENHORES ACADÊMICOS

MEUS SENHORES, MINHAS SENHORAS.

Chego a esta Casa como chegam os barcos às águas, como chegam as nùvens aos céus: a serviço de uma causa. Esta a verdade que, de começo, vos dou, com a mesma humildade de lavrador que, ao fim de muitos labôres, entrega à sua casa os frutos de um verão inteiro. Bem sabeis, senhores, que as águas, mesmo as nunca dantes navegadas, não são destino de barcos, como não é o céu o destino das nùvens. Os primeiros buscam os portos, sonham com os cais, os ancoradouros — onde as missões afinal se cumprem. E as outras só se realizam quando abraçadas ao chão, desfeitas em chuva. As águas e os céus, meus senhores, são apenas caminhos. E é assim que esta Casa se quer, para tanto, eu creio, ela se fêz: para caminho. Eis porque me digo chegado como barco. Tão somente por êste vínculo.

Não me tenho aqui como barco de madeirame rijo e de altíssimo mastro, ora a lançar-se neste mar, cobiçoso de descobertas e de glórias. Não, senhores. Abandonando as enseadas fáceis, cedo lancei-me às aventuras do mar. Barco porventura frágil e pequeno. Pode ser. Mas barco firme e fiel ao navêgo: assim tenho vivido, e assim me quero agora, quando incorporado a esta Casa, frota de muitas galeras, que tantas sendas já venceram e até inauguraram com as suas sábias prôes, com as suas largas velas abertas sempre aos ventos do mundo. É' verdade que dessas velas, umas poucas se fazem de rogadas, ou se esquivam ou se dão sem agrado, e outras há que se negam mesmo a certos ventos, posto que fartos e fecundos ventos.

E eis porque me digo chegado como nuvem. Pelos vínculos do roteiro. E tão somente por isso. Não está surgindo neste céu nuvem

que se cuide esperada ou se imagine de beleza extrema. Não. Ao bando de nùvens, uma se acrescenta, e, abraçadas, avançam vagarosas. Vagarosas? Sim. Pois, não obstante casos excepcionais, próprio é das nùvens o calmo caminhar. Sobretudo de nùvens acadêmicas. E' verdade que, de tempo a tempo, umas ou outras se deixam atresar. Escassês de ventos, direis. Pode ser. Entretanto, já ouvi contar de algumas delas, que gostam de remanchar, e de outras que se fazem de lerdas unicamente para disfarçar a pura implicância para com ventos que sopram do sul. Ah, muito se conta dessas nùvens. Dêsse muito, todavia, pouco há que fronteie a face da verdade. E êsse pouco é precisamente a indiscutível lentidão excessiva de algumas. Proposital ou não, o fato é incontestável: há nùvens remançonas neste céu. Por gentileza, não me faleis em velhice. Pois sei de várias, sei especialmente de uma — e esta nùvem se chama Péricles Moraes — que, à medida que se vão passando os tempos, mais vai crescendo nela o gôsto pelas andanças, mais se alteia a alegria ante a descoberta de rumos até então impressentidos no azul. De resto, quando autêntico, a nuvem não envelhece. Advirto que cansaço também não justifica atrasos. Aceito a escassês de ventos, admito até a implicância. Em fadiga de nuvem é que não creio. A menos que não se trate de nuvem, mas de névoa, de bruma, ou sucedâneos.

Porque não se desencanta nem se fadiga quem se deu ao serviço de uma causa sagrada. Seja homem, seja barco, seja nuvem. Mas é mistêr, em trabalhos assim, uma doação integral: e são poucos, eu vos afianço, os capazes desso entrega inteira, que exige coração e inteligência. Que, mui frequentemente, exige do homem uma decisão que, por carecer de fundamento lógico, por seu nenhum apôio nesta coisa frágil e illusória a que chamamos o mundo real, é uma decisão irmã do ato de fé no Cristo Filho de Deus. Decisão que tem muito do absurdo filosófico nascido com o movimento da fé realizado pelo homem que crê: — o maravilhoso e absurdo "salto", de que nos fala Kierkegaard.

Atendendo a chamamento, senhores, aqui estou. Honrado, mas desorgulhoso. Dono de um dever que, por mistêrio, se quiz meu. Para prosseguir num ofício que, também por mistêrio, se fêz meu.

Ouvistes, senhores, que foram de confidência as minhas primeiras palavras. Disse-me chegada a serviço de uma causa. E disse que esta causa é das sagradas. Já é instante de vos revelar a que, sem sombra de engano, já adivinhastos ou pressentistes, ao longo desso andança que comigo fizestes até aqui, palmilhando um caminho feito de verbo, mas também e sobretudo de alma, pois já de longe entendo que a palavra

da boca é sempre inútil, se o sopro não lhe vem do coração. Já é instante de vos confessar que venho para a Academia Amazonense de Letras a serviço da Poesia. Nesta Casa estarei cumprindo designios que, entre austeros e meigos, me têm sob o seu jugo — que ora é como o jugo de milhões e milhões de sóis tombando simultâneos sobre os tristes açudes que são os meus olhos, afeitos apenas às luzes da cidade; e ora é como o jugo de escuridões se alastrando pela clareira escassa da inteligência, onde arde, pequenina, a brasa do conhecimento. Entre perplexidades e júbilos, hei de ser constante e dócil aos mandos que, súbitos, me chegam não sei se de alturas ou de profundezas: somente sei que me chegam, impresentidos sempre, sempre banhados de aurora.

Advirto, contudo, que com isso não estou fazendo um voto. É longe de mim o propósito de juramento solene, que, aliás, não cabe aqui, como também não cabe no meu jeito de lidar com os elementos da arte literária. Ilustres membros desta Academia: quando me destes a honra do sufrágio unânime, agistes movidos por critérios de arte, em nome de valores tão unicamente de arte. Falo assim, não por me ajuizar digno da láurea que me conferistes, muito menos para insinuar que, como em certas Academias, outros fatores se fazem ponderáveis na vossa escolha de candidatos a esta casa de cultura. Aquela referência, se a fiz, foi para vos trazer a decisão, à maneira de testemunho. Porquanto nada que esteja fora do campo literário e artístico — nada há de ter influenciado em vossa decisão. Simplesmente porque de outros valores não disponho. Pelo menos de valores que costumam pesar — e pesar muito — lá para as bandas do sul, onde os méritos de cultura e de obra, nos catejos de candidatos à Academia, já se vêem sobrepujados por virtudes outras, menores e até alheias às letras. Como já adverti que minha vaidade, por muita que seja, não dá para que me cuide dono de virtudes tão valoráveis, encontro agora gosto e desenvoltura, para, de passagem, dar-vos uma palavra de louvor por isso de não terdes adotado, nesta Casa, aquêlê costume sulino, que além de maléfico à vida acadêmica, é nocivo à própria tradição cultural de nossa pátria.

Por afeição à verdade, admito que entre vós talvez se contem uns poucos que me não conheçam os livros editados e portanto desconheçam o que tenho de mais autenticamente meu: os poemas que componho, quando Deus é servido. Admito ainda que outros saibam de mim através somente da crônica diária que mantenho, há bom tempo em importante órgão da imprensa carioca. Nessa atividade intelectual, por imposições do próprio ofício, sucede que a limpidez e o tom literários com frequência se maculam e até se extinguem, para dar lugar ao

muitas vezes necessário tom jornalístico, que se quer direto e prosaico. De qualquer modo, também nas crônicas de jornal, vai um tanto de mim; em matéria de forma, vai o estilo, e em matéria de fundo, a cada passo vou deixando um pouco do que carrego nos desvãos da alma. Assim, graças a esta comunhão entre fundo e forma, ainda que algumas vezes desartística, pode um leitor lúcido e sensível colher nesses trabalhos de imprensa, elementos que, não sendo os mais característicos de minha natureza literária, darão pelo menos material bastante a formar uma idéia de superfície.

Mas, salvo engano, há de ter havido acadêmico que me aprovou o nome sem nenhum contacto anterior com a minha palavra escrita. Votou pelo nome, ouvido alhures, talvez muito por alto. Se de fato houve tal voto, e se bem concluo, não me posso esquivar a uma confidência: comove-me êste voto, mais do que todos os outros. Comove-me pelo que êle encerra de harmonia, de distinção e de altitude ética. Mas sobretudo me comove porque, mesmo vazio de intenção, não deixa de ser, ao fundo, um voto de confiança dado a um desconhecido. A acadêmico tão nobre, o desconhecido que lhe sou entrega hoje uma palavra de gratidão, e promete, para breve, entregar-lhe outras coisas, de beleza porventura pobre, apenas para que êle possa, em silêncio e perante si mesmo, confirmar o seu voto, ou negá-lo desencantado.

Meus senhores, a serviço da Poesia me tenho na Academia Amazonense de Letras. A esta verdade, acrescento outra, acaso mais alta, que vai no âmago desta simples confissão: a Academia não me fará mais rico de arte e de engenho. Nem a mim, nem a ninguém. Nem de arte, nem de engenho, nem de riquezas outras, chamadas do espírito. Por muito a Academia dá um título, dá uma láurea, com a qual, aliás, os frívolos e os desocupados tentam construir uma tôrre, de onde possam ter o mundo a seus pés. Ainda bem que êsses são poucos, e todos malogram: tarde descobrem que a tôrre não é de marfim, mas de areia — lá um dia vem a chuva, e a tôrre se desmancha. Esta láurea — e nada a mais — eis tudo o que a Academia pode e deve dar. Pois se querem bem outras, e opostas mesmo às almeçadas pelos últimos ingênuos, os relações entre a Academia e os acadêmicos.

Meus senhores, a Academia, sim, é quem deve receber. Pode inclusive reclamar. Tem todos os direitos de exigir. A Academia é a Casa, meus senhores: e a casa será tanto mais caso quanto maiores forem o amor, o zêlo e as edificações dos que nela moram e portanto a compõem. Dever de seus membros é alteá-la sempre, em constante trabalho, todas em permanente zêlo pela sua própria criação literária. Sem

isso, vai a Academia aos poucos se desfazendo do próprio espírito, que é o seu fundamento e a sua explicação: espécie de seiva a circular, invisível mas de poderosa presença, através de todo o organismo. Já em seu acontecer histórico, na Grécia da antiguidade, a Academia floresceu dos diálogos entre Platão e seus discípulos. De boca em boca, o Belo era ao mesmo tempo resguardado e propagado. E à sombra de um bosque de álamos, eis que se erguia o espírito acadêmico, que se condensava precisamente nisso de resguardar e propagar as chamadas letras, designação que nos dias modernos tende a restringir-se às produções literárias, mas que na verdade abrange todo um patrimônio de cultura e de arte. Por esse patrimônio — seja obra de um tempo, de um povo ou de uma região — responde ou deveria responder a Academia. Há que resguardar o que se fez clássico para melhor propagar. E só através da obra e da ação coletiva de seus membros, pode uma Academia cumprir a parte que lhe cabe, grave e difícil, na edificação e permanência de uma cultura. No discurso que proferiu ao encerramento dos trabalhos da Academia Brasileira de Letras no ano de 1897 — justamente o ano em que ela se iniciava — o grande Machado de Assis, seu primeiro e maior presidente, com a sua fala límpida e macia, depois de anunciar os planos para o ano vindouro, exigiu dos acadêmicos fundadores nada mais do que constância. “A constância — ponderou o nosso maior escritor — se alguma faltou a homens nossos de outra esfera, é virtude que não pode morar longe desta casa literária”. E o propósito da missão maior da Academia — a de “trabalhar pela expansão das idéias humanas” — o mesmo Machado, com aquela sobriedade tão sua, não sonhou nem pediu grandes tarefas. A Academia, disse êle, faria o que estivesse na medida de suas forças. Que forças? O autor de “Dom Casmurro” foi claríssimo: “na medida de suas forças individuais e coletivas”.

Academia, meus senhores, significa amor. Significa trabalho. O mesmo trabalho que Rodin recomendou ao poeta Rilke, na primeira visita que êste, muito tempo antes de escrever as famosas Elegias de Duino, fez ao genial escultor em seu atelier de Paris. Rilke pergunta: de que precisa o artista para se tornar um grande. Rodin, esculpindo um torso que se faria famoso, responde de pronto: — E’ preciso trabalhar, trabalhar muito, trabalhar sempre.

Estou certo, meus senhores, de que se nas Academias, neste como nos demais, cada membro, além de dar a sua arte, contribuisse com um pouco de trabalho e outro pouco de boa-vontade, inclusive para interferir junto aos poderes mal chamados públicos, estou certo de que aconte-

ceriam verdadeiros milagres na cultura brasileira contemporânea — milagres patrocinados com exclusividade pelas Academias, para espanto a mágoa dos que, durante o dia, erguem lanças contra esta instituição, para de noite sonhar com uma poltrona, e até com um fardão.

Mas a verdade é que êsses milagres, posto que simples e fáceis, não têm encontrado, para florescer, um páteo propício nestes tempos modernos. Tempos em que, contudo, se fabricam — e dizem que a bem da cultura — milagres maiores e mais espetaculares e também mais terríveis com uma simples e pequenina bomba das chamadas atômicos. As academias, quem sabe resignadas, se fazem de cegas e de surdas, enquanto o seu espírito, de acadêmico se vai convertendo em academicista, que é a sua própria negação. Já não resguarda o seu patrimônio, mas apenas o guarda, quase com avareza, talvez com temor. Cerram-se os acadêmicos entre as paredes da intolerância e do tabu, eliminam do tempo o presente e o futuro, e retrocedem a cânones extintos a milênios. Entrementes, lá fora, as bombas fazem os seus milagres.

Por tôdas essas coisas, sabidas e reconhecidas pelos nobres acadêmicos amazonenses — felizmente ainda acadêmicos e não academicistas — por tudo isso é que, no intuito de bem fazer a minha parte, hei de assumir nesta Casa a mesma humilde e talvez corajosa atitude por mim assumida rolam já largos tempos: servir da melhor maneira à Poesia, e dela fazer o centro mesmo de minha vida. Do que tenho feito, nestes últimos seis anos, muitos já contaram; tantos já me dedicaram artigos que me honraram e comoveram; já recebi muita palavra carinhosa a propósito dos meus livros. E, no entanto, vos digo: acho que tudo o que fiz foi muito pouco. Como também acho que ainda não mereço a posição literária que me foi dada pela crítica contemporânea no quadro da moderna poesia brasileira. E' certo que o julgamento crítico de uma época nem sempre é válido para outra. E, ao fim das contas, o que importa é a obra pronta, a coisa escrita e lançada ao tempo. O mais, é esperar que o tempo se manifeste. Por enquanto, digo de meu intuito: trabalhar mais e melhor. Pois os dias se passam, e mais de mim vou legando ao meu ofício.

Ora, é fácil concluir, por isso, que o meu ingresso nesta Academia em nada há de alterar nem a minha vida nem o meu trabalho. Não mudarei de meio de expressão: seguirei com o mesmo que Deus me ajudou a encontrar. Nem mudarei de sintaxe, que, a meu entender, aliás, é uma espécie de idioma próprio a cada escritor. Restem os planos, que são poucos: trabalhar com a Academia, cumprindo o dever de ajudá-la na realização de uma obra cultural em benefício do povo e

particularmente da juventude do nosso Amazonas, tão carecida de arte e de orientação literária. E trabalhar pela Academia, que, por sua vez, anda precisada de abrir mais os seus janelas, e de realizar obras várias, a serviço das letras tanto estaduais como nacionais.

No mais, só me resta propor à Academia que se decida a entrar na suave peleja a serviço da Poesia. Estou que esta proposta demanda muito jeito e muito vagar. Melhor talvez seja começar pedindo pouco: pedimos digamos uma demão a um acadêmico, depois a outro, e a outro. Com pouco — porventura depois de discussões em plenário em torno de poética — a Casa inteira se poria a campo, com parnasianos, simbolistas, românticos, modernistas, além de escolas avulsas, fôdas em harmonia, todos de mãos dadas, trabalhando juntos na causa da Poesia, realizando conferências, debates, recitais, estudos e muito mais. Meus senhores, eu vos confesso que acredito neste milagre da Academia.

De certo já reparastes, senhores e senhoras, que nenhuma referância fiz, até agora, ao patrono da cadeira que venho ocupar nesta Casa; e que, com isso, estou desatendendo a um esquema ou roteiro a que geralmente obedecem os discursos de posse nas Academias. Ora bem. Concedo que o meu discurso se afasta o seu tanto do esquema. Mas não aceito que tenha havido desatenção, que, como sabeis, é irmã do desrespeito. Esclareça-se que nem sempre rotina e tradição se confundem. Pode haver abandono de rotina sem magoar, nem de leve, a tradição. É o nosso caso. Discurso de posse é peça literária. Demanda portanto composição e estilo, que são as colunas mestras da personalidade do escritor. Foi justamente esta que despreferiu a rotina. Daí a composição dêste discurso. Ao cabo das contas, todos são iguais enquanto membros de Academia, mas cada qual tem o seu modo particular de ser acadêmico.

Creio que a grande maioria desta sala não sabe quem foi o patrono da cadeira que ora me é confiada. Creio mesmo que muitos agora lhe ouvirão o nome pela primeira vez: Tito Lívio de Castro. Mas fique tranquila a sala: nenhum demérito pode haver nisso. Porquanto mesmo para os rodas das letras, para escritores e estudiosos de literatura, o nome de Tito Lívio de Castro é hoje praticamente desconhecido. Entretanto, um contemporâneo seu, no fim do século passado, Silvio Romero, então o crítico mais categorizado, afirmava com entusiasmo que Tito Lívio conquistara "o mais alto posto que já foi dado ocupar por cérebros brasileiros". Diz isso, diz muito mais, e a certo passo, adverte que "parece chegada a hora de seu nome receber os aplausos de todo o Brasil".

Pois chegou o novo século, chegou a República, um e outro já andam velhucos, mas não chegou ainda a hora daqueles aplausos. É possível, contudo, que ainda chegue. Não se perde por esperar. A menos que a hora já tenha chegado, e o Brasil tenha cruzado os braços, ficando o escritor sem os aplausos que o crítico anunciara, quase em vaticínio. Pode ser uma coisa, pode ser a outra. Inclino-me mais para a segunda: a hora chegou, os aplausos é que não chegaram, ou chegaram minguados demais. A meu favor, aliás, aí está o nome de Lívio de Castro ligado a uma cadeira de Academia. Este foi um dos aplausos, que, de resto, não somente indica a alta categoria do homem de letras, mas vai além. O nome na cadeira implica em reconhecê-lo um clássico. Pelo menos de acordo com a mecânica acadêmica. Mas a bem da verdade, esclareço que muito acadêmico há, entretanto, que também conhece pouco ou quase nada de Tito Lívio. Um houve, dono por sinal de larga erudição literária, que com humildade largou a confiança: de Tito Lívio, sabia o nome, e só o nome; da obra, sequer uma linha. Com esta revelação, deixo inteiramente à vontade os que, sendo apenas curiosos ou amorosos das letras, também não conheciam Tito Lívio, e por isso se desconfiaram incultos. Desconhecer um autor, ainda que genial, não é sinal de incultura. Haverá casos imperdoáveis: um Dante, um Cervantes, um Camões e outros dessa eterna envergadura. Dêses, na pior das trevas, pelo menos há de rebrilhar o nome. Do contrário, é que o cidadão já se inclui naquela casa, a que o povo, em seu fundo saber, chama de a casa do sem jeito. Porque o jeito mesmo é morrer.

Tenho agora magnífica chance de enriquecer o discurso com virtudes estilísticas. Mas acho que prefiro perdê-lo. Bastaria dizer que eu próprio só ouvira o nome de Tito Lívio de Castro no recente dia em que me designaram a cadeira. O estilo me tenta seduzir, dizendo que em literatura o que vale é a beleza da forma, nada mais. Pondero que seria uma deslealdade minha para com a memória do patrono. Prefiro perder a chance. Afinal de contas, o patrono é hoje só, o estilo é companheiro de todos os dias. Vamos ao patrono, isto é, vamos à verdade.

Descobri Tito Lívio de Castro há bons anos passados. O nosso encontro se deve ao ócio. Era numa fazenda ao sul de Minas, onde os dias são longos demais, e as noites são quase eternas. Frequentemente acontecia que, de súbito, se abriam clareiras na tarde. Clareiras de tempo. Em vão tentávamos preenchê-las com os encantos da serra e os engenhos do campo: tudo era pouco. O tempo ficava maior do que a vida, e então surgia o ócio. Foi quando decidi ler, como quem lê romance, os cinco

tomos de Silvio Romero sobre a História da Literatura Brasileira. Como os dias continuaram infinitos, continuei na leitura e, lá uma tarde, dou com um Tito Lívio de Castro, bem a meio do último volume.

Era um capítulo inteiro. Li tudo. Da crítica de sua obra, dias depois eu pouco me lembrava, acabei lembrando de nada. Mas guardei comigo, ou em mim se gravou, não sei, a impressão que me causou a leitura da síntese biográfica do tal escritor, aliás feita com muita arte, na qual Romero chamava à vida de Lívio uma "espécie de elegia de um deserdado". Pouco esqueci da breve história da vida também breve de Lívio, um homem "que não tem biografia, a não ser a biografia interior e velada do seu coração e da sua inteligência".

Tito Lívio de Castro, meus senhores, era um mestiço enjeitado. Com dias de nascido, foi abandonada à porta de uma casa qualquer. Era manhã na cidade imperial de São Sebastião do Rio de Janeiro. Manhã embora, estavam de vigília os anjos guardadores de crianças. E logo valeram ao menino. Instantes depois a porta se abria, vinha um homem e acolhia o enjeitado. O homem deu-lhe casa, deu-lhe carinho, deu-lhe também um nome: Tito Lívio (que o tal homem, além de bôa alma, tinha bôa leitura). Mas achou que o nome pedia mais: e inventou-lhe um Castro, bem melhor que o seu próprio: um simples Pais. Manuel da Costa Pais: merece registro por inteiro o nome deste cidadão português que, com amor e trabalho, e até mesmo com sacrifício para mantê-lo nos estudos, fêz do menino enjeitado um homem de sabedoria e de talento, sábio em muitas matérias, um homem verdadeiro, enfim, a quem a morte ceifou quando apenas iniciava a sua obra. Morreu Tito Lívio de Castro aos 26 anos de idade, deixando apenas três livros, todos de publicação póstuma.

Sabe-se que outros autores, com menor número de obras, com uma única até, tornaram-se nomes nacionais e duradouros. Há que considerar, porém, no caso de Tito Lívio, a idade com que foi arrancado à vida. Pode-se objectar, então, que no Brasil mesmo, outros morreram mais jovens ainda, e deixaram um legado artístico que, através dos anos permanece vivo em nossa literatura. A favor de Tito Lívio de Castro, é preciso considerar também a natureza da obra deixada por esses artistas arrebatados à vida em plena juventude. O nosso Álvares de Azevedo, a exemplo, morto aos 21 anos, é hoje àste nome nacional e bem-querido. Castro Alves é outro: mal saíra dos vinte anos quando a morte o levou. Mas, pelo que fêz, é hoje o Castro Alves que todos amamos. Cabe lembrar ainda o caso de Rimbaud — o francês genial que, voluntariamente cessou de escrever, para sempre, aos 19 anos de

idade, ombrenhando-se em seguida no silêncio e na solidão das selvas africanas. Entretanto, só a que escreveu na adolescência, bastou para fazer de Rimbaud uma das glórias de França, um dos orgulhos do gênero humano. Reparai, porém, que tanto Castro Alves, como Álvares de Azevedo ou como Rimbaud, todos deixaram obra poética. Os seus poemas, é claro, permanecem porque belos, porque compostos de tessitura perene. Os seus nomes se incorporaram à nossa literatura tão somente pela qualidade poética de seus versos. Mas a poesia, meus senhores, bem sabeis que acontece quase como um estado de graça. Decerto demanda trabalho: o da feitura do poema, que, só excepcionalmente, exige um tempo longo, como é o caso de alguns poemas de Valéry e de Mallarmé; sem falar nos longos e cíclicos poemas, tais "Os Lusíadas", a "Divina Comédia", o "Paraiso Perdido" e, para citar exemplo nacional e recente, o caso do esplêndido "Invenção de Orfeu", do grande Jorge de Lima, que trabalhou anos a fio na composição desta obra que se inclui entre as mais altas da poesia de nosso tempo, ao lado dos poemas de um Eliot, de um Eluard, de um Garcia Lorca, e também de um Manuel Bandeira, de um Carlos Drummond de Andrade. No geral, contudo, meus senhores, é brevíssimo o espaço de tempo consumido pela composição de um poema. E este trabalho, no qual se lida com material de palavras — sílabas, sonoridades, ritmo, sintaxe, estrofes, etc. — é daquêles em que o poeta pode revelar extrema perícia antes mesmo dos vinte anos, sem falar nos poetas que agem apenas pela intuição. Já o labor da prosa, se não é mais árduo nem de maiores virtudes, carece de métodos e pesquisas e artificios alcançados só com a madureza. Métodos, pesquisas e artificios que variam também com a natureza da prosa. Tito Lívio de Castro teve na prosa o seu elemento de expressão. De seus livros, porém, nenhum é de ficção, onde a vida se inventa e logo se escreve. Um é de ciência e de filosofia, outro mais de ciência, e outro que reúne ensaios literários. Nele, o ato de escrever dependia sempre de anteriores estudos, uma página escrita era o resultado de pesquisas muito mais demoradas. Em tais obras, senhores, o tempo também conta, e conta muito. Participa do próprio ato de fazer como se fôsse um elemento na composição. Por isso é que geralmente são obras de quarentões. Tito Lívio, que sequer chegou aos trinta, aos vinte e cinco concluía "Alucinações e Visões", resultado de muito estudo, vigília e talento. O livro trata das alucinações tôdas a que estamos sujeitos nós, pobres criaturas humanos. Estuda-lhes a natureza, a origem, as influências. Mas sobretudo estuda o alucinado: suas reações, seus desvios de personalidade. O psiquiatra e o filósofo se conjugam

para investigar os problemas maiores do conhecimento, da sensação, da percepção, tudo ou quase tudo dentro do roteiro evolucionista.

Mas a obra mais importante de Tito Livio de Castro é sem dúvida "A Mulher e a Sociogenia". Escrito há mais de meio século, o livro, pelo seu caráter científico, já se ressentia da ação do tempo, do progresso da ciência, como também do próprio mecanismo social, que se encarregou de destruir grande parte das premissas do livro. Por muitos motivos, entretanto, ainda paga a pena da leitura. Trata-se de uma "pequena contribuição para o engrandecimento da consciência como fator da evolução humana". Quem diz isso é o próprio autor, num breve prefácio. A posição da mulher na sociedade e a sua contribuição como fator sociogênico — esta a matéria debatida ao longo de quatrocentas páginas, por onde vai Livio de Castro, sempre grave, negando, destruindo, concluindo: amparado sempre e somente em dados de ciência. Ele mesmo, aliás, de saída, previne: "À ciência e só à ciência pedimos os nossos argumentos". Este tom da advertência, confesso, me pareceu um tanto enfático. Um tom quase ofensivo às outras pobres coisas deste mundo que não tiveram a glória de ser científicas. Ora, senhores, como se de fato as ciências tivessem explicação para tudo, coitadas das ciências.

Manda a praxe acadêmica, meus senhores e minhas senhoras, que se erga o panegírico ao patrono. Digo-me dócil à praxe. Entretanto, mais dócil e submisso me quero aos mandos da verdade com que se quer trabalhada a arte literária. É esta verdade que me impede uma inteira louvação ao patrono. Pois me tenho em desacôrdo com a maioria grande das conclusões a que Tito Livio chegou em "A Mulher e a Sociogenia"; um livro que afirma e se esforça por demonstrar a inferioridade da mulher. A mulher tem menos cérebro que o homem; a mulher não pode compreender o que a média masculina compreende; a mulher representa na sociedade o tipo mais remoto; a mulher está, psicologicamente, em uma era pre-civilizada; a mulher não é capaz de grande atenção; a mulher não crê porque é absurdo, crê porque é medonho. Tais, e tantos outros, são os conceitos de Livio de Castro em sua obra maior. Não cabe refutá-los aqui. O próprio tempo, que deu ao mundo a estrutura social moderna, onde a mulher desempenha, em igualdades de condições com o homem, quase todos os ofícios, alguns até em prejuízo da própria feminilidade — o tempo já desfaz e dissolve em brume o corpo dessas premissas. Na verdade, o tempo foi e segue sendo o grande adversário de Tito Livio de Castro. O tempo, sim, que parece ser o grande coração do mundo.

Fôrça é rovelar, ainda, que não estou com Lívio de Castro em seu quase despreço ao coração. Para êle, é o cérebro o fundador de verdades, a bússola dos barcos. O elemento inteligível governa e predomina sôbre o elemento sensível. Em certo passo de sua obra, êle declara firme que só pelo cérebro se vai ao coração — e sempre ao amparo da ciência. Meus senhores, entendo eu que o coração é fundamento do mundo. Em página antiga, aliás, já cheguei a sonhar que se erguesse de vez, para benefício humano, a diferença entre coração enquanto órgão e coração enquanto morada da poesia e do amor. Que se passasse a nomear o órgão tão unicamente de miocárdio, e se deixasse coração para designar êste recanto do peito, êste secreto pouso aberto por Deus nos campos de nossa alma, para residência das verdades. Por isso mesmo que Salomão nos aconselhou que sôbre tôdas as coisas a guardar, que guardassemos o nosso coração, porque dêle é que procedem as saídas da vida. Que um, o miocárdio, seguisse com as suas sístoles e as suas diástoles, com a sua meiga válvula tricúspide, com os seus ritmos e os seus belos labôres. E seguisse o outro, o coração, com os seus sortilégios e os seus anjos, os seus deslumbramentos e as suas viagens, os seus mitérios e as suas encantações — como uma grande casa de milagres que o homem leva no ômagô do ser: uma grande casa de muitas janelas, abertas sempre para as manhãs do mundo.

Bela tradição, meus senhores, é a da cadeira que esta Casa ora me estende. O último a ocupá-la foi Vivaldo Palma Lima, o cientista e homem de letras, o dr. Vivaldo Lima que esta cidade tanto amou, o professor e o médico, o velho Vivaldo, como o tratávamos nós, alunos do Ginásio Amazonense Pedro II, que o tivemos por mestre na cátedra de Química, que naqueles idos dos 1930, aliás, se escrevia com ch e se pronunciava tão ginasionamente, chimica. Deixai, meus senhores, que eu realmente lembre essas coisas tão pequeninas em aparência, mas que, em realidade profunda, nos dão a própria dimensão da vida. Deixai que, por um instante apenas, eu regresse, caminhando pelo chão da memória, ao território maravilhoso e abandonado da adolescência, para ali reencontrar o meu querido professor Vivaldo, de quem dizíamos o velho, jamais por desrespeito, mas sim e sempre por uma grande ternura. Deixai que eu reencontre o mestre querido, em antiga e clara manhã de maio, na velha escadaria do Ginásio, para dêle receber, como outrora, em dádiva inesquecível, aquêlo sorriso doce, quase de criança. Deixai que eu revêja, comovido, aquela figura mansa, de homem com muito de anjo, por sinal sempre vestido de branco, como convém aos anjos.

Antes de Vivaldo Lima, ocupou-o Manuel José Ribeiro da Cunha, o nosso Ribeiro da Cunha, sábio cujo viver se transfêz em patrimônio da cultura do Amazonas. E antes de todos, o primeiro a ocupá-la, inaugurando-a, Heliodoro Balbi. O múltiplo e exuberante Heliodoro Balbi. O grande Balbi, como a êle se refere, em página comovida e comovente, o presidente desta Casa. Espírito fecundo, Balbi, com a sua vida, marcou uma época em seu tempo. Nêle, a grandeza humana se abraçava à altitude intelectual, ambas impelidas por um talento abençoada. Abençoado porque numeroso, porque de muitos braços e de muitas bôcas. Ao jornalismo, à advocacia e ao magistério deu o melhor de sua vida — um melhor que, por seu, era muito, e era grande. Mas era largo demais o seu gênio, profundo e largo, para caber inteiro apenas nessas atividades. Balbi deu-se a mais, dando mais à sua terra e aos seus contemporâneos. A filosofia e a poesia também tiveram em Heliodoro Balbi um local servidor. Foi na oratória, entretanto, que o gênio do primeiro ocupante desta cadeira alcançou a sua forma de realização mais ampla e mais genuína, como o artista que, dono de múltiplo engenho, encontra num certo ramo de arte o seu verdadeiro meio de expressão. Está claro que era a palavra o meio de expressão do artista Balbi. Mas principalmente a palavra falada. "Tribuna até a medula — disse dêle mestre João Leda — perante uma multidão que, rumorejando na praça pública, lhe estimulasse os clamores de vingador popular, confiando-lhe ao patrocínio a reivindicação de um direito, a obtenção de um ato de elementar justiça, inflexivelmente negado pelos governos". Desta fala de João Leda, conclui-se que o nosso Balbi também se deu à Política. E' verdade, senhores. E foi única e precisamente na Política, onde Balbi malogrou, de onde não saiu vitorioso. Nem era possível a vitória. Já naquele tempo, meus senhores, embora menos que hoje, vencia em política não o que corria melhor, mas o que chegava primeiro, jamais importando os métodos da carreira. Nem era possível a vitória, para quem praticava a Política dando-lhe o mesmo e autêntico sentido ateniense, que dela faz o arte de promover o bem-estar público. Balbi fêz Política tão somente com as armas do direito, da justiça, da dignidade e do amor à causa pública. Era inevitável o malôgro. A inversão de valores já se fizera àquela época.

Resta deplorar que de atividade intelectual tão fecunda nada ou quase nada tenhamos como testemunho imparecível e amado. E' por demais escasso a obra publicada de Heliodoro. Sequer um livro. Uns poemas, uns artigos, e pouco mais. Na pelega pela permanência do

nome do escritor, o tempo demanda-lhe a palavra escrita. Há portanto lugar para o temor de que, à medida que os anos se passam e as graças se sucedam, vá se tornando pálida e morrediça a brasa viva e aguda, acêsa por êsse gênio nas entressombras dêste pedaço de mundo. Não obstante, confio no durar da glória de Heliodoro Balbi. A sua vida largamente vivida, o seu coração de grande sofredor, o seu talento vário e gigante, fincaram-lhe o nome no acêrvo cultural do Amazonas, como quem finca uma bandeira numa pátria de fábulas.

Eis-me ao fim desta oração. Mas não concluo sem entregar, à maneira de mensagem aos membros desta Casa, um poema de Fernando Pessoa, o maior poeta português depois de Camões. Breve e maravilhoso poema, êste que vos lerei, que traz, por título, "D. Duarte, Rei de Portugal":

"Meu dever fez-me, como Deus ao mundo
A regra de ser Rei alinou meu ser,
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprido contra o Destino o meu dever.
Inútilmente? Não, porque o cumprido".

Ao transcrever êste poema, surgiram-me na lembrança aquêles versos do amado Shakespeare, que para mim se incluem entre as coisas mais belas já escritas por humana mão — os versos que esplendem na "Tempestade", quando Prospero adverte que a festa chegou ao fim. "We are such stuff as dreams are made on, and our little life is rounded with a sleep". Somos feitos da mesma substância dos sonhos, e nossa vida, tão breve, está sitiada pelo sono. Frágeis e finitos, feitos com a bruma dos sonhos, submissos às garras suaves do sono, nós homens somos todavia capazes de, entre labores e vigílias, presentir e alcançar um pedaço de eterno e, humildemente, entregá-lo ao tempo, dando sentido e beleza à própria transitòriedade do mundo. O que permanece — escreveu o grande Hoelderlin — é fundação dos poetas. Mister é entretanto um trabalho amoroso e constante. Sòmente assim aquêles que por dom e graça, praticam a arte literária, podem cumprir o seu dever, podem cumprir inteira a sua missão de artista, que é a de ser mensageiro do eterno ao tempo, e é, sobretudo, a de dar testemunho do seu tempo à eternidade.

Notas Acadêmicas

IN MEMORIAN. — Registamos com a mais profunda consternação o falecimento do ilustre professor Carlos Marinho de Paula Barros, sócio correspondente desta Academia e Presidente da Associação de Artistas Brasileiros. Filho do Capitão de Mar e Guerra Horácio Nelson de Paula Borros e dona Virgínia Marinho de Paula Borros, o notável poeta e homem-de-letras teve a sua carreira literária e artística assinalada por gloriosas ascensões. Bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Livre do Rio de Janeiro. Colaborou assiduamente no “Jornal do Comércio”, em “O Jornal” e nas revistas “Ilustração Brasileira”, “Vida Doméstica” e “Vida Infantil”. Seus raros conhecimentos artísticos fizeram-no respeitado onde quer que se cultivassem as belas artes. Regeu com proficiência e distinção a cadeira de História das Artes do Brasil, no Instituto Municipal de Belas-Artes. A inteligência fecunda do dr. Paula Barros deixou as seguintes obras: “Muirakitans”, “Paraiso Verde” e “Yara Poranga”, versos de encantadora urdidura estética; “Laguna, a grande epopéia”, “Maranduba”, “Romance de Vila-Lobos”, “Legendas de Glórias”, “Calendário” e outros trabalhos de indiscutível merecimento. Fez a tradução de “O Guarany” e de “O Escravo”, de Carlos Gomes, para serem cantados em língua brasileira. O passamento do pranteado homem de letras verificou-se no dia 22 de Julho último, sepultando-se às 17 horas do mesmo dia no cemitério de São João Batista. A memória de Paula Barros será reverenciada no próximo número da Revista da Academia Amazonense de Letras.

* * *

O “Jornal do Comércio”, de nossa capital, em sua edição de 31 de Julho último, noticiou a morte do eminente escritor com o seguinte tópico brilhante e impressivo:

“Apaga-se, na terra, uma cintilação intelectual. O presidente da Academia Amazonense de Letras recebeu a notícia do falecimento de Paula Barros. Nesta semana, que hoje termina, um fato profundamente doloroso aos círculos da intellectualidade brasileira se registrou: faleceu Paula Barros! Uma enfermidade insidiosa, desafiando toda a amplitude dos conhecimentos médicos, antes de torná-lo inerte, o atingiu, prostrando-o ao leito por quase um trimestre. Mas, nem assim, nem mesmo diante de uma fatalidade inexorável, quantos privaram com o insigne artista deixaram de sentir rude golpe. E’ que, na trajetória das conquistas da inteligência, Paula Barros, cuja atuação, através de jornais e revistas da metrópole, ainda adolescente, o credenciaram beletrista e magnífico historiógrafo, preferindo as vias ensolaradas e os signos enluarados da arte, que o elevaram a um símbolo, seduzia pelos vínculos do coração. Onde quer que brilhasse uma inteligência, ao contrário dos mediocres que sentem o recalque dos superiores atributos alheios, êle procurava, de logo, aproximar-se para a estimular ainda mais. Alma escancarada às pulcritudes da vida, disciplinada pelos augustos princípios cristãos, não vacilava, em todos os instantes e por diferentes formas, de trazer, aos seus semelhantes, o conforto de sua palavra reanimadora e rehabilitadora. Professor de História da Arte, intérprete lúcido e admirável das obras-primas da Música e da Pintura, da Escultura e da Literatura, de seu cérebro, assemelhado a um astro em permanente esplendor, prefulgiam as centelhas do gênio da Humanidade. Ainda há pouco, numa de suas iluminadas inspirações, num livro de poesias, Paula Barros, entre imagens seduzentes, interpretava os principais episódios da História de nossa Pátria. Não somente episódios, como erigia, semelhantes a estátuas helênicas, os vultos da nacionalidade. O presidente Pericles Moraes, o insigne dirigente de nossa Academia de Letras, vem de receber a pungente notícia do desaparecimento de Paula Barros, que transitou para o mundo dos eleitos do Senhor, e, aos acadêmicos a transmitiu, estando sendo estudada qual a homenagem a ser prestada ao fúlgure beletrista”.

ELEIÇÕES NO SILOGEU. — Com o falecimento do saudoso Acadêmico João Leda e a renúncia do Acadêmico Washington Mello, registraram-se na Academia as vagas de

vice-presidente e bibliotecário. Para as funções de vice-presidente foi eleito o Acadêmico André Vidal de Araujo, figura consagrada de escritor e sociólogo, cuja obra lhe grangeou renome nacional. Para o cargo de bibliotecário foi sufragado o nome do Acadêmico Mithridates Alvaro de Lima Corrêa, figura das mais cultas e brilhantes do sodalício amazônico.

CONFERÊNCIA.— Na presença de seletíssimo auditório, o professor Rod Horton, da Universidade de Nova York, no dia 4 de Julho transato, no Salão de Conferências do Silogeu, proferiu notável ensaio em língua portuguesa, em torno do celebrado poeta americano Robert Frost. O conferencista foi saudado em cintilante oração pelo Acadêmico André Araujo, seguindo-se na tribuna o Acadêmico Felix Valois Coelho, um dos mestres abalisados do idioma vernáculo em nossa terra, que lhe fez honrosas referências à maneira lúcida e penetrante de compreender e solucionar em tão pouco tempo de residência no Brasil os problemas e as dificuldades da nossa língua.

NO PRELO. — Anunciamos com prazer a próxima edição de dois novos e interessantíssimos livros do Acadêmico Raul de Azevedo: “História sem fim” (Memórias) e “ Pretos e Brancos”. Com as obras em apreço o notando escritor opulentará ainda mais uma vez a sua vasta bibliografia.

SUCCESSO ASSINALÁVEL. — Tem encontrado grandes ressonâncias nos círculos forenses da Capital Federal e da União, os dois volumes do notável criminalista Carlos de Araujo Lima, intitulados “Os Grandes Processos do Júri”. O autor, que é sócio correspondente de nossa Academia, analisa com superior visão os processos criminais de maior repercussão nacional, nos últimos tempos, entre os quais “O Julgamento do Tenente Bandeira”, e que tanto abalaram os círculos sociais e políticos do país.

* * *

Sobre o novo livro de Raul de Azevedo, reproduzimos do grande vespertino “A Tarde”, a refulgente crônica assinada pelo preclaro Acadêmico Aristophano Antony: —

“ELISABETE”

Quando cheguei ao Rio, há pouco mais de um mês, Raul de Azevedo avisou-me, gentilíssimo como sempre, que havia remetido para Manaus, para o meu enderêço, um exemplar

do seu "Elisabete", livro de contos e teatro. Aqui chegando encontrei, realmente, a oferta preciosíssima do meu venerando confrade, nome dos mais cintilantes da literatura luso-brasileira, pela sua qualidade de escritor eminente, que tem dado às letras contemporâneas romances, crítica, crônicas, ensaios, conferências e contos, além de colaboração diuturna aos órgãos de imprensa, do país e do estrangeiro. Na sua idade, o seu trabalho intelectual é, realmente, espantoso, pela multiplicidade dos assuntos que aborda e pelo sentido estético que todos possuem.

* * *

E não sente vontade de parar o seu trabalho mental êsse infatigável escritor patricio, pois está anunciando, para breve, mais quatro livros, sendo um romance, um de ensaios, outro de crônicas e, finalmente, o último de episódios da sua vida. "Elisabete", aumentando a sua já volumosa bagagem literária, veio demonstrar que o espírito de Raul de Azevedo permanece luminoso, como nos idos da sua mocidade, quando se impôs, pela fulgurância da inteligência e pelo poder criador, a admiração da crítica nem sempre amável elouvaminheira. Contestado embora por uns, que não conseguiram, jamais diminuir a sua auréola de homem de pensamento e de cultura, o confrade eminente nunca chegou a se aperceber dos seus inimigos.

* * *

O que se não pode negar ao romancista, nem esconder do ensaísta, do cronista, do conferencista, do contista e do crítico, é a simplicidade do seu estilo, no retratar figuras e idéias, é reconhecer o seu poder de síntese e as vibrações constantes do seu espírito em face das variantes da beleza e da vida. Em "Elisabete", Raul de Azevedo confirma as suas excelentes qualidades de escritor, que sempre é lido com agrado pelos temas que escolhe e sabe desenvolver com sutileza e penetração delicada. Vinte e oito livros constituem, até agora, a sua recomendável e discutida bagagem literária, toda ela cheia de emoções, de colorido, de paisagens, de sentimento, atestado êsse, eloquente, do seu reconhecido aprumo mental.

ARISTOPHANO ANTONY

CORRESPONDÊNCIA

Do eminente escritor e jornalista dr. Povina Cavalcanti recebemos a seguinte carta:

“Meu caro Pericles Moraes:

Peço-lhe que me desculpe tanta omissão no cumprimento dos deveres de amizade. Com efeito, devo-lhe, a par da penitência, um caloroso agradecimento pela distinção, que me conferiu, propondo o meu nome para sócio correspondente da Academia Amazonense de Letras. A esta, de tanta proeminência, cumpre-me dizer que a eleição me desvaneceu sobremodo e que ainda espero ir a Manaus fraternizar com os eminentes confrades, que me consideraram digno de pertencer a sua nobre companhia. Neste abraço de afeto e emoção, que a V. endereço, meu querido Pericles Moraes, sinto que os abraço simbolicamente a todos. Havemos mister de unir a família literária, tão dispersa por êste Brasil a fóra. Ergamos, pois, essas pontes de Norte a Sul, com o significado de uma integração espiritual destinada a vencer as grandes distâncias geográficas do nosso país. Lamento, apenas, que o meu tempo gasto, sem poder de remissão, nos deveres profissionais, me impeça de dedicar-me, de corpo e alma, à obra dessa aproximação. Tenho, todavia, uma enorme reserva de simpatia e entusiasmo a empregar na consecução dêste ideal.

Creia-me, meu excelente Pericles, seu devotado amigo e admirador.

POVINA CAVALCANTI

Rio. Julho, 1955.”

* * *

Do ilustre escritor português Victor A. Alves de Sousa, ex-Consul de Portugal neste Estado:

“Meu prezadíssimo amigo dr. Pericles Moraes —

Como não enviar-lhe as minhas mais vivas condolências pelo falecimento do saudoso professor João Leda, eu que adivinho a sua grande dor pela perda do confrade e amigo de tantos anos!? Para avaliar dessa amizade, bastará ler a carta interessante dirigida ao Padre Nonato Pinheiro, encontrada no espólio do saudoso morto. Que nobre coração e que encantadora modéstia ali se não desenharam! E que precioso espírito ela não revela! Diz-se que os mortos esque-

cem depressa. Não atribuo à expressão maior significado. Abandonei Manaus em 1932, mas João Leda esteve sempre presente no meu coração e dele conservarei respeitosa memória enquanto vivo fôr.

Peço-lhe, dr. Pericles Moraes, que me considere o amigo gratíssimo de ontem, de hoje, de sempre.

VICTOR A. ALVES DE SOUSA. Santar (Nelas) —
Portugal — 21 de Julho de 1955".

* * *

Do nosso brilhante conterrâneo escritor e poeta dr. Almino Alvares Affonso.

"Professor Pericles Moraes
Manaus
Mestre e Amigo:

E' com embaraço que só agora lhe agradeço a gentileza da remessa dos dois últimos números da Revista da Academia de Letras do Amazonas, cuja leitura vale como um reencontro com a cultura de minha Terra. Desnecessário dizer-lhe o quanto me desvaneceu a fidalguia de sua lembrança. Gostaria mesmo de continuar recebendo, regularmente, a revista, a-fim-de que o caboclo não se afaste de suas raízes.

Tenho o prazer de comunicar-lhe que, após mil e uma peripécias, conseguí as suas obras, à excepção de "Figuras e Sensações". As demais esmaltam agora a minha biblioteca. Confesso-lhe que, para colimar êsse fim, não me pude limitar à estreiteza da bitola da legalidade. Mas, em verdade, só será lícito o que fôr legal? A licitude, a meu vêr, confina-se no justo; e o justo tem uma dimensão que nem sempre pode caber nas lindes da lei.

Sua última obra, que recebi de suas próprias mãos -- "Leopoldo Peres" —, lí-a de uma assentada. Dela melhor eu não poderia dizer do que se, por curioso, me limitasse a transcrever o que o próprio Leopoldo Peres escreveu após a leitura da "Vida Luminosa de Araujo Filho". Dir-se-ia que, por intuição de gênio, ele levantara, antecipadamente, o pórtico da obra que o haveria de consagrar.

Renovo os meus agradecimentos pela sua atenção e as desculpas pela demora em os apresentar. E' que estou em plena campanha eleitoral, disputando a vereança da Capital.

Recomende-me, por obséquio, ao Professor Mario Ypiranga e ao Moacir Rosas.

Meus respeitos à sua excelentíssima senhora.

Amigo "ex corde".

ALMINO ALVARES AFFONSO

São Paulo, 9 de Agosto de 1955".

* * *

Do insigne escritor maranhense dr. Antônio de Oliveira:
Prezado confrade Dr. Pericles Moraes:

Não pode o amigo calcular a satisfação imensa que me causou o recebimento de sua amável carta de 7 do corrente. Demorei em responder à sua bondosa missiva porque estava aguardando a publicação de um pequeno ensaio meu sobre as personagens de "O Mulato", trabalho sem a menor importância como obra de arte literária, dadas as pressas com que foi alinhavado. Quando publicar esse modesto artigo em folheto, escoimado pelo menos de cinquenta por cento dos cochilos, senões e "gatos" que ali semeei, então submeto-lo-ei à benevolente apreciação do mestre de "Coelho Netto e sua obra".

Li, na mesma noite em que a recebi, a Revista dessa notável agremiação de homens de letras, que o amigo teve a incomparável gentileza de me oferecer. Aprendi muita coisa a respeito da vida desse incansável batalhador do vernáculo que foi João Leda, vice-presidente desse sodalício.

Agradeço, ainda, a promessa de enviar-me o 3º número da Revista, assim que fôr publicada. Aqui, ofereço-lhe os meus poucos préstimos em tudo que lhe possa ser útil. Recomende minha apagada pessoa aos ilustres pares dessa Agremiação de Letras.

Do amigo e patricio agradecido

ANTONIO DE OLIVEIRA

Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1955".

Resenha Bibliográfica

O ilustre escritor Murilo Menezes, vulto do maior relêvo da Academia Paraense de Letras, acaba de publicar "A Capital do El Dorado" (Crônica Sentimental de Belém, e comentários sobre alguns dos seus Problemas). Trata-se, evidentemente, de uma obra de intrínseco valor literário e histórico, que muito honra a inteligência e a cultura do seu autor. Dedicado ao eminente mestre do jornalismo brasileiro, que é o sr. Paulo Maranhão, o livro de Murilo Menezes é todo consagrado aos homens e às coisas da sedutora capital guajarina, e deve figurar nas estantes dos estudiosos de assuntos planiciários.

* * *

O excelente poeta e escritor Petrarca Maranhão, do quadro de sócios correspondentes de nossa Academia, fez editar mais um livro de poemas, dos melhores do seu estro inspirado — "Ronda de Estrelas", que vai tendo grande aceitação nos círculos intelectuais metropolitanos.

* * *

Recebemos e agradecemos:

ELISABETE (Contos e Teatro) — Raul de Azevedo, Editora A NOITE, Rio de Janeiro — O escritor Raul de Azevedo, requintado prosador e notável dramaturgo, cujo nome tem obtido fortes ressonâncias no mundo das letras, acaba de publicar excelente livro onde enfeixou alguns deliciosos contos e impressivas peças de teatro. Os livros de Raul de Azevedo prendem pelo magnetismo das visadas psicológicas e pela magia do estilo, a um tempo simples e colorido. Subscrevemos de todo em todo o aresto verdadeiro de Gustavo Barroso — "Na sua obra, nos seus romances, palpita a vida".

OURO E LAMA — Georgenor Franco (Belém, Pará — 1955). O eminente escritor paraense, depois das vitórias retumbantes do seu livro de estréia *POEIRA DA MINHA ESTRADA*, cuja edição se esgotou rapidamente, alcança novos triunfos com o livro *OURO E LAMA*, que anda pela terceira edição, índice irrecusável da preferência obtida nos arraiais literários. Lendo essas páginas emotivas, somos forçados a sentir, como o enalteceu Oswaldo Orico, “a presença de um escritor que se armou cavaleiro para os nobres prélios da inteligência”.

O SILÊNCIO DA NOITE — Sylvio C. de Oliveira (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1954). É um poeta modernista, mas sem as extravagâncias dos que pretendem representar o modernismo, êsse movimento assás discutido pela crítica contemporânea. Versos brancos, mas plenos de vida e de inspiração, Sylvio C. de Oliveira abeberou-se da soledade fecunda da noite silenciosa, nela encontrando a genitrix dos grandes pensamentos que informam sua obra literária. A obra garante-lhe tôdas as consagrações da glória.

PELAS MÃOS DO VENTO — Alonso Rocha (Gráfica Falangola Editora, Belém, 1955). O jovem poeta paraense obteve galhardamente o 1º prêmio de poesia de 1954 do concurso anual de Literatura da Academia Paraense de Letras. Seus versos musicais, cantantes, peregrinos, brotam da castália inexausta do seu opulento subjetivismo. Embora sintá toda a poesia que palpita na natureza, Alonso Rocha volta-se para o seu mundo interior, para suas emoções íntimas, e da cornucópia de sua alma de poeta haure a abundância de suas criações estéticas. O inspirado bardo surge no cenário das letras como Palas Atenas eclodiu da cabeça de Júpiter, soltando um grito de vitória!

Recebemos ainda “Cobra Norato e outros poemas” de Raul Bopp; “LÍRICA”, de Garcia Rosa; “Américo Vespucci e suas viagens”, de T. O. Marcondes de Souza; “Antologia del cuento en Cuba” (La Habana, 1953); “Cantilena” de Renato Travassos; “O Drama de Jerusalém”, de Dagoberto Cruz.

Com especial relêvo registramos o recebimento de dois excelentes números da Revista da Academia de Letras da

Bahia e da Revista da Academia Cearense de Letras. Os órgãos dos dois gloriosos sodalícios de cultura brindam-nos com páginas magníficas de antologia, em que as pedrarias faiscantes das imagens peregrinas esplendem sôbre o oiro finíssimo da mais genuína linguagem portuguesa.

IN IPSIS MAGIS CHRISTUS SUSCIPITUR

“Porque neles se recebe mais a Cristo”, — os pobres, os peregrinos, os doentes, os hospedes, os que sofrem serão venerados, como se fossem o Cristo Vivo, — tal a essência, o sentido e o espírito da “Regula”, — obra extraordinária daquela excepcional figura que é São Bento, asceta e místico reformador do monaquismo.

Esse conceito vital, que é uma imprimagem da forma de Cristo na pessoa do beneditino, vem a propósito da leitura que acabamos de fazer da obra de D. Ildefonso Herwegen, abade de Maria Laach, na notável tradução dos monges do mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, em uma das edições de “Lumen Christi”.

Obra sapientíssima em que se analisa a “Regra” de São Bento, cheia e embebida do espírito pneumático do monaquismo, no seu mais alto conceito de vocação cristã.

Obra cheia de verdades admiráveis, como os temas sôbre a “*conversatio morum*”, “*opus Dei*” e, especialmente do monaquismo como essência da Vida de Cristo, segundo o princípio misterioso que é o Cristo Pneuma isto é, da Igreja de Cristo em Pentecostes, saindo para o mundo em conquista do mundo.

A posse do Cristo-Pneuma é a participação na vida divina por meio do Espírito Santo, fato que se realiza exuberantemente no batismo, ocasião em que o Pneuma que nos é dado, é também o de Cristo, segundo a autoridade imensa de Herwegen.

O livro é extraordinário pelas verdades que revela, especialmente aos leigos, aos que fazem de tudo, na vida, ensejo para o apostolado de Cristo, especialmente, os que são Cristóforos, os que levam Cristo para a vida pública, para a vida cultural, para a vida literária, para a vida do mundo.

Há muitos anos, nós, que vivemos constantemente a ler as maiores autoridades em matéria de fé católica, — não lemos um livro de tanto poder místico, de tanta beleza moral, de tanta erudição cristã.

Pelo espírito da regra beneditina, o monge mantém pelo vivo o espírito da *parusia*, isto é, da aparição do Cristo. Nesse espírito que se torna um desejo constante, alicercia-se toda a vida monástica.

Problemas dessa natureza são abordados pelo grande autor do livro. Todos os capítulos da regra são analisados com profundeza extraordinária.

Nas palavras finais, agita questões e teses profundas da antropologia beneditina. Em verdade, a "Regula Monasteriorum" tem uma antropologia que nos é sintetizada pelo gênio de Herwegen. No livro encontramos a tipologia de São Bento. O *homo colens*", o "*homo faber*", o *homo urbanus*", o *homo sapiens*", o "*homo profanus*", o *homo rationalis*", o "*homo technicus*" o "*homo religiosus*".

Em verdade, São Bento aceita somente esses tres tipos humanos: "Homo Colens", "homo faber" e "homo urbanus".

"O sentido e o espírito da Regra de São Bento", que os monges do mosteiro do Rio de Janeiro traduziram, para a "Coleção Monástica", enriqueceu a bibliografia beneditina de um dos seus maiores monumentos, devendo-se assinalar a coincidência de ser esse comentário, o primeiro a aparecer em português.

Com esse trabalho, espiritualmente, poucos serão os homens que não sejam atraídos à "schola dominici servitii".

"Fiat pax in virtute".